



PURA MALDADE

Vândalos depredam praças do Centro Histórico e bairros de JP

Pichações, bancos e brinquedos quebrados são cenas comuns nas mais de 200 praças da capital. **Página 7**

Caminhos do Frio chega a Solânea, cidade de tradições e religiosidade

Município localizado no Brejo deve receber 30 mil visitantes durante a programação que começa amanhã. **Página 8**



Foto: Divulgação

MPPB estuda disciplinar uso das praias do Seixas, Bessa e Penha

Promotora Carla Cabral observa que houve, em Cabo Branco e Tambáú, um verdadeiro "loteamento".

Página 4

Frio aumenta sofrimento de quem vive em situação de rua

As baixas temperaturas e as chuvas no inverno são desafios para quem está em vulnerabilidade social.

Página 5

Foto: Divulgação/Empadinha Barnabé



Mercado de olho no consumo dos pets

De opções de lazer a cardápio especial, empresas apostam e criam produtos específicos para os animais.

Página 17

Brasil estreia, amanhã, contra o Panamá na Copa do Mundo

As atletas brasileiras jogam, amanhã, às 8h, a primeira partida do Mundial disputado na Austrália e na Nova Zelândia. A competição marca a despedida da jogadora Marta (na foto ao lado) da Seleção Brasileira.

Páginas 21 e 22

Foto: Reprodução/Twitter



■ "No ambiente em que minha mãe foi criada, educada numa casa de leitoras do Evangelho, privada da linguagem livre, só reinava o que podia agradar".

Gonzaga Rodrigues

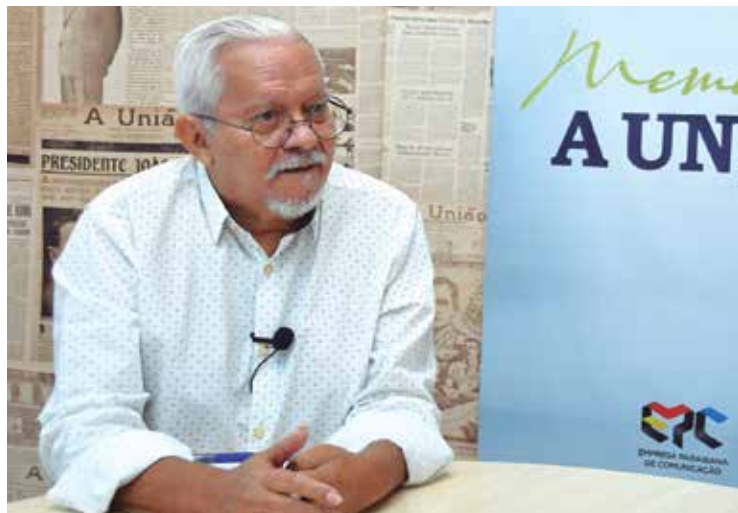
Página 2

■ "Existe o mal-estar de aceitar a certeza de que a sociedade está adoecida pela imutabilidade do mau, gerada pela brutalidade humana".

Klebber Maux Dias

Página 10

Foto: Edson Matos



Memórias

Wellington Farias: "Furo" e densidade nas reportagens

Foi ele quem primeiro divulgou, no Brasil, um plágio de Zé Ramalho e quem primeiro entrevistou Elizabeth Teixeira. Amava o inédito.

Páginas 14 e 15



Pensar

Hedonismo, a doutrina ou filosofia de vida que defende o prazer como finalidade da vida humana, é o tema do caderno Pensar deste mês. Saiba como nasceu essa filosofia e suas consequências atuais.

Páginas 29 a 32

Editorial

Autoestima

O complexo de vira-lata, conceito elaborado por Nelson Rodrigues na década de 1950, comportamento autodepreciativo de muitos brasileiros e enaltecedor dos estrangeiros, particularmente frente aos europeus e norte-americanos, persiste no Brasil. É comum, em pleno século 21, testemunhar a baixa autoestima nacional em contrapartida de jogar louros aos feitos estrangeiros. Mais ainda, é rotineiro o aplauso tupiniquim aos feitos de cidadãos de outras nacionalidades.

São muitas as figuras brasileiras que, ao longo da história, realizaram feitos marcantes e que dão orgulho ao país. Um deles é o “Pai da Aviação”, o mineiro Alberto Santos Dumont, cujo sesquicentenário de nascimento ocorreu na última quinta-feira, dia 20. Ele foi o primeiro homem a fazer um voo controlado em um objeto mais pesado que o ar, o seu 14 Bis, feito registrado em 1906, em Paris, França. Hoje pode parecer nada especial, mas a história mostra quão revolucionário foi a conquista de Dumont.

A lista de grandes brasileiros prossegue. Como não considerar a obra caridosa de personagens como Irmã Duce na Bahia e de Chico Xavier em Minas Gerais. Ambos acolheram um sem número de pobres e desvalidos.

Trabalho importante e pouco reconhecido pela maioria dos brasileiros foi odesenvolvido pelo diplomata Sérgio Vieira de Mello, morto num atentado terrorista da Al Qaeda à sede da missão de paz das Nações Unidas no Iraque. Ele foi um dos mais exitosos negociadores da ONU e conseguiu firmar acordos para proteger populações perseguidas em vários conflitos pelo mundo.

O brasileiro deve ter conhecimento e orgulho de indivíduos como Carlos Chagas e Oswaldo Cruz, dedicados ao desenvolvimento da ciência como arma para trazer mais saúde à população. São apenas dois exemplos num exército de talentos nessa área.

O arquiteto Oscar Niemeyer também elevou, com seus projetos cheios de curvas, o nome do Brasil ao rol dos grandes talentos do mundo. Na cultura a lista é enorme. Chico Buarque, Glauber Rocha, Machado de Assis, Clarice Lispector, Jorge Amado, Tarsila do Amaral... E não se pode esquecer Pelé, o Rei do Futebol, ou a Marta, premiada seis vezes a melhor jogadora de futebol do planeta.

Muitos seguem elevando o nome dos brasileiros, vários em anonimato. Sem ufanismo, já passou da hora do brasileiro ter orgulho dos feitos dos compatriotas. Uma boa dose de autoestima não faz mal a nenhuma nação. Isso não quer dizer, em absoluto, que não se enxergue os defeitos e os problemas tupiniquins. Porém, valorizar os feitos positivos é exercício que deve ser feito também em casa.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

O ideal republicano do século XIX

Influenciado por experiências políticas europeias e dos países vizinhos que conquistaram a independência, orientados pelo ideal republicano, o Brasil imperial passou a sofrer forte oposição ao regime e a defesa da instalação de uma república. Os defensores do novo sistema de governo acreditavam que a monarquia operava como o grande sustentáculo do escravismo. O uso da mão de obra escrava nos colocava numa posição de inferioridade diante de outras nações industrializadas que já haviam abolido a escravidão. O abolicionismo, então, estaria ligado aos destinos políticos do país. Com a república, o Brasil se livraria do atraso social, assim pensavam.

Os republicanos estavam alinhados às ideias positivistas correntes do século XIX, enxergando a república como um imperativo ou uma necessidade de ordem evolutiva da sociedade brasileira. Eram estimulados, também, pelos preceitos democráticos como forma de atendimento aos anseios populares. Compreendiam que a república estabeleceria um novo cenário político e intelectual ao país. O “Manifesto Republicano”, por eles elaborado em 1870, em um dos seus trechos, afirmava: “A topografia do nosso território, as zonas diversas em que se divide, os climas vários e as produções diferentes, as cordilheiras e as águas estavam indicando a necessidade de modelar a administração e o governo local acompanhando e respeitando as próprias divisões criadas pela natureza física e impostas pela imensa superfície do nosso território”.

O governo de Dom Pedro II estava em evidente desgaste. Ao falar sobre os climas, recursos hídricos e regiões que integram o nosso território, eles reforçavam o federalismo como uma questão importante para a criação da república, conferindo autonomia administrativa aos diversos estados, melhor tratando as diferentes especificidades de cada região. O centralismo e o autoritarismo eram marcas fortes do sistema imperial vigente. O imperador era um elemento político absoluto. O governo republicano seria apenas um meio de romper laços com o *status quo*. Após a publicação do Manifesto Republicano, surgiram partidos, clubes e jornais expressamente inclinados a este novo ideal.

A ideia republicana, no entanto, não era uma novidade, pois esteve presente na história brasileira em diversas revoltas armadas e movimentos políticos ocorridos durante o Império – ou mesmo antes – como na Guerra dos Mascates (1710), na Inconfidência Mineira (1789), na Revolução Pernambucana, (1817), na Confederação do Equador (1824), na Cabanagem no Pará (1835), na Far-

roupilha no Rio Grande do Sul (1835), na Sabinada na Bahia (1837), na República Catarinense ou Juliana (1839) e na Revolta Praieira em Pernambuco(1848). Mas eram manifestações de caráter regional, em alguns casos expressamente separatistas.

O espírito republicano se contrapondo ao espírito monárquico e aristocrático, até então dominante. O surgimento de novos atores políticos, ávidos em ampliar a sua participação, expunha a fragilidade que acometia o governo imperial. Eles se dividiam em três grupos diferentes: militares positivistas, evolucionistas e revolucionários, distribuídos pelo mapa geopolítico do Império. Depreende-se daí que o republicanismo não era um movimento único e contínuo. Porém, convergente no que diz respeito à oposição ao regime monárquico.

Em 1889, no Rio de Janeiro, até então capital do país, Marechal Deodoro da Fonseca liderou uma ofensiva que derrubou a Monarquia. Na mesma noite, o Marechal assinou um manifesto que deu início à República Federativa e Presidencialista no Brasil. A República, então, nascia através de um golpe militar, não havendo, por parte da população, uma vontade clara de depor o imperador. Foi dado um prazo para que a família real deixasse o país. Mesmo tendo sofrido uma deportação humilhante, Dom Pedro II escreveu “Resolvo, cedendo ao Império das circunstâncias, partir com toda a minha família amanhã, deixando esta pátria de nós estremecida. Conservarei do Brasil a mais saudosa lembrança, fazendo ardentes votos por sua grandeza e prosperidade.”

Na verdade, a mudança de governo, de monarquia para república, foi uma imposição movida por interesses nada republicanos. Alceu Amoroso Lima chegou a afirmar que “o Brasil se formou às avessas, começando pelo fim. Tivemos república, antes de consolidar um verdadeiro espírito republicano”.

“

O governo de Dom Pedro II estava em evidente desgaste

Rui Leitão

Foto

Legenda



Perigo que se repete

Gonzaga Rodrigues

O firmamento

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Faz tempo, muito tempo, que não leio o céu com esse nome. Foi como aprendi a chamar a abóbada celeste que cobria de luz ou de estrelas o sítio lá de casa.

Era assim que ouvia de minha mãe, não com o céu amojado de chuva a castigar a lama do brejo ou dos mangues, mas com o amplo e infinito céu bem aberto, pleno de claridade, em condições de acolher todos os sonhos ou esperanças.

É mais que sabido vir a linguagem do meio, associada ao tempo. E no ambiente em que minha mãe foi criada, educada numa casa de leitoras do Evangelho, privada da convivência externa e da linguagem livre e sem peias, só reinava o que podia agradar ou ser escrito.

Quem era o preceptor geral desses falares? A irmã superiora? O padre Antunes? Eram os nomes de referência citados sempre que necessário. O padre mestre, a superiora e algumas vezes um Dr. Laudelino, supponho que juiz.

Já moça, fazendo parte do coro da igreja-matriz, única escapada rápida do claustro em que fora internada, conheceu moças e um ou outro rapaz como corista, mas nada além dessa circunstância. Nada que pudesse infringir o rigor da sua educação ou comportamento. E se influísse seria para melhor, a julgar pelos nomes que constavam de suas boas lembranças: Piinha, aos seus olhos a mais educada e bonita de todas, futura esposa de um Romero, avó do nosso Germano; Ana Borges, irmã do seminarista que viria a ser pároco de Alagoa Nova por toda sua vida, o grande pregador José Borges de Carvalho; as Assunção, ainda que parte delas se ligasse ao espiritismo; José Saldanha, que namorava com o coro, mas longe dele, por ser boêmio e poeta.

No meio rural, convivendo com moradores e moradores, casada com um dono de engenho que não sabia ler, D. Antonina não cedeu ao mais vulgar e jamais ao chulo, sem deixar de se fazer compreender e de influir.

Havia pudor nas palavras. Muitas vezes não era palavra feia, nada imoral, mas im-

“

Nada que pudesse infringir o rigor da sua educação ou comportamento

Gonzaga Rodrigues

própria ou desrespeitosa.

As vizinhas de sítio estavam com ela, na frente da casa e da capela, na hora em que despenquei mangueira abaixo quando a noite irrompeu, fechando o mundo às 9 da manhã, no eclipse de 1942. Corri apavorado, cheguei de bucho ralado e gritei ao me acudirem: “Lasquei-me!”.

- Não diga essa palavra! Ralou-se, feriu-se. Essa palavra é indecente!

“Indecente, o que é indecente?” – eu quis perguntar. Com o tempo e a ajuda bem depois das pesquisas de Aurélio Buarque, descobri que ela queria dizer desagradável. O rigor como buscava o sentido da palavra levava-a a considerar o impróprio ou o desagradável uma indecência. Gritou ao me ouvir dizer que não tinha lavado o sovaco. / “Sovaco quem tem é macaco. Você tem axila ou cova do braço”.

Vem de D. Antonina, de bem longe, pois, essa minha busca ou esses meus receios de expressão. O firmamento que ela descortinava no céu de nuvens bem azuis e que cheguei a rever em José Américo ao descrever o céu de Monteiro, vi muito bem numa manhã de sol pleno, sem nuvens nem cirros de chuva, no meu Expedicionários.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Gisa Velga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U I D I O R I A : 99143-6762

HOMICÍDIOS

Delegacia tem maior taxa de elucidação de crimes

Em 10 anos, DCCP autuou 39% dos assassinos; tecnologia auxilia inquéritos

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com

A Delegacia de Crimes Contra a Pessoa (DCCP) de João Pessoa encerrou o ano passado com a maior taxa de elucidação de homicídios em 10 anos. Dados da Polícia Civil mostram que em 39% das mortes registradas o autor do crime foi identificado e autuado. Para elevar o índice de resolução de assassinatos a delegada titular, Luísa Correia, aposta sobretudo na utilização de tecnologias para auxiliar as investigações e fortalecer os inquéritos.

"A gente conta com a parceria e confiança muito grande da Delegacia Geral. Doutor André (Rabelo – delegado geral) acredita no trabalho e entende que a gente precisa por vezes ir para outros estados verificar a realidade e as boas práticas de outras polícias, levar também boas práticas da Paraíba. Ele tem esse pensamento arrojado de que: vai lá, vê o que estão fazendo de melhor e extrai", afirmou a delegada.

São feitos grupos de trabalho onde há troca de informações com outros estados, o que possibilita a captura de fugitivos. Somente no ano passado foram presos quatro criminosos nos estados de Goiás, Rio de Janeiro e no Distrito Federal a partir dessa colaboração.

Homem, jovem e morador de comunidade é o perfil das vítimas de homicídios na capital. Os crimes normalmente acontecem em via pública, com utilização de arma de fogo e em área sem iluminação pública adequada ou câmeras de segurança.

O homicídio de João Pessoa segue a tendência verificada em todas as outras capitais brasileiras, onde a maior parte dos assassinatos está relacionada à disputa de organizações criminosas por ter-



Delegada Luísa Correia diz que maioria dos crimes é com armas de fogo

Foto: Ortilo Antônio

■ A Paraíba é, atualmente, o único estado que tem regulamentada uma metodologia de investigação, o que também tem reflexo na taxa de elucidação

ritório para tráfico de drogas. Nestes casos, a investigação esbarra no medo que as testemunhas, e até familiares, têm de sofrer retaliações casos falem algo. Segundo a delegada, neste tipo de crime não é possível depender apenas da prova testemunhal.

"Fazendo uma análise dos nossos crimes, a gente verifica pequenos grupos aqui na Paraíba em determinados bairros, em determinadas comunidades que se atacam. O grande número de homicídios que a gente tem é nesse contexto. A gente tem dificuldade de trazer elucidação nesses casos e mudamos a nossa estratégia no ano passado, aliando essa parte mais tecnológica, verificando junto à nossa unidade de inteligência, a gente traz essa prova irrefutável que não depende de testemunha e consegue aumentar as nossas elucidações", explicou a delegada.

A Paraíba é atualmente o

único estado que tem regulamentada uma metodologia de investigação, o que também tem reflexo na taxa de elucidação. "A maior parte do Brasil ainda está tentando montar e regulamentar. A Polícia Civil da Paraíba hoje consegue referenciar o que ela faz, a produção do trabalho dela e isso é muito importante para a gente diagnosticar a nossa problemática na ponta: o que tá faltando em determinado bairro, por que houve um aumento. Para entender o nosso trabalho, a nossa produtividade e conseguir intensificar o trabalho para as regiões e temáticas mais críticas", afirmou.

Algumas informações coletadas ainda no local do crime, com relatos de parentes e amigos, ajudam a polícia a traçar um perfil da vítima e melhor direcionar a investigação. São feitos questionamentos sobre hábitos, problemas recentes, dívidas, possibilidade de

casos extraconjugais, possível relacionamento com pessoas comprometidas, mudança de comportamento. Na região do crime a polícia ainda faz uma varredura por câmeras de monitoramento que possam ter registrado o crime.

A DCCP é composta por 45 policiais divididos em oito cartórios, sendo um especificamente para demandas administrativas, um para investigar tentativas de homicídios, três para mortes ocorridas na zona sul e outros três para homicídios na zona norte. As equipes também são distribuídas por bairros, possibilitando o entendimento maior das circunstâncias do crime, identificação de suspeito e maior interação com os policiais militares. A metodologia analisa alguns requisitos para considerar o homicídio elucidado, como prova técnica com testemunhal, relatório de inteligência com prova testemunhal e laudo pericial.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE CG CONTRARIA O REPUBLICANOS E DEFENDE A REELEIÇÃO DE BRUNO



Foto: CMCG

Presidente da Câmara Municipal de Campina Grande, o vereador Marinaldo Cardoso (foto) insiste na tese de união entre o prefeito Bruno Cunha Lima (PSD), o deputado Romero Rodrigues (Podemos) e o grupo do Senador Veneziano Vital do Rêgo (MDB), nas eleições de 2024. Contrária, portanto, a direção do seu partido, que se coloca na oposição à gestão municipal. O presidente municipal do Republicanos, o deputado federal Murilo Galdino, já avisou: quem não quiser seguir a orientação partidária será "convidado" a deixar a legenda. Marinaldo, um dos vereadores mais entusiasmados com o projeto de reeleição de Bruno, disse, em entrevista, que reconheceu a existência de desentendimentos entre o prefeito e Romero, mas acredita na possibilidade de uma, digamos, reconciliação. "Se Deus quiser, tudo vai dar certo. O diálogo e as conversas são possíveis", argumenta. Pelo visto, ele nem deixará a base governista nem recuará do propósito de apoiar a reeleição do prefeito. E sendo assim, deverá sair do Republicanos, na próxima janela partidária.

PODE NÃO SER POSSÍVEL

Enquanto isso, Romero Rodrigues não confirma se já está, como parece, praticamente fora da base de Bruno Cunha Lima. Provocado novamente a falar sobre o assunto por jornalistas, limitou-se a dizer que isso só discutirá no próximo ano. "Se for possível, vamos estar juntos. Se não for possível, vai ser dito".

"NÃO ALTERA EM NADA"

O anúncio de sua permanência no Podemos não altera a relação política que está sendo construída com o Republicanos, afirma o deputado federal Romero Rodrigues – lideranças do Republicanos, entre as quais os deputados Hugo Motta e Murilo Galdino estão empenhados em convencê-lo a disputar a eleição municipal em Campina Grande.

NÃO REVELOU NOMES

Em entrevista recente, Bruno Cunha Lima admitiu – a coluna registrou – que, de fato, existiam "ruídos" na comunicação entre ele e Romero. E atribuiu essa situação a "algumas pessoas que tiveram interesses conflitados" e que insistem "em fazer intrigas". Até agora, porém, ele não revelou quem está nessa lista.

"ACHO MUITO ESTRANHO"

É um corporativismo que não ajuda", do presidente do PT da Paraíba, Jackson Macêdo, ao comentar o protesto de servidores do Ibama contra a indicação do professor da UFCG, Márcio Caniello, para a Superintendência do Ibama na Paraíba. "Não entendo esse tipo de manifestação, porque na época de Bolsonaro eu não vi os servidores reclamando dos nomeados. Caniello lidera o Grupo de Pesquisa Desenvolvimento Sustentável do Semiárido.

"NÃO VOU ABANDONAR"

E o prefeito de Cabedelo, Vitor Hugo, não recua um centímetro sobre sua posição contrária à direção estadual do União Brasil de lançar uma candidatura própria em João Pessoa – ele apoia a reeleição de Cícero Lucena (PP). "Apoiei Efraim Filho [em 2022], e pedi para boa parte da base Cícero ficar com Efraim. Então, agora, não vou abandonar Cícero porque o União Brasil quer um novo projeto para a cidade", enfatizou.

DINO SOBRE DECRETO ANTIARMAS: "ENCERRANDO CAPÍTULO TRÁGICO"

Do ministro da Justiça, Flávio Dino, exaltando o decreto antiarmamentista assinado pelo presidente Lula (PT), cujo o nome forma uma sigla sugestiva: Programa de Ação na Segurança (PAS): "Estamos encerrando um capítulo trágico, de trevas na vida brasileira (...) o senhor está assinando o decreto que põe fim definitivamente ao armamentismo irresponsável que o extremismo político semeou nos lares brasileiros (...) o senhor está salvando a vida de milhares de mulheres brasileiras, de crianças, de adolescentes no Brasil."

Tecnologia para produção de prova técnica

Se a prova testemunhal é por vezes avaliada como sendo frágil, a prova técnica reforça as acusações e é considerada irrefutável. A DDCP tem recorrido à tecnologia para priorizar o uso do DNA, digitais e análise dos grupos criminosos. Uma das ferramentas utilizadas é o Sistema Nacional de Análise Balística (Sinab) para o exame de micro comparação balística.

As armas de fogo são individualizadas pelas marcas que deixam em projéteis e estojos. Em João Pessoa, todo projétil que é retirado do corpo de uma vítima de homicídio ou estorjo que é coletado no local de morte violenta são inseridos no banco de dados e se houver uma arma compatível o sistema informa com precisão absoluta. Através da plataforma é possível ainda cruzar dados e identificar, a

partir da coleta do projétil, vítimas que tenham sido mortas pela mesma arma de fogo. "Isso é imprescindível até para a gente entender a movimentação dos grupos criminosos e atuação deles", avaliou a delegada Luísa Correia.

As investigações também contam com o auxílio do Banco de DNA, a partir do qual é possível confrontar material genético coletado em cenas de crime com os já existentes na plataforma. A delegada titular acrescenta que este é um dos principais motivos para que seja feito um isolamento correto da cena do crime. O confronto genético pode possibilitar a produção de uma prova técnica irrefutável no inquérito.

Um novo equipamento recentemente adquirido promete reforçar as investigações. Con-

siste em uma câmera fotográfica acoplada a um tablete que permite a coleta de impressões digitais sem utilização do pó. Uma força-tarefa foi montada para digitalizar os prontuários civis para que haja um comparativo mais célere no futuro.

"Quando chega na Justiça, durante o processo, muitas pessoas temem. Até a própria família muda um pouco a versão. As pessoas ainda imbuídas de emoção ao prestarem depoimento nos repassam muitas informações, mas quando chega na instrução, no júri, essas versões mudam um pouco. A gente então considera os indícios e provas que conseguimos coletar durante a investigação. A perícia vem avançando nesse sentido e hoje somos parceiros, em contato direto com os peritos. Essa colaboração tem trazi-

do bons números para a Delegacia de Homicídios", pontuou.

"Meta é crescer"

Sem titubear, a delegada Luisa Correia afirma que a meta para 2023 à frente da DCCP é ampliar a taxa de elucidação e prisões. Enquanto em todo o ano passado foram realizadas cerca de 80 prisões, no primeiro semestre deste ano o número de pessoas presas chega a 10.

Para isso ela aposta no Núcleo de Análise Criminal, implantado no início do ano, onde será possível, de forma concentrada e centralizada, fazer um estudo das provas técnicas, impulsionar o banco de dados, entender melhor as áreas e iniciar a produção de organogramas das comunidades.

Elucidação de homicídios

- | | | | |
|--------------|--------------|--------------|--------------|
| ■ 2013 – 14% | ■ 2016 – 36% | ■ 2019 – 32% | ■ 2022 - 39% |
| ■ 2014 – 18% | ■ 2017 – 35% | ■ 2020 – 12% | |
| ■ 2015 – 24% | ■ 2018 – 32% | ■ 2021 – 29% | |

Carla Cabral

Promotora do MPPB

“Da forma como estava, existia um verdadeiro loteamento da praia”



Promotora não descarta a possibilidade de que disciplinamento similar seja aplicado à orla do Bessa, Penha e Seixas

Taty Valéria
tatynavaleria@gmail.com

No último dia 14 de julho, o Ministério Público da Paraíba e o município de João Pessoa celebrou um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) para disciplinar passeios e atividades comerciais, esportivas e artístico-culturais na faixa da orla marítima de João Pessoa, especificamente nos trechos das praias do Cabo Branco e de Tambaú.

O TAC foi proposto pela 43ª promotora de Justiça de João Pessoa, Cláudia Cabral Cavalcante, que atua em defesa do meio ambiente e do patrimônio social. Em entrevista ao Jornal A União, a promotora explicou os principais termos do TAC e reforçou que não há espaço para uma reversão dos termos do acordo, tendo em vista a proteção do meio ambiente.

Entrevista

■ No dia 18 de julho, a Associação de Microempresários da Orla Marítima de João Pessoa (Ameomar) se reuniu para elaborar uma contraproposta ao TAC. Uma das críticas diz respeito à atividade turística na região e uma provável onda de desemprego causada pela queda na atividade de bares e restaurantes. Qual o posicionamento do MP em relação a isso? Há espaço para alguma readequação do TAC?

A partir de uma denúncia de um morador da região, se instaurou um inquérito civil e a Promotoria iniciou a apuração dos principais problemas da área. Foram feitas audiências com representantes do poder público municipal para definição de todos os pontos que mereceriam atenção do poder público e que foram consignados nesse termo de compromisso. O TAC foi previamente ajustado, discutido, assinado e publicado. A partir de sua publicação, já começam a contar os prazos estabelecidos no documento. Algumas dessas medidas, o município terá que implementar de imediato, outras em até 60 dias e o projeto final, em até 180 dias. O TAC está sacramentado e não há espaço para mudanças relativas ao que foi assinado, porque ele foi ajustado a partir de estudos técnicos, em toda a verificação da situação, e previamente acordado com base na legislação municipal, estadual, código de conduta e normas técnicas.

■ Existe a possibilidade desse ordenamento ocorrer em outras praias urbanas, a exemplo da orla do Bessa, Seixas, Penha?

Cada orla da capital possui sua particularidade: localização, em relação ao meio ambiente, zoneamento de área residencial, de área turística e área mista, então, sim, existe sim essa possibilidade, mas tudo precisa ser previamente estudado e analisado.

■ Existem prazos e condições a serem cumpridos pela Prefeitura Municipal de João Pessoa. Qual a medida

do MP, caso a prefeitura não cumpra com o acordo em sua totalidade?

No Termo de Ajustamento de Conduta existem as cláusulas relativas ao não cumprimento do TAC. Dentre elas, a imposição de multa, a execução do título em juízo. Cada situação tem seu prazo específico. A multa é a mesma para o descumprimento de qualquer cláusula.

De acordo com o TAC, o descumprimento das obrigações de fazer e não-fazer assumidas no termo pelo município implicará a imposição de multa de R\$ 10 mil por cada violação, somada à multa diária de R\$ 1 mil até a efetiva regularização, limitada ao montante de R\$ 100 mil. O Ministério Público da Paraíba irá fiscalizar o cumprimento do TAC e adotar as medidas extrajudiciais e judiciais cabíveis, sempre que necessário.

■ De acordo com o que ficou estabelecido no TAC quais são as regras para o horário de funcionamento dos quiosques da orla de Tambaú e Cabo Branco.

Alteração do horário de funcionamento dos quiosques (5h até 00h). Os comerciantes terão um prazo de 19h ininterruptas de funcionamento. Hoje, os contratos de trabalho possuem 6h diretas ou 8h, com horário de descanso de 2h. Então, esses comerciantes têm à disposição 19h para ajustar seus trabalhadores em turnos, e os que possuem carteira assinada precisam cumprir as regras estabelecidas na CLT. Não existe porquê se falar em desemprego. O encerramento deverá ser até às 23h para expediente com música.

■ No Largo de Tambaú uma das características é a presença de artistas que se apresentam naquele espaço. Com a assinatura do TAC e todo esse disciplinamento como ficam as regras para esse tipo de atividade?

Artistas de rua podem continuar se apresentando normalmente, e o município vai regulamentar a questão do Largo,

Mudanças

TAC modifica as regras de uso de quadras esportivas, aluguel de brinquedos, comércio ambulante e funcionamento dos quiosques, após denúncia de moradores ao MPPB

porque aquela área será preservada. Mas, o artista de rua tem o direito dele de se apresentar na rua, desde que cumpras as condições que são impostas para aquela atividade.

■ No anúncio do TAC, o prefeito Cícero Lucena citou que a produção de lixo em excesso na orla gerava problemas para moradores e pedestres. Com o TAC como serão geridos os resíduos sólidos que serão produzidos na orla?

Catadores de recicláveis serão incluídos nesse gerenciamento de resíduos sólidos e no seu recolhimento. Haverá uma política institucional para inseri-los nisso, nesse trabalho de combate à poluição dos resíduos sólidos e líquidos que sobram dessa atividades da orla.

■ Devido à situação econômica no país, após a pandemia de Covid-19 a cidade tem presenciado um aumento de pessoas em situação de vulnerabilidade e rua na orla. Como essa questão será gerida pelo TAC?

A situação de pessoas em situação de vulnerabilidade na orla é uma questão muito sensível. No TAC, estabelecemos uma cláusula a respeito de uma comissão que deve ser criada no município. Será uma comissão intersetorial envolvendo diversos setores da Prefeitura de João Pessoa para que seja estabelecida uma ação de recolhimento e acolhimento desses moradores com dignidade e respeito, incluindo, a localização de familiares e a disponibilidade de toda uma estrutura para que eles não voltem a viver em situação de rua. Não queremos apenas afastar essas pessoas da orla. Nós temos uma preocupação real com sua dignidade e daí ter a necessidade de envolver outros setores da prefeitura voltados para o desenvolvimento humano e social do município. O prazo para que

essa ação tenha início é de 60 dias

■ Um dos termos trazidos pelo TAC que, inclusive, foi elogiado pelos proprietários de quiosques foi o da Regularização do Título de Permissão de Uso. Como ele vai funcionar?

Regularização do Título de Permissão de Uso para os quiosques, barracas e ilhas do local é uma questão bem pertinente. Ali nós estamos tratando de ambiente e área pública, área de proteção da União, do Estado e do Município, com gerenciamento do município. Por ser uma área pública, através da lei, o município concede um título de permissão de uso, onde a prefeitura gerencia a atividade. Eles terão esse título porque saem da situação de irregularidade (hoje eles não tem nada). Esse título de permissão possui condicionantes, entre elas, o combate à poluição sonora e regras de reordenamento. A cada ano, e de acordo com a conveniência e o interesse público, poderá ser renovada por até cinco anos. Isso permite financiamentos bancários, parcerias público privadas, e é um instrumento legal.

■ A orla atrai muitos praticantes de atividades físicas. O TAC traz algumas regras para a manutenção desses espaços. Foi identificado algum tipo de dano ambiental na área?

O que ocorre é que as quadras foram construídas, de forma ilegal e sem licenciamento, inclusive, com alçapões com concreto para guardar material e equipamento na areia da praia, e esse dano ambiental é enorme. O município está realizando um levantamento para disciplinar a regulamentação e o uso das quadras esportivas na orla. Muitas daquelas quadras foram delimitadas e demarcadas, inclusive, com destruição de matas de restinga. Então, o município irá designar os locais que essas quadras ficarão, mas sem esse dano ambiental. As quadras estão à disposição de todos. Quem tiver seu professor ou treinador pode sim fazer uso das quadras, mas sendo responsável por levar e trazer equipamentos individuais.

■ Como ficará a atividade dos vendedores ambulantes após a assinatura do TAC?

A prefeitura já possui esse cadastro prévio e lida com esses ambulantes, então essa regra vai servir para que eles fiquem dentro do reordenamento. A fiscalização pela Vigilância Sanitária para comerciantes da areia da praia serve, especialmente, para os que comercializam comidas na praia. Esses trabalhadores vão precisar se cadastrar e irão usar um crachá para que o turista identifique que

ele está dentro do regulamento. Isso dá segurança de higiene, mas também dá segurança ambiental.

■ Outro tipo de comércio que se estabeleceu na orla é o de aluguel de itens esportivos e brinquedos. Como ficará essa atividade?

O TAC prevê a proibição de aluguel de patins, bicicletas e triciclos dentro da orla. Os comerciantes vão poder alugar patins, bicicletas e triciclos, mas, eles não vão poder fazer da praia um ponto de comercialização particular. Aquele é um ambiente público e precisa estar livre de qualquer obstáculo para o usuário fazer uso do espaço.

■ Uma das principais reclamações da população é da falta de espaços na areia da praia devido a quase totalidade da orla de Cabo Branco e Tambaú tomadas por guarda-sois. Como ficará essa questão após o TAC?

Da forma como está hoje, existe um verdadeiro loteamento da praia com aluguel de mesas, cadeiras e sombrinhas imensas. Algumas empresas se instalaram ali sem autorização e quando o dia amanhece, eles já loteiam a área, independente de já ter clientes. Então, o turista ou o morador local chega, tenta colocar sua cadeira e, um determinado local e não pode porque já está sendo utilizado e se colocar na frente é reclamado. A área é pública! A faixa de areia é um bem da União. A prefeitura vai reordenar qual será a empresa responsável por esse aluguel, através de edital. A empresa terá um ponto na areia, onde não será permitido desmatamento, e poderá disponibilizar três conjuntos de guarda-sol, mesa e cadeira para que o usuário veja que ali ele pode alugar e, conforme a demanda, fazer a instalação. Da mesma forma, os quiosques também poderão disponibilizar esse serviço, mas repito, de acordo com a demanda.

■ O reordenamento impacta todas as atividades na orla, inclusive, o Réveillon. Como ficará o uso da areia da praia e funcionamento dos quiosques durante a festa?

O réveillon está previsto no TAC como exceção de horário e de uso de tenda. A prefeitura irá estabelecer onde serão ordenadas as barracas de prestação de serviço para que funcionem durante aquela festividade e para que o usuário tenha acesso a uma festa organizada. Bares e restaurantes terão que se dirigir ao município e verificar a disponibilidade do licenciamento para aquela atividade. Os quiosques também poderão realizar festas no réveillon, mas respeitando o uso apenas do seu espaço.

INVERNO

O frio é maior para quem vive na rua

Além de conviver com a vulnerabilidade, pessoas em situação de rua enfrentam chuva e baixas temperaturas

Carol Cassoli
carol.cassoli@gmail.com

“A rua é uma escola. Nela, se aprende muita coisa, inclusive a sorrir”. A afirmação é de Tarcísio Monteiro, mochileiro baiano que, por inconveniência do destino, está em situação de rua desde que, há pouco mais de uma semana, foi furto junto de seu companheiro de viagem, no Marco Zero, em Recife-PE. Agora, depois de muitos passos e alguns quilômetros rodados em caronas, Tarcísio está em João Pessoa e, pela primeira vez, nas ruas. Assim como ele, muitas são as pessoas que, hoje, vivem em situação de rua na capital paraibana. Ao contrário de Tarcísio que vive uma situação temporária, para a maioria delas, a rua não é sinônimo de impermanência. Lá, além de lidarem com a vulnerabilidade e a exposição, essas pessoas também precisam enfrentar fome, sede, riscos e, especialmente neste período do ano, o frio.

Desde 1963, não chovia em um único dia em João Pessoa como os 178,4 milímetros (mm) que caíram no dia 7 deste mês. Segundo o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), o último registro deste tipo foram os 150,1 mm de 5 de julho de 1963. Em junho, também não foi muito diferente. Mês passado foi o junho mais chuvoso dos últimos quatro anos. E, apesar de haver pan-

cadadas ao longo do dia, a maior parte dessa chuva caiu à noite, quando a maioria das pessoas estava em casa, protegida por um teto. De baixo das marquises, no entanto, as pessoas em situação de rua sentiram cada milímetro de chuva que desaguou na capital, seguidos de temperaturas mais baixas.

“Depois de 15 anos a gente aprende a se virar, mas seguro não é. Chove e molha a gente. Faz frio e a gente só tem a roupa do corpo. Aí faz como? Não faz”, conclui o catador de materiais recicláveis conhecido como Luiz, que deixou de ser Reginaldo Diniz Bezerra, mais um brasileiro recenseado, há 15 anos, quando, ao se indispor com a irmã, foi expulso de casa. Hoje, o nome de batismo estampado nos documentos que guarda por baixo da camisa, junto ao peito, só serve para comprovar que ele é gente. Nas ruas, no entanto, o senhor de 52 anos é Luiz e ponto.

“Eu não me esqueço que sou gente e não deixo ninguém me tratar como se não fosse. Não moro na rua, porque quero. Moro porque existo. Não bebo, não fumo, não sou viciado. Pode perguntar para qualquer pessoa que tem casa se ela quer morar na rua; não quer. Ninguém quer”, diz Luiz que, na mesma noite da reportagem, recebeu um cobertor de um grupo de voluntários para se cobrir e se abrigar do frio, no Ponto de Cem Réis.



Fotos: Edson Matos

No último dia 7, João Pessoa registrou 178,4 mm de chuvas, maior índice em um único dia desde os anos 60

Solidariedade com comida e cobertores

Acompanhada de um grupo de voluntários e da amiga Ana Paula Martins, Cristina Maria de Jesus vai às ruas semanalmente entregar refeições para a população de rua que habita o Centro da capital. Em meio a quentinhas recheadas e idas e vindas entre a Praça João Pessoa e os fundos da Caixa Econômica Federal, na Rua Elizeu César, Cristina oferece mais do que alimento, oferece reconhecimento às pessoas que ocupam as ruas da cidade quando ninguém mais circula por elas.

Cristina e Ana iniciaram o projeto no Natal do ano passado, quando tentavam fazer com que o espírito natalino chegasse de alguma maneira nessas pessoas. Como trabalha vendendo quentinhas, esta foi a forma que encontrou para ajudar. Hoje, o projeto

cresceu, ganhou um nome - Corações que Alimentam - e já se tornou um compromisso semanal com a diminuição do abismo que há entre essas pessoas e seus direitos enquanto seres humanos.

Quando Cristina chega com as marmitas, que alimentam centenas de pessoas, não se trata apenas de comida; se trata de existência. Oferecer alimento a quem é ignorado, muitas vezes rejeitado pela sociedade, é, também, reconhecer que essas pessoas existem e que, como qualquer ser humano, também têm as mais básicas necessidades, como comer ou se abrigar da chuva e do frio que, durante o inverno, castigam mais.

“É triste saber que existe tanta gente sem um teto para o qual voltar no fim do dia. Por isso, estamos aqui oferecendo o que podemos: alimento, roupas, um co-

bertor... Se a gente parar para pensar em tudo o que uma pessoa precisa para existir com dignidade, é pouco. Mas já é alguma coisa, com certeza. E nós nos orgulhamos em poder proporcionar esse momento no dia deles”, conta Cristina de Jesus.

Durante a distribuição de quentinhas desta semana, a equipe do Corações que Alimentam recebeu um pedido diferente: um cobertor para doar. Ao receber a sacola esverdeada com um pequeno cobertor marrom dentro, o paraense Bernardo Tramuja explicou: “Na verdade, eu sou mochileiro. Eu e meu amigo fomos roubados em Recife. Levaram todas as minhas coisas, todo o nosso material e o dinheiro que a gente tinha. Até as coisas se acertarem, estamos em situação de rua”.

Por isso, estamos aqui oferecendo o que podemos: alimento, roupas, um cobertor...

Cristina Maria de Jesus

Quem sentiu na pele hoje oferece ajuda

Integrante do Movimento de Moradia Mãos Dadas (MMMD), Daniel Gomes acompanha há anos a luta de Luiz por reconhecimento e, na medida do possível, contribui para que ele tenha acesso a uma vida mais digna. É que, nos anos 1990, o pernambucano acolhido pela Paraíba sentiu na pele o que é estar em situação de rua. “Uma vez eu estava dormindo embaixo de um ponto de ônibus. Acordei com o cheiro do álcool. Queria atear fogo em mim. Não vou me esquecer nunca como é a sensação de saber que, por pouco, você não está morto. Por isso, não paro a caminhada até ver Luiz com um teto que possa chamar de seu”, diz enquanto relata que seu tutorado está inscrito no programa de habitação popular do Governo do Estado, voltado à população de baixa ren-

da e em vulnerabilidade social.

Famílias inteiras nas ruas

É impossível não notar que, nos últimos anos, sobretudo durante a pandemia de Covid-19, o número de pessoas em situação de rua aumentou. Nos semáforos da Rua Empresário João Rodrigues Alves, nos Bancários, por exemplo, é difícil não encontrar pessoas pedindo ajuda à noite. Sob as marquises dos estabelecimentos comerciais já fechados, famílias inteiras fogem do sereno após passarem o dia oferecendo lavagem de para-brisa para os motoristas.

Em meio a gritos de crianças, pessoas conversando e muitas outras jantando na Praça João Pessoa, Tarcísio Monteiro afirma que, na rua, há muita gente boa. “Elas são arreadas, porque mui-

tas já não têm mais percepção do que é o conceito de lar. Você precisa trabalhar a mente da maioria para que elas entendam que são dignas de alguma coisa, nem que seja afeto. É natural. Essas pessoas não estão preparadas para terem uma mesa farta, uma cama quente. Mas isso não significa que elas não mereçam”, conclui.

Sem documento de identidade, Bernardo Tramuja encontrou auxílio no Centro Pop da Rua 13 de Maio, um espaço onde pessoas em situação de rua são acolhidas pela Prefeitura de João Pessoa, recebem atendimento diverso e têm a autonomia incentivada. Lá, ele e Tarcísio se alimentam, mas não permanecem. “Eu sei como eles se sentem. E mesmo assim, o pouco que eles têm, dividem. Estar nas ruas é ensinamento. Viver nas ruas, é resistência”, garante.

Eu sei como eles se sentem. O pouco que eles têm, dividem. Estar nas ruas é ensinamento. Viver nas ruas, é resistência

Bernardo Tramuja

Depois de 15 anos a gente aprende a se virar. Chove e molha a gente. Faz frio e a gente só tem a roupa do corpo

Reginaldo Diniz Bezerra (Luiz)

Essas pessoas não estão preparadas para terem uma mesa farta, uma cama quente. Mas isso não significa que elas não mereçam

Tarcísio Moreira

SAÚDE DO HOMEM

Prevenção ainda não é prioridade

Dados da SES revelam que população masculina, muitas vezes, só procura atendimento quando já está doente

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com

Buscar os serviços de saúde para um acompanhamento preventivo ainda não é prioridade para maioria dos homens na Paraíba. De acordo com a Secretaria de Estado da Saúde (SES), o estado se enquadra na média nacional, no entanto, a procura dos homens pelo atendimento na atenção primária ainda é considerada baixa e muitos chegam ao Serviço Único de Saúde (SUS) através da atenção especializada, ou seja, quando já estão doentes.

Relatório com base em dados do e-SUS mostra que este ano foram realizados em João Pessoa 53.995 atendimentos a homens na atenção primária. O maior número de atendimentos foi registrado na USF Vila Saúde (1.525), no bairro do Cristo, seguida pela USF Nova Esperança (1.377), em Mangabeira.

O gerente operacional da Coordenação Estadual de Saúde do Homem, Hélio Soares, explica que, independente da idade, o ideal é que o homem passe por consultas de rotina pelo menos duas vezes ao ano. O Ministério Saúde recomenda a realização dos exames de hemograma completo, sumário de urina, colesterol, triglicérides e PSA, que aponta o nível de proteína prostática no sangue do homem e pode indicar precocemente problemas na próstata.

“O acesso do homem no SUS é pela atenção primária, pela Unidade Básica de Saúde do seu bairro. Dependendo da queixa, ou mesmo se não tiver, fazer um *checkup*, verificar a pressão, a glicemia, ver as questões relacionadas à atividade física e alimentação. É importante que ele tenha pelo menos duas consultas anuais para fazer acompanhamento da saúde em geral”, explicou Hélio Soares.

Com o avançar da idade novos exames são inseridos na rotina de cuidados preventivos masculinos, a exemplo de monitoramento para identificação precoce de um possível câncer de próstata, a partir dos 50 anos ou 45 anos nos casos de homens negros ou com histórico de câncer em parentes de primeiro grau.

Se o homem tiver histórico familiar de hipertensão, diabetes, infarto agudo do miocárdio ou casos de câncer, a indicação é procurar periodicamente o serviço de saúde para identificação precoce de patologias e quadros. Hélio Soares lembra ainda a importância de os homens manterem as vacinas em dia e revela que é comum no atendimento ao público masculino a equipe de saúde constatar vacinas atrasadas, principalmente de tétano e hepatite. “É importante orientar que o homem busque se cuidar, duas vezes ao ano, desde a adolescência. Nós buscamos estimular a prevenção para diminuir a mortalidade masculina”, disse Hélio.

O Ministério da Saúde alerta que manter alimentação saudável, evitar fumar e consumir bebidas alcoólicas, além de praticar atividades físicas, são atos simples que promovem o bem-estar e ajudam a manter mente e corpo bem, prevenindo doenças.



Fotos: Divulgação/Secom-JP

Dados do e-SUS revelam que, este ano, foram realizados 53,9 mil atendimentos a homens na atenção primária em João Pessoa. O ideal é que a população masculina passe por consultas de rotina pelo menos duas vezes ao ano

Exames em dia significam qualidade de vida

No máximo a cada oito meses o policial militar aposentado Severino dos Ramos Lima realiza consulta com um médico para fazer exames de rotina. Sem descurar da saúde, o acompanhamento preventivo permitiu o diagnóstico rápido de uma hiperplasia prostática benigna e o consequente tratamento adequado. Ele possui ainda diagnóstico de gastrite média, labirintite e arritmia cardíaca.

“Eu acho bastante salutar o homem cuidar da sua saúde para buscar uma qualidade de vida melhor. Ele antecipando sua frequência ao médico, com exames de rotina, pode identificar alguma doença grave e que se for cuidada rapidamente as chances de cura são muito maiores”, avalia o aposentado.

Em João Pessoa, a rede municipal de saúde conta com 213 equipes na atenção básica, onde preferen-

cialmente os homens devem procurar atendimento médico, levando em consideração que o acesso é mais fácil pelo fato de as Unidades Básicas de Saúde estarem localizadas perto das suas residências. Havendo necessidade, os usuários são encaminhados para exames e consultas especializadas, que geralmente acontecem nas políclínicas municipais.

Na rede municipal o público masculino pode ser submetido também a vasectomia, procedimento de esterilização para homens a partir dos 21 anos de idade com pelo menos dois filhos vivos. Para ter acesso à vasectomia é necessário procurar o Hospital Municipal Santa Isabel para agendar a data da realização do procedimento e receber as orientações necessárias.

“A rede é organizada em níveis de atenção. Cerca de 80% dos casos são resolvidos na atenção básica. O usuário

vai sendo encaminhado aos outros serviços da rede de acordo com a necessidade e singularidade de cada caso. Lançamos uma campanha como forma de lembrar ao homem da importância dos exames, de que no mês do seu aniversário ele tire um tempo para cuidar da saúde de forma preventiva e fazer os exames”, afirmou o coordenador da Área Técnica de Saúde do Homem da Prefeitura de João Pessoa, Késsio Brito.

Machismo interfere

Grande parte dos homens atendidos na rede pública chega aos serviços de saúde com a doença instalada ou quadro agravado. A baixa procura é atribuída principalmente ao machismo e dificuldade dos homens em procurar ajuda. Para os profissionais de saúde, o machismo ainda é um determinante e condicionante de saúde.

“O machismo existe aqui na nossa região de forma mui-

to acentuada e esses modelos hegemônicos de masculinidade socialmente e historicamente construídos dificultam que o homem demonstre a importância de receber cuidados. Isso ainda é um grande gargalo, um desafio enorme que encontramos”, avalia Késsio Brito.

Ele ressalta que outro problema ocorre quando os homens não concluem ou sequer iniciam o tratamento prescrito pelo médico. “Eles resistem ainda. Pouco procuram de forma preventiva e quando são atendidos não seguem tratamento, desistem e isso é um aspecto que tem dificultado muito e tornado o homem mais vulnerável e suscetível ao adoecimento”, diz Késsio.

Segundo ele, as perspectivas mostram que no ano de 2050 a expectativa de vida dos homens em relação às mulheres seja ainda menor do que a registrada atualmente. Na contramão

da maior parte dos países, onde a maior causa da morte dos homens são as doenças cardiovasculares, no Brasil as causas externas ainda dominam as estatísticas. Késsio cita como agravos que mais acomete a população masculina os acidentes de trânsito, violência urbana e acidentes de trabalho, o que está relacionado a um comportamento de risco adotado pelo público masculino.

“As doenças cardiovasculares, são as que mais matam no mundo, mas em João Pessoa ficam em segundo lugar e com disparidade bem alarmante se comparada a causas externas. O perfil está mais evidente no público adulto jovem, entre 20 e 40 anos. Na faixa etária de 40 a 60 anos prevalece o perfil de doenças crônicas, cardiovasculares, aparelho respiratório, câncer de esôfago, tabagismo, doenças parasitárias, ISTs, doenças infectocontagiosas”, explica Késsio.

Saiba Mais

Sintomas podem mostrar alterações do sistema reprodutor, principalmente na próstata:

- Dificuldade para urinar
- Necessidade de urinar mais vezes (principalmente à noite)
- Urgência para urinar
- Dificuldade para iniciar ou parar o fluxo urinário
- Jato urinário fraco, reduzido ou interrompido
- Sensação de esvaziamento incompleto da bexiga

(Fonte: Ministério da Saúde - <https://bvsmms.saude.gov.br/saude-do-homem-prevencao-e-fundamental-para-uma-vida-saudavel-2/>)

■ PRÉ-NATAL DO HOMEM

Na capital a Secretaria Municipal de Saúde elaborou uma cartilha voltada para os homens que pretendem ser pais. No pré-natal do homem a equipe de saúde solicita os exames, que são feitos com base no perfil e histórico de saúde dos futuros papais, que seguem um cronograma especialmente elaborado com vistas à prevenção da saúde masculina.

São realizados exames de sangue completos, para averiguar possíveis doenças crônicas, como diabetes ou doença falciforme, como também o controle do colesterol. O Fator Rh também é analisado e comparado com o da pretensa mãe para checar se pode haver algum risco para o feto. Além de todos esses exames, o IMC, peso e a pressão arterial são verificados e ainda são realizados testes rápidos para detecção de hepatites virais, ISTs, HIV e sífilis, que podem ser transmitidas para a mãe e acarretar consequências graves para o feto.



O acompanhamento preventivo masculino é realizado na atenção primária

CENTRO HISTÓRICO

Vandalismo nas praças da capital

Pichações, depredação da estrutura e roubo de peças são alguns dos problemas apontados pela população

Juliana Cavaleanti
julianacavaleanti@epc.pb.gov.br

Vandalismo, pichações e bancos quebrados estão entre os principais problemas encontrados nas praças históricas do Centro de João Pessoa. A informação é da Secretaria de Desenvolvimento e Controle Urbano (Sedurb) a qual registrou ainda que esta situação atinge todas as mais de 220 praças da capital paraibana. No caso das praças de bairro, a depredação atinge também os brinquedos que são quebrados em pouco tempo após sua manutenção. Em nota, a assessoria da Sedurb informou que as manutenções das praças pessoenses acontecem de maneira periódica, seguindo um cronograma específico que contempla não apenas as áreas históricas, mas todas as praças da cidade.

“O calendário de zeladoria exe-

cutado pela Sedurb inclui reparos estruturais, pintura, conserto de equipamentos e brinquedos, além de poda e paisagismo. No entanto, às vezes a manutenção é concluída em uma praça em um dia, mas na outra semana ela já está depredada”, descreveu. O núcleo de manutenção e o de paisagismo possuem calendários diferentes envolvendo todas as praças. Os setores são pautados por solicitações da população que chega via ouvidoria e pelo site da prefeitura, na aba de atendimento ao cidadão. No entanto, a maior parte das situações encontradas pelas equipes não envolvem a ação do tempo, já que os objetos quebrados são repostos em uma semana e na semana seguinte novas depredações são registradas. De acordo com a coordenadora do Patrimônio Cultural de João Pessoa, Daniella Bandeira, da mes-

ma forma que a manutenção, reparos e paisagismo, o orçamento para recuperação/restauração dos monumentos históricos das praças (ex: imagens de bronze e bustos) também fazem parte da competência da Sedurb-JP. Porém, a gestora lembra que o vandalismo é um problema recorrente nestes espaços públicos. “Estas pessoas agem, normalmente, sem sequer conhecer o valor histórico do bem atingido. Costumeiramente, não é um protesto contra um ato histórico, mas um ato de violência”, declarou. O Parque Solon de Lucena (Parque da Lagoa), por exemplo, é considerado um “cartão-postal” da cidade e é protegido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep). O espaço possui aproximadamente 35 mil metros quadrados de passeios pavimentados ligados às suas quatro

entradas e conta com ciclovia, pista de cooper, pista de skate, área para esportes, quiosques, banheiros públicos e um posto da Guarda Civil Municipal e Polícia Militar. Este parque é frequentado diariamente por crianças e adultos e recebe shows musicais, apresentações de teatro e dança, atrações circenses, danças indígenas, maracatus, rodas de capoeira, ciranda, parques de diversão, dentre outras programações. A Secretaria do Meio Ambiente (Semam) registrou no Parque da Lagoa 64 árvores oiti, mais de 210 palmeiras e mais de 735 árvores nativas como pau-brasil, sibipiruna, gameleiras, oitizeiros, pitombeiras, ipês amarelos, róseos e roxos, dentre outras espécies incluindo sombreiros, oliveiras, caraibeira, urucum, aroeira da praia, bambu castanholas, ficusbenjamina, ficusmicrocarpa, mangueira e cássea ferruginha.

População cobra maior ocupação do Centro de JP

A venda e consumo de drogas em qualquer horário gera insegurança em algumas pessoas que trabalham ou visitam as praças da área histórica do Centro de João Pessoa. A afirmação é de Adilson Souza que há um ano trabalha próximo à Praça Pedro Américo e diz que vem perdendo clientes que não querem mais fazer compras naquela área. “Às 16h30 muitos já começam a fechar suas lojas porque o movimento é pouco embora tenha iluminação na praça. Todas as praças do Centro de João Pessoa estão sofrendo com a falta de visitantes e algo que as torne mais movimentadas”, explicou.

Inaldo Nunes é proprietário de uma loja de móveis próximo à Praça Pedro Américo e junto com outros lojistas, vendedores ambulantes e moradores do Centro Histórico pessoense organizou um grupo buscando a retomada do comércio e programações culturais, evitando o esvaziamento dessa área. “Existem empresários, moradores e pessoas que trabalham na rua (vendedores ambulantes, flanelinhas) tentando salvar o Centro, já que grandes empresas estão saindo daqui e o Centro ficou esquecido. Com essa saída, a aproximação de criminosos também se torna mais fácil”, destacou.

Para o empresário, as praças estão entre os espaços mais penalizados por essas mudanças, já que aumentam o vandalismo e as perdas na estrutura. “É preciso olhar o Centro com maior atenção evitando problemas como o esquecimento das praças, as depredações na estrutura e a insegurança das pessoas”, defendeu.

Já o comerciante Genival Lima acredita que o Parque da Lagoa e as praças Rio Branco, da Independência e João Pessoa possuem grandes movimentos proporcionados pela maior presença do comércio, serviços e órgãos públicos no seu entorno. Já em outras praças e parques há uma considerável queda no movimento. “Muitas empresas se mudaram para a região da praia, diminuindo o movimento nas praças. Por isso, a partir das 16h quase ninguém tem coragem de passear perto delas”, opinou.

“É preciso olhar o Centro com maior atenção, evitando problemas como o esquecimento e depredação da estrutura das praças

Inaldo Nunes, comerciante



Nas Praças Aristides Lobo (acima), da Independência (à es.) e Pedro Américo (à dir.), os problemas vão do furto de placa a pichações na estrutura

Comerciantes criticam falta de manutenção

A Lagoa é classificada pelos visitantes como uma segura opção de lazer para moradores e turistas. No entanto, algumas pichações já podem ser percebidas na pista de Skate e depredações na parte de jogos (de dama e xadrez) e em alguns bancos. A Praça da Independência, por sua vez, é um local de lazer frequentado para a prática de esportes e encontro entre pessoas de todas as idades, especialmente, os estudantes das instituições de ensino das proximidades. Hoje, a praça tem alguns lixeiros retirados do lugar e, segundo a assessoria da Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana (Emlur), há muito furto e depredação destes equipamentos, mas a reposição é contínua na cidade. “Quanto à Praça da Independência, novos equipamentos devem ser instalados até o fim desta semana”, informou o órgão, através de nota. Já na Praça João Pessoa, estão localizados o Palácio da Redenção e a Assembleia Legislativa da Paraíba

(ALPB). Neste local, os bancos não estão quebrados, mas a placa com a sua descrição já está totalmente apagada. O espaço tem um monumento em homenagem ao presidente do Estado, João Pessoa, assassinado em Recife, fato que alterou o nome da cidade em setembro de 1930. Esta morte foi uma das causas imediatas da Revolução de 3 de outubro daquele ano. A trabalhadora autônoma Nairana Silva passa todos os dias por essa praça e acredita que hoje não existem mais tantos problemas relacionados à iluminação e que a presença de várias empresas favorece o movimento nesse local. “Mesmo assim, acredito que a estrutura da praça mereça uma atenção constante para evitar que se perca com o tempo”, observou. A Praça Pedro Américo é frequentada por aposentados e também por aqueles que estão fazendo compras nas lojas próximas. No entanto, o vendedor Adilson Souza, lamenta a quantidade de objetos

quebrados e a dificuldade na restauração dos monumentos neste local. “As pichações são comuns em várias partes. Tentam destruir o patrimônio”, conta. Ao lado da Praça Pedro Américo está a Praça Aristides Lobo, local onde Valmir Batista trabalha há quase 20 anos. “Há muito tempo, o braço da estátua foi arrancado. É um monumento histórico importante e quem passa por aqui percebe o abandono”, lamentou. Já a Praça Venâncio Neiva, também conhecida como Pavilhão do Chá, é muito arborizada com acácias, flamboyants, palmeiras e canteiro de flores. Porém, a descrição do equipamento está apagada e de acordo com o comerciante Genival Lima, atualmente o local convive com a depredação, mas, principalmente, com a sujeira. “É uma praça abandonada. Falta limpeza e a poda das árvores, que antes era feita com frequência, hoje quase não acontece. Há também a falta de banheiros que estão fechados e no lugar do ba-

nheiro utilizam o chão ou a parte do coreto”, relatou. Genival mora em Cruz das Armas e desde 1998 trabalha na praça. Ele ressalta que quando começou a frequentar o Pavilhão do Chá, o local era muito diferente e lhe traz boas recordações. Hoje, lamenta a falta de manutenção. “Comecei aqui vendendo fichas telefônicas, depois cartões telefônicos e hoje recarga para celular e trabalho com moedas antigas. Acompanhei muitas mudanças nesta praça, desde o piso, até a estátua, os bancos, as diversas reformas. É uma das praças mais antigas da cidade e com certeza é uma das que mais precisam de cuidados”, afirmou. A Venâncio Neiva já passou por algumas restaurações ao longo dos anos e, inclusive, o Coreto teve sua restauração viabilizada em abril de 2000 pelo convênio Brasil/Espanha, e executada pelos alunos da Oficina Escola de João Pessoa. Hoje, a parte de cima do Coreto está tomada pela sujeira.

ROTA CULTURAL

Solânea abriga tradições, religiosidade e arte rupestre

Município recebe, de amanhã até o próximo domingo, o Caminhos do Frio



Cidade que possui uma população de pouco mais de 26 mil habitantes, segundo o IBGE, deve receber aproximadamente 30 mil visitantes até o fim da Rota, que une culinária, cultura e turismo

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Com uma população de 26.774 habitantes, segundo o Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município de Solânea é marcado pela religiosidade de seu povo. Lá foi erguido o Santuário de Santa Fé, memorial idealizado pelo padre José Antônio Maria Ibiapina, servidor cristão dedicado à caridade e que também teve os restos mortais recolhidos na cidade. A fé também abre espaço para um povo hospitaleiro e alegre, que comemora cada fase do ano com muita animação. Um desses momentos festivos é a Rota Cultural Caminhos do Frio, evento que chega ao município amanhã e vai até o próximo domingo. A estimativa é que 30 mil pessoas aproveitem a programação.

“A festa será linda e terá uma organização diferenciada. Estaremos inaugurando, no evento, novos empreendimentos gastronômicos na cidade e expondo nosso artesanato, religiosidade e cultura. A estimativa é recebermos mais de 30 mil pessoas no Caminhos do Frio deste ano”, frisou o diretor de Cultura da cidade, Tiago Salvador.

Nos 10 municípios que integram o circuito de visitação, a Rota Cultural está enfocando a literatura de cordel. Segundo o prefeito de Solânea, Kayser Nogueira Pinto Rocha, o município irá trabalhar o tema com criatividade, trazendo, inclusive, surpresa para a população. “O tema esse ano que é comum a todos: literatura de cordel. Vamos trabalhando isso, e fazer uma surpresa durante essa semana cultural.”

Dentro do tema literatura de cordel, haverá homenagens dedicadas ao

poeta de Fazenda Velha, Joaquim Batista de Sena (1912-1993), um dos grandes nomes do cordel brasileiro e um dos fundadores da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Para Kayser Rocha, serão dias movimentados em Solânea, de muito trabalho e festividade. Dentre as atrações, estão previstas feiras gastronômicas e de artesanato, oficina de dança, espetáculo de teatro, apresentação de grupo de forró pé de serra e outros ritmos, exposição de artes visuais e minicurso.

“Da segunda-feira até o domingo vamos ter atividades culturais nas escolas, nas Unidades Básicas de Saúde, no Grêmio Morenense, que é nosso prédio histórico, no distrito de Santa Fé, além dos shows que a gente vai ter no final de semana. Contaremos com muita interação com os outros municípios que também fazem parte da rota.

Solânea vai estar recheada de muita cultura e animação para as pessoas”, destacou o prefeito.

O diretor de Cultura da cidade, Tiago Salvador, afirmou que ao longo da programação, o evento aquece a arte e a cultura local, além de proporcionar pertencimento à população. “A semana do Caminhos do Frio em Solânea acontece com muita participação das crianças nas escolas do município. Elas são envolvidas e convidadas a viverem a cultura, junto aos grupos e fazedores de arte, que compõem a programação. Além do mais, o evento aquece a economia da cidade com a presença de turistas que vêm conhecer os costumes de nosso povo”.

Segundo ele, esse ano, os visitantes poderão perceber maior adesão das comunidades rurais durante o Caminhos do Frio, uma vez que a cidade está tra-

balhando intensamente as tradições locais como as danças de Boi de Reis, o Bau (mamulengo), a cantoria de viola, o teatro de rua, entre outras manifestações da cultura popular.

Tiago Salvador afirmou que, por meio da rota cultural, é possível se fazer uma conexão com os atrativos existentes na cidade que apresenta, como um dos diferenciais, temperaturas bem amenas. Quando não estiver apreciando a programação do Caminhos do Frio, o turista poderá conhecer as áreas gastronômicas do município, a Praça 26 de Novembro, que tem um formato de peixe; a Igreja Matriz Santo Antônio; o Memorial Santuário Padre Ibiapina, distante 14 quilômetros do centro da cidade; a edificação quase centenária do Grêmio Morenense; o Mercado Público, entre outros locais de visitação.

Turismo religioso é um dos trunfos da economia local



Memorial Santuário Padre Ibiapina é um dos marcos do turismo religioso

O diretor de Cultura de Solânea, Tiago Salvador, destacou que o município é o mais “firo” (justo) da Paraíba, com um forte turismo religioso. Entre os eventos com foco na crença católica está a tradicional caminhada ao Memorial Santuário Padre Ibiapina, no distrito de Santa Fé. O acontecimento relembra o aniversário de morte do padre, considerado o “Apóstolo do Nordeste”. A vida do religioso está em processo de beatificação pelo Vaticano.

O Santuário preserva a casa onde o padre viveu, um orfanato, uma creche e a capela que é chamada de Casa de Caridade. No local, estão guardados os restos mortais de Ibiapina e a Sala dos Milagres. Nessa sala, estão expostos os objetos e fotos levados pela população que costuma fazer pedidos ao religioso à espera de uma graça.

Além da religiosidade, Tiago Salvador afirmou que os solanenses são um povo festivo, que gosta de brincar em um dos festejos juninos mais animados do estado, preserva festas como o Boi de Reis e ainda mantém um dos maiores mercados públicos do Nordeste.

O visitante ainda pode passear pelas ruas de casas com fachadas históricas, conhecer os mirantes para contemplar o pôr do sol, conhecer a Oficina de Babau, onde vive Geraldo do Babau, que fabrica seus próprios bonecos, vende-os nas feiras livres e faz apresentações culturais na região. Ao todo, ele possui mais de 36 tipos diferentes de bonecos, tradição que foi herdada do seu pai, o Mestre Maestro, já falecido. A brincadeira recebeu o registro de patrimônio cultural imaterial do município de Solânea.

Natureza e história marcam cidade

Solânea guarda tesouros naturais e culturais, que podem ser visitados pelos turistas e pesquisadores. Dentre eles, se destacam:

Grêmio Morenense – A entidade literária e recreativa foi fundada, oficialmente, em 1924 e foi palco de importantes eventos da história de Solânea. No próximo ano, o prédio comemora o centenário de criação. O grêmio foi a primeira sede da prefeitura e funcionou como Fórum da cidade. Abrigou a sede do Vila Branca Sport Club, uma das expressões do futebol da Paraíba, e a Biblioteca Álvaro de Carvalho. Atualmente, o Morenense funciona como salão cultural, onde ocorrem eventos como o tradicional baile de Carnaval Vermelho e Branco.

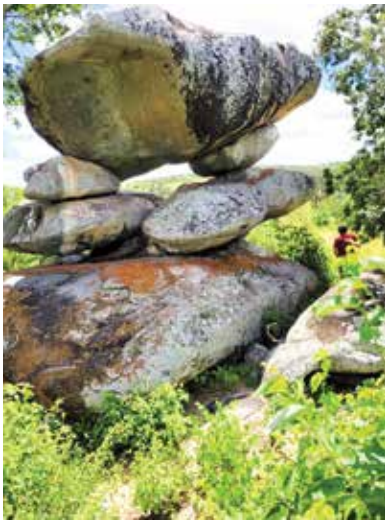
Mercado Público de Solânea – Considerado um dos maiores do Nordeste, o Mercado Público de Solânea possui 12 mil metros de extensão e recebe pessoas de, aproximadamente, 40 cidades da redondeza, clientes fixos em busca de uma variedade de produtos, desde itens culinários até utensílios domésticos. O mercado é animado por apresentações da Cultura de Feira, com apresentação de repentistas, forró pé de serra, teatro de bonecos.

Igreja Matriz de Santo Antônio – De arquitetura gótica, a Igreja Matriz de Santo Antônio é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico da Paraíba. A construção do prédio teve participação direta da população que reuniu esforços e ergueu o templo religioso. A igreja está situada em frente à Praça 26 de Novembro.

Praça 26 de Novembro – Vista de cima, tem um formato de peixe. Essa é a principal praça da cidade, ponto de encontro de amigos e familiares nas tardes e noites solanenses. O nome é uma homenagem à data da emancipação política do município.

Casarão Manoel Moreira – Erguido há mais de seis décadas, o casarão histórico teria sido residência de Manoel Moreira, braço direito de Lampião. Fica localizado na zona rural, no Sítio Olho D’água Seco. Em uma das dependências está um oratório que, segundo o povo mais antigo, servia para esconder armas das rondas policiais. Há uma lenda de que o local é mal assombrado, pois há relatos de barulhos estranhos e vozes na casa.

Arte Rupestre - Solânea tem como diferencial as pinturas rupestres em grandes pedras. Segundo estudiosos, as pinturas foram feitas por indígenas e a estimativa é de que existam há mais



Artes rupestres guardam história

de cinco mil anos. O empilhamento rochoso onde estão esses registros também chama a atenção e deixa dúvida se as enormes pedras, postas uma sobre a outra, são obra da natureza ou é um feito do homem.

Túnel do Amor
agrada aos visitantes
devido ao seu
formato e contato
com a natureza



Entrada do Memorial Santuário de Padre Ibiapina atrai muitos fiéis da região e turistas



Foto: Evandro Pereira

Pelas memórias da Imprensa

■ Obra de Souto Maior publicada pela Editora A União e Eduepb aborda jornais e periódicos no estado desde o século 19 até os dias de hoje

Nesta semana, o jornalista campinense Gilson Souto Maior lança o livro 'História da Imprensa na Paraíba – Jornais e revistas'

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

A borboleta, O livro negro, O sorriso, Pelicano. A pinça, O solícito, O estímulo, Echo. Chique, Novenar antigo, Mercúrio, Arcade. Lidos em sequência, podem soar aleatórios e sem sentido, mas, juntos, eles ajudam a contar a trajetória do desenvolvimento do jornalismo que chega às mãos dos leitores na tangibilidade do papel. Em *História da Imprensa na Paraíba – Jornais e revistas* (Editora A União e Eduepb, 504 páginas), do jornalista campinense Gilson Souto Maior, cria essa narrativa cronológica realizada desde *A Gazeta do Governo da Parahyba do Norte*, em 1826, passando por quase uma centena de periódicos, até chegar aos dias atuais, em que o jornal A União permanece sendo o único a ser produzido diariamente.

“Esse é um trabalho memorialístico em que falo sobre a existência dos jornais na Paraíba até os dias de hoje, nesse momento difícil com o fechamento de muitos jornais impressos. Senti-me na obrigação de fazer esse grande trabalho de pesquisa para as futuras gerações”, afirma Souto Maior. “Tive por objetivo mostrar às pessoas a importância da força do jornalismo e o comportamento político e empresarial desses jornais, a exemplo dos que eram a favor do império, outros da república, outros combatiam o poder vigente, ou os que defendiam o povo e o comércio”. Para esse levantamento, o autor levou dois anos e meio entrevistando jornalistas e pesquisando por acervos em sebos, bibliotecas e repositórios de universidades públicas.

Dando conta de fazer um retrospecto por um período de tempo tão vasto, o livro retrata principalmente o desenvolvimento da linguagem jornalística através de oito centenas de imagens e ilustrações de capas dos noticiosos, citando os veículos de comunicação – dos mais efêmeros aos mais longevos e influentes –, além de resgatar uma diversidade de equipamentos tecnológicos disponíveis no decorrer dos anos para a prática jornalística. Gilson Souto Maior conta ainda com

sua própria experiência como um profissional que passou pelo impresso, pela rádio, TV e assessoria de imprensa para construir a obra com um olhar focado nas instituições, nas empresas de comunicação e nos perfis das pessoas que delas fizeram parte. Por mais de 500 páginas, o autor atrela em seu livro a criação e término de tantos jornais às relações com o contexto político, social e econômico de cada época da Paraíba.

Algumas dessas histórias, porém, se destacam por seu caráter pitoresco e que ajudam a dar a dimensão da pluralidade de jornais na história da Paraíba. Um exemplo disso vem de abril de 1894 com a semanal *The Parahyba Times*, jornal estadual produzido inteiramente em língua inglesa. “Na Biblioteca Nacional, só existem quatro exemplares desse jornal. Eu pensava que isso teria relação com a influência inglesa dos grandes produtores de algodão de Campina Grande, considerada a Liverpool brasileira. Mas Gonzaga Rodrigues relaciona isso à implantação das redes férreas administradas pela Great Western, que inaugurou a estação em Campina Grande, em 1909”, revela Souto Maior. O livro conta com a ilustração do *fac-símile* original e reproduz a mesma página diagramada com tradução para o português.

A leitura criteriosa de *História da Imprensa na Paraíba* leva, segundo o seu autor, ao reconhecimento de quatro principais épocas dos jornais do estado. “A mais importante foi o início de tudo, sem dúvida alguma. A outra é a do século 19, que foi rico para o nascimento de um número incalculável de jornais, provando a força da imprensa e inclusive com a perseguição de muitos jornalistas daquela época. Outro aspecto da força do jornalismo paraibano está presente no século 20, com a Revolução de 1930, até porque essa mesma imprensa enfrentaria o governo ditatorial de Getúlio Vargas. Por último, eu destacaria o período que vai de 1950 a 1990 para lançar nomes para o campo político, como, por exemplo, o de José Américo de Almeida”, cita Gilson Souto Maior.

Como aponta o título do livro, o foco da pesquisa também se estende à história das revistas, que começaram a circular por aqui desde o século 19, sendo voltadas inicialmente ao entretenimento e à cultura. A primeira delas é a *Alva*, de 1850, seguida por *A ideia*, *Boletim Eclesiástico* e *Nova Era*. Entre as curiosidades dessa sessão na publicação está uma revista produzida entre 1926 e 1937, exclusivamente por mulheres, antes mesmo que elas tivessem direito a votar. A publicação mensal era a cajazeirense *Flor de Liz*, da Acção Social Catholica Feminina, que abordava temas limitados à moda, culinária, casamento, família e religião. Assim como o sufrágio, nem toda conquista significou um avanço real de emancipação social.

Com tantos aspectos a serem aprofundados, o livro demonstra de forma inconteste como o jornalismo atingiu seu grau de importância e influência para a democracia devido, inclusive, ao meio pelo qual ele é veiculado, sendo o seu formato tão importante quanto o próprio conteúdo da mensagem. O formato físico do jornal, suas características e limitações, influenciam significativamente a maneira como as notícias são percebidas e compreendidas pelo público. O livro será lançado na próxima quarta-feira (dia 26), às 18h30, na Livraria A União, no Espaço Cultural, em João Pessoa. O evento integra a programação dos 50 anos do Curso de Comunicação da UEPB, através da Eduepb, com apoio da Editora A União.

Autor de outros trabalhos similares nesta mesma área do conhecimento, a exemplo de *Rádio História* e *Radiojornalismo* e *História da Televisão na Paraíba*, Gilson Souto Maior afirma que ainda está longe de concluir seu trabalho de estudioso da comunicação. “Não vou parar porque sou muito irrequieto. Eu me preocupo muito com a memória e sou um pesquisador das coisas. É preciso fazer isso para que a história não morra nunca e as pessoas possam ter a oportunidade de serem lembradas. Enquanto estiver vivo, continuarei falando sobre essas mudanças”, finaliza o jornalista.

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Robert Carroll, ciência e memória

As nossas recordações estão atravessadas de emoções e sujeitas às influências do presente. Os sentidos são um poderoso estímulo para a memória. Uma música, uma imagem, o cheiro de café ou a fragrância de um perfume costumam trazer à tona muitas lembranças. Um processo que seria batizado de Efeito Proust, em alusão ao escritor francês.

A neurociência concebe a memória de uma maneira um pouco diferente. Não há memória sem uma condição estrutural do cérebro: isto é, as ligações entre os neurônios. Sem elas não seria possível a codificação.

O grau de intensidade dessas ligações, portanto, é o que vai determinar a capacidade de memória. Para que nossas recordações aconteçam é preciso que o cérebro esteja funcionando normalmente. As doenças e lesões podem danificá-lo, e assim destruir nossas recordações.

O problema da memória também é alvo dos interesses de místicos e de pseudociências. É o exemplo de Lafayette Ronald Hubbard, o criador da Dianética. Segundo Hubbard, as células possuem memória. Em outras palavras, elas conteriam traços da nos-

sa personalidade, gostos, humores e visões estéticas.

O escritor cético Robert Todd Carroll é um crítico dessas ideias. No seu *Dicionário do Cético*, ele conta a história de Claire Sylvia, uma mulher que, depois de um transplante de coração e pulmão, passou a se interessar por cerveja. Ela dizia que isso aconteceu porque o doador era um jovem de 18 anos.

Carroll argumenta que não sabemos com exatidão como funciona a memória. São várias as teorias e perspectivas. É possível reduzir a memória a funções cerebrais, enfatizando a dimensão biológica e os elementos físico-químicos. Carroll exemplifica essa ideia comum com o fato de a memória diminuir com a velhice, na medida em que aumenta a morte dos neurônios.

Para Carroll, temos três formas de reverter esse acontecimento natural. A primeira, desejo de muitos científicas, é descobrir como não permitir a morte dos neurônios. A segunda é inventar uma técnica que permita levar o corpo a produzir novas dessas células cerebrais. A terceira diz respeito a melhorar a produtividade do trabalho dos neurônios, deixá-los mais eficientes.

É certo, observa Carroll, que é mais tangível as duas últimas possibilidades. Isso não significa, porém, que é impossível que no futuro possamos criar novos neurônios. Para sustentar seu argumento, ele se lembra dos resultados que cientistas vêm conseguindo na criação de novas células cerebrais por meio de implantes fetais. O Salk Institute, na Califórnia, EUA, tem resultados positivos no estímulo ao crescimento de células cerebrais no hipocampo de ratos, como na aplicação de drogas que fazem os neurônios mais produtivos.

Apesar dos testes com humanos, ainda incipientes, se mostrarem promissores, não se tem ainda nada conclusivo, diz Carroll. E arre-mata: “Para os que pensam que a memória é uma função de uma realidade não física, tais resultados devem provocar alguma reflexão, apesar de pensar que um modelo não físico da mente nunca levará a qualquer investigação que beneficie a humanidade. Para os que postulam que a memória é uma função cerebral, existe não só um rumo para a investigação, como a esperança de sucesso na descoberta de algo realmente útil.”

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Invisibilidade da violência

Existe o mal-estar de aceitar a certeza de que a sociedade está adoecida pela imutabilidade do mau, gerada pela brutalidade humana e representada por um poder patológico invisível. Diante disso, desembrotecer-se contra a invisibilidade de uma perversidade é priorizar os pertencimentos que são construídos pela dignidade humana, bem como se deve analisar o como a violência está implícita nos relacionamentos destrutivos. O jurista, sociólogo e economista alemão Maximilian Karl Emil Weber (1864-1920) afirmou que o Estado deve manter o controle da justiça social e da integridade humana para manter o bem-estar social. Quando essa função se torna ineficiente o governante torna-se cúmplice por permitir o terror social. Ele encontrou o conceito de poder coercitivo – dentro de uma relação social – como uma oportunidade de impor uma vontade própria, apesar de não cumprir uma norma da Lei ou uma ordem de outrem. Esse conceito de poder está no campo da dominação e serve a quem o detém e tem a finalidade de acumular riquezas e pode se fixar numa ideia simbólica ou imaginária. A relação de poder – no ambiente social – é construída e legitimada através dos mecanismos sociais: leis; tradições; preconceitos; culturas e instituições que sempre reproduzem e reformulam a dominação através da sociabilidade do cidadão.

A tese mais conhecida de Weber define o Estado como uma entidade que controla e usa a sua força coercitiva de forma legítima. Ele analisou a força de dominação. Um dos seus estudos surgiu a partir de um grupo, quando no exercício de um mandato, através duma relação social legitimada na autoridade, a dominação determina o absoluto controle sobre os outros. São três tipos de dominações: a legal; a tradicional e a carismática. A dominação legal se dá através da burocracia e por uma extrema obediência na aceitação das normas, e se institucionaliza através de um estatuto que pode modificar ou cria normas num processo legítimo. Além de obedecer à regra, o dominante é reconhecido por possuir uma autoridade legítima. Por exemplo, o Estado moderno, um município, uma empresa



Sociólogo alemão Max Weber (1864-1920)

e uma hierarquia. Na tradicional não há um estatuto e a autoridade toma decisões a partir dos seus interesses. Os subordinados obedecem e acreditam na pureza de quem dá a ordem e o seu ordenamento, porque existe a força da tradição e evita-se todo tipo de violação à legitimidade da autoridade. No campo administrativo, os servidores são dependentes da autoridade e ganham cargos por privilégios ou indicação. Na dominação carismática, a confiança dos dominados – no líder – é inconstante. Essa forma de dominação volta-se para a tradicional ou legal. A força de manipulação – do dominante – se dá exclusivamente pela sedução, e os dominados obedecem cegamente a essa força e as qualidades excepcionais de uma sedução cruel e mentirosa. Weber analisou o líder carismático como uma grande força revolucionária, que tem a força de romper as formas normais de exercício do poder.

Max Weber provou que as diferenciações sociais seguem as desigualdades nos campos da econômica, do social e da política. Essa tese se sustenta ao considerar que as classes sociais são diferenciadas conforme os privilégios e às oportunidades de vida em que o cidadão se encontra nos estados positivo ou negativo de sua existência. Outro argumento

afirma que os cidadãos e grupos são reconhecidos de acordo com suas origens e classe social.

A teoria weberiana apresentou mecanismos para entender como se operacionaliza a distribuição da riqueza; a honra; o status; o poder; os partidos e que esses geram normas, hierarquizações e discriminação social. Também construiu os fundamentos básicos da sociologia política da era contemporânea. No seu livro *O Estado Nacional e a Política Econômica* (1895), Weber apresenta a decadência social e a imaturidade política para se dirigir uma nação, bem como mostra a necessidade de refazer uma liderança política contra as falsas virtudes de um governante, a fim de priorizar a verdade, a bondade e a habilidade de instituir a humanização do Estado para solucionar as tensões políticas com o objetivo de construir a paz social.

Os princípios que orienta a boa conduta do ser humano foram criados com o objetivo de tornar a convivência humana suportável, desde que priorize o bem-estar social e permitam ao cidadão se sentir confortável diante do próprio pertencimento. Tomar decisões para preservar o bem comum exigem estas atitudes: a pessoal, que é livre e de responsabilidade de quem toma a decisão; a ética, que é a partir do ato moral; a inata, que preserva os princípios de dignidade humana. Essas decisões envolvem o aspecto pessoal, a moralidade e o quanto a própria ação deve preservar à vida e à harmonia social. Para isso, deve-se proteger a diversidade através do senso de pertencimento e a convivência suportável entre os seres humanos. O Estado deve priorizar as necessidades vitais para garantir a sobrevivência de todos e atender as necessidades da dignidade social.

Sinta-se convidado à audição do 428º Domingo Sinfônico, deste dia 23, das 22h às 00h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei algumas peças do compositor do Sacro Império Romano-Germânico Johann Baptist Vanhal (1739-1813). As suas obras sinfônicas têm frequentemente um tom melancólico e tempestivo.

Kubitschek
Pinheiro
kubipinheiro@yahoo.com.br

Para encher a rua

Cada palavra antiga surge como nova, menos cafona, baixaria, maldade e outras... muitas outras. A única forma de comunicação da cidade em que nasci, Jatobá, era a difusora, além das bocadas. Anúncios de morte, missas, tragédias, prestamentos de contas, aniversários de pessoas “importantes” e campanhas de solidariedade encabeçada por doutor Irapuan Sobral escambau.

Ainda não era noite e eu estava na rua. A difusora da cidade anunciava meu nome. A voz do locutor dizia que minha mãe estava me esperando urgente em casa. Aquela repetição do meu nome “alô Kubitschek” e as pessoas começaram a me dizer a mesma coisa, que minha mãe estava me chamando em casa, achei que fosse onda dos asilados.

De sempre, meu pai trazia-me coisas de outros mundos, onde a sabedoria não precisava de cadernos nem canetas e nos era atirada à cara para aprendermos mais, muito mais.

Cresci com essa coisa sem-cerimônia e sei o que ela é, o que ela custa, o que ela desarma, e o que ela me representa.

Um rapaz do interior com esse nome diferente de Kubitschek, já dava para ver a banda passar. Mesmo longe da arca, eu não poderia ser Juscelino. Há sempre uma arca numa casa do Sertão, mas nem toda a gente sabe.

Nada ficou no lugar, com muitas histórias a serem recontadas, e como eu não gosto de deixar histórias por contar – “temos de soltá-las para que possam correr todas nuas”. No Sertão, a gente dizia: “Eu vou encher a rua”.

Algo me resgatou no impulso como deve ser com as histórias para que guardem na alma. Ainda que com um talismã nos olhos, sinal de que eu podia ir bem mais, mas nem isso: sou um jornalista, um pai de família.

Se eu soubesse tocar um instrumento, não seria mais um a tocar, talvez por isso, ando cantando sozinho e filmando meus pés, para mostrar qualquer beleza, qualquer vantagem da liberdade, que conquistei apregoada ao divino, de olhar sempre o mundo pela primeira vez. Eu sempre faço isso, mas não sou canário do rei.

A maior infelicidade, é não ter uma ocupação, não saber ler, não ter ido à escola, não ter amigos, não ter uma saudade para sentir, é não olhar para as coisas sem dar importância. Fiquei sabendo que uma mulher da capital andou dizendo horrores sobre minha pessoa, numa difusora portátil. Tive pena, ia meter um processo, mas ela não tem onde cair morta. Não é uma sertaneja, uma mulher forte, é uma vagabunda jogada a toda sorte. Esquece.

Com os mesmos lábios, com a mesma ternura, das vezes em que sentimos ao abraçar um irmão, um filho, um pai, uma mãe, eu sou o prenúncio do amor, e estou na estrada, embora sejamos completamente diferentes, mas nunca indiferentes.

O som da difusora não saía da minha cabeça. O que minha mãe queria comigo tão urgente? Ah, ir com ela a um velório. Quando eu era pequeno, minha mãe mandava cortar meu cabelo no estilo militar. Pow!

Não quero que os beijos que recebo sejam novos, quero que sejam beijos, quero que sejam sempre beijos.

Não quero sobressaltar quando eu era jovem, não, quero ficar jovem só na cabeça. Uma pessoa só pode ter paz se ela não conviver com gente tóxica.

Li numa parede: “Só somos felizes quando já não sentimos os sapatos nos pés” – não sei quem escreveu isso, mas aposto nela e faço dos meus sapatos, sandálias, para saber onde piso.

Kapetadas

- 1 - Não aguento mais essa vida de humano, eu quero uma vida de cachorro.
- 2 - Ônibus incendiados são um produto do consciente coletivo.

Foto: Acervo Pessoal



“Única forma de comunicação da cidade em que nasci, Jatobá, era a difusora”

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Em Santa Rita, alunos empreendem o audiovisual

Mais uma vez, a juventude da cidade de Santa Rita, há 20 quilômetros da capital João Pessoa, dá exemplos de discernimento e de esperteza cultural, empreendendo o audiovisual. A minha sobrinha Iasmin Soares, que lá reside com os seus pais, em dezembro do ano passado, após integrar o laboratório de projetos audiovisuais do FeCCI, em Brasília, concluiu seu curta-metragem *Afluências*. Documentário autoral, escrito, roteirizado e também dirigido por ela, abordando os depoimentos de algumas mulheres indígenas, suas ações e afetividades. Audiovisual com foco na “colonialidade do poder”, selecionado nacionalmente e exibido no Cine Brasília, no Distrito Federal.

Agora, deparo-me com mais alguns virtuosos nessa arte, liderados pelo projeto *Clube de Cinema Ferris*, que funciona na Escola de Ensino Integral Maria Honorina Santiago, no município de Santa Rita. Grêmio cuja finalidade é “reunir alunos da escola estadual e ensiná-los as técnicas do audiovisual”. Uma experiência que já dura cinco anos, com trabalhos em vídeo produzidos por eles, inclusive participantes do Fest Aruanda, no ano passado.

Bem posta, certamente, a ideia de se desenvolver a capacidade criadora da nossa juventude através do audiovisual. Em particular, a escola estadual de Santa Rita, cujo projeto tem a coordenação do professor de inglês



Foto: CCF/Divulgação

Alunos do 'Clube de Cinema Ferris' produzem material audiovisual com base no cotidiano

e artes, Willian Bezerra. Mérito, ainda, à organização do projeto, por ter um caráter de socialização, quando envolve outros centros educacionais, a exemplo da Escola Estadual Prefeito Antônio Teixeira, do mesmo município, promovendo suas campanhas junto à comunidade local, na aquisição de materiais aos seus trabalhos videográficos.

O mérito de importância da atividade estudantil cultural produtiva, nas escolas públicas, é irrefutável. Contudo, o ato de se produzir um audiovisual não representa, verdadeiramente, “fazer cinema”. E é justamente sobre isso que tenho procurado, costumeiramente, explicar em meus escritos e quando dos ensinamentos em sala de aula. Daí, a necessidade de uma didática correta aos alunos, distinguindo o que é cinema

e um simples audiovisual. Contudo, parabéns aos organizadores do *Clube de Cinema Ferris*, por essa singular “catequese” cultural.

Em verdade, uma atividade audiovisual que só enaltece a minha cidade natal, de tantas e boas tradições cinematográficas. Como cenografia rural e canavieira, para a realização de produções, em tempos idos; também, em número de salas de cinema para o público. Espaços de exibições fílmicas, construídos e preservados, estoicamente através dos tempos, pelo meu saudoso pai, Severino Alexandre Santos. Um dos pioneiros exibidores do nosso estado, hoje, honrosamente imortalizado pela cadeira 5 da nossa Academia Paraibana de Cinema. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse o nosso blog: www.alexssantos.com.br.



APC se congratula com Editora A União

A Academia Paraibana de Cinema (APC) se congratula com a Editora **A União**, pela recente criação do seu Conselho Editorial, em junho passado, publicada no *Diário Oficial do Estado (DOE)*. O Conselho agrega diversas regiões do estado, na sua diversidade literária: cordel, conto, crônica, poema e romance.

O novo Conselho, integrado à Empresa Paraibana de Comunicação, teve sua primeira reunião já neste mês. Oportunidade em que a diretora-presidente da EPC, a jornalista Naná Garcez, disse da importância do conselho no processo editorial de **A União**, e agradeceu a contribuição de todos no processo de valorização da cultura paraibana.

Em cartaz

ESTREIAS

BARBIE (EUA. Dir.: Greta Gerwig. Comédia e Fantasia. 12 anos). Em Barbieland, todas as versões da boneca Barbie vivem em completa harmonia. Porém, uma das bonecas (Margot Robbie) começa a perceber que talvez sua vida não seja tão perfeita assim. Depois de ser expulsa, ela parte acompanhada de seu fiel e amado Ken (Ryan Gosling) para uma aventura no “mundo real”. **CENTERPLEX MAG** 3 (dub.): 14h15 - 16h40 - 19h10; **CENTERPLEX MAG** 4: 15h30 (dub.) - 18h (dub.) - 20h30 (leg.); **CINÉPOLIS MANAÍRA** 5: 14h (dub.) - 16h30 (dub.) - 19h (dub.) - 21h30 (leg.); **CINÉPOLIS MANAÍRA** 6: 12h (dub.) - 14h30 (dub.) - 17h (leg.) - 19h30 (dub.) - 22h (leg.); **CINÉPOLIS MANAÍRA** 7 (dub.): 12h30 - 15h - 17h45 - 20h30; **CINÉPOLIS MANAÍRA** 9 - MacroXE: 13h30 (leg.) - 16h (dub.) - 18h30 (leg.) - 21h (dub.); **CINÉPOLIS MANAÍRA** 11 - VIP (leg.): 13h45 - 16h15 - 18h45 - 21h20; **CINÉPOLIS MANGABEIRA** 1 (dub.): 12h (sáb. e dom.) - 14h30 - 17h - 19h30 - 22h; **CINÉPOLIS MANGABEIRA** 5 (dub.): 14h - 16h30 - 19h - 21h30; **CINE SERCLA TAMBIA** 1 (dub.): 17h20 - 19h30; **CINE SERCLA TAMBIA** 3 (dub.): 20h; **CINE SERCLA TAMBIA** 5 (dub.): 14h30 - 16h40 - 18h50 - 21h; **CINE SERCLA TAMBIA** 6 (dub.): 14h - 16h10 - 18h20 - 20h30; **CINE SERCLA PARTAGE** 2 (dub.): 14h - 16h10 - 18h20 - 20h30; **CINE SERCLA PARTAGE** 3: 14h30 (dub.) - 16h40 (dub.) - 18h50 (dub.) - 21h (leg.); **CINE SERCLA PARTAGE** 5 (dub.): 20h.

OPPENHEIMER (EUA. Dir.: Christopher Nolan. Drama histórico. 16 anos). Durante a Segunda Guerra Mundial, J. Robert Oppenheimer (Cillian Murphy) é um físico teórico e diretor do Laboratório de Los Alamos durante o Projeto Manhattan, que tinha a missão de desenvolver e construir as primeiras bombas atômicas. **CINÉPOLIS MANAÍRA** 8 (leg.): 12h05; **CINÉPOLIS MANAÍRA** 8 (leg.): 20h; **CINÉPOLIS MANAÍRA** 10 - VIP (leg.): 14h15 - 18h - 21h45; **CINÉPOLIS MANGABEIRA** 3 (dub.): 18h15 (exceto seg. e ter.) - 22h (exceto seg. e ter.); **CINE SERCLA TAMBIA** 2 (dub.): 16h40 - 20h; **CINE SERCLA PARTAGE** 1 (dub.): 17h30; **CINE SERCLA PARTAGE** 4 (dub.): 20h15.

PRÉ-ESTREIA

LOUCAS EM APUROS (Joy Ride. EUA. Dir.: Adele Lim. Comédia. 16 anos). As amigas Audrey (Ashley Park), Lolo (Sherry Cola), Kat (Stephanie Hsu) e Deadeye (Sabrina Wu) se unem após uma viagem a negócios mal-sucedida. Juntas, as quatro vão experienciar uma jornada épica pela Ásia em busca de uma das mães biológicas delas, passando por diversos momentos de autodescoberta, estreitando ainda mais seus laços de amizade e aprendendo a amar a si mesmas antes de qualquer coisa. **CINÉPOLIS MANAÍRA** 8 (leg.): 17h15 (sex., sáb. e dom.).

CONTINUAÇÃO

OS AVENTUREIROS: A ORIGEM (Brasil. Dir.: André Pellenz. Aventura e Comédia. Livre). Quando Luccas (Luccas Neto) e seus amigos decidem invadir o laboratório de um recém-desaparecido cientista, o grupo é sugado para um portal que os leva para outra dimensão. **CINÉPOLIS MANAÍRA** 8: 12h15; **CINÉPOLIS MANGABEIRA** 4: 12h15 (sáb. e dom.).

Serviço

• **Funes** [3211-6280] • **Mag Shopping** [3246-9200] • **Shopping Tambiá** [3214-4000] • **Shopping Partage** [83]3344.5000 • **Shopping Sul** [3235-5585] • **Shopping Manaira** (Box) [3246-3188] • **Sesc - Campina Grande** [3337-1942] • **Sesc - João Pessoa** [3208-3158] • **Teatro Lima Penante** [3221-5835] • **Teatro Ednaldo do Egypto** [3247-1449] • **Teatro Severino Cabral** [3341-6538] • **Bar dos Artistas** [3241-4148] **Galeria Archidy Picado** [3211-6224] • **Casa do Cantador** [3337-4646]

Letra Lúdica

Hildeberto
Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Carta ao colunista

Senhor colunista, sou assinante deste que é o mais antigo jornal do estado e leio sua coluna, *Letra Lúdica*, todos os domingos. Confesso que gosto do título, vendo, nele, certa abertura temática.

Se a palavra “letra” pode remeter, em especial, para o universo literário, em toda sua multifária configuração, o termo “lúdica”, penso, deve ser entendido como uma inclinação para certas atitudes nada ortodoxas nem convencionais dentro da gramática jornalística. Além de fazer, provavelmente, um leve apelo a credenciais estilísticas que fogem ao rigor da objetividade.

Ouso até uma possível classificação, se levo em conta a malha dos assuntos, as táticas expressivas, o ritmo tomado, aqui e ali, pela vertigem das aragens poéticas.

O senhor, ora se faz simples observador das coisas ordinárias e me desafia a penetrar nos reinos da rotina e nas pequeninas festas do dia a dia, trazendo para o mapa de sua escrita, fenômenos comuns que também são mágicos, a exemplo de uma imponderável nomenclatura de pássaros, um glossário dos aromas de verão, uma filologia dos espantos, uma minuciosa ciência dos sabores que preenchem o campo das flores, dos alimentos, das palavras.

Aqui é o cronista, colado à luminosidade dos objetos inúteis e, “com os olhos no chão”, atento à sabedoria, à beleza e à eloquência dos pormenores esquecidos. O cronista convicto de que a crônica, apesar do traço prático do tempo que a contamina, nada mais é que uma silenciosa aventura pelos latifúndios da linguagem. Uma espécie de espelho milagroso em que se refrata a realidade invisível das peripécias humanas. Sim, a crônica como o lugar do humano por excelência. A esquina inesperada para os grandes encontros. A toca imperceptível da melhor poesia.

Ora, o senhor viaja pela geografia seletiva da crítica literária e dialoga sistematicamente com seus pares, os de casa e os de fora, vivos e mortos, clássicos e modernos, românticos e realistas, maiores e menores, contumazes e bissextos, tradicionais e inventivos.

Sei que o espaço é curto para a gravidade da crítica literária, gênero ensaístico e reflexivo a exigir, quase sempre, um território mais vasto nas páginas do jornal. E, cada vez mais, os jornais fogem da crítica. Mesmo assim, comprimidos pela necessidade da síntese, análise, interpretação e julgamento se mesclam, em equilíbrio, na tessitura de suas observações, resenhas e comentários.

Gosto principalmente quando o senhor se debruça sobre os escritores da terra, exercitando o calor da capacidade receptiva, explorando a inteligência crítica, revolvendo os acervos históricos, contextualizando a trajetória de movimentos, grupos e gerações que se firmaram ao longo do tempo. Alguns nomes esquecidos vêm à tona, alguma instituição ganha dividendos nas ações culturais, certos livros e certos autores são colocados em destaque, particularmente pelo mérito literário e estético de suas obras.

O senhor parece fazer a crítica com o espírito próprio de quem quer conviver com o fenômeno literário em sua pujança artística, documental, educativa, humanitária. Sua abordagem carrega muito de compreensão e amor pela simbologia desse patrimônio virtual. Nela não cabe o ranço da mesquinha, do desfavor, da agressão, do personalismo, da fraude retórica, da ironia ferina nem, muito menos, da apologia interesseira ou do falso elogio.

É bom que o senhor também faça outras incursões pelas linhas de sua *Letra Lúdica*. Traga breves comentários, prosa miúda, devaneios esparsos, pensamentos provisórios, aforismas e poemas. Principalmente, poemas.

Se a crônica funciona como o tempo de repouso dentro da ordem severa do pragmatismo jornalístico, quero crer que a poesia, a poesia que se converte na forma memorável do poema, funciona como oásis.

O poema, em preto e branco, no miolo do jornal, em meio a anúncios, notícias, artigos, serviços, entretenimentos, é, pelo menos para mim, amador de poemas, um refrigerio, um bálsamo, um êxtase. Até porque o poema, me parece, pode ser compreendido como o mais eficaz e verdadeiro jornal da alma humana. De repente, uma notícia do infinito na dureza ordinária da vida.

Receba meus cumprimentos de leitor.

Colunista colaborador

Foto: Juliana Rocha/Divulgação

Canção, que faz parte de álbum inédito que será lançado ainda neste ano, ganhou a 9ª posição na lista europeia e o 50º lugar na lista brasileira da plataforma de áudio



Através do QR Code acima, acesse o canal oficial da artista no YouTube

MÚSICA

Juliette é destaque no Brasil e Portugal

Com a canção ‘Sai da frente’, a cantora paraibana alcança as listas lusa e brasileira de top 50 no Spotify

Da Redação

A música ‘Sai da Frente’, da paraibana Juliette, conquistou destaque nos Top 50 da plataforma de streaming de áudio Spotify, tanto no Brasil quanto em Portugal. Com autoria de Nairo, Paiva, Nave, Carol Biazin e Pump Killa, a faixa rapidamente ganhou reconhecimento, alcançando a 9ª posição na lista europeia e a 50ª posição na lista nacional.

“Essa conquista é um marco em minha carreira e só tenho gratidão por todos que contribuíram para isso acontecer. É um sonho se tornando

realidade”, expressou o compositor Nairo.

Essa colaboração configura o primeiro *single* do novo álbum da cantora, que será lançado ainda neste ano. “Estou extremamente honrada e feliz com essa recepção tão positiva do público. Cada resultado desse novo projeto me enche de animação. ‘Sai da Frente’ representa o primeiro passo de uma nova era, sendo uma música poderosa que nos convida a libertar-nos de quaisquer barreiras e dançar no ritmo que quisermos para nossas vidas”, contou Juliette.

Neste mês, Juliette lançou mais um *single*, ‘Tengo’. A faixa

composta por Juliette, Rafinha RSQ, Carolzinha e Elana Dara foi inspirada nas canções de Luiz Gonzaga e traz elementos regionais, incorporando o tradicional som do triângulo. A música estará disponível juntamente com um *visualizer*. Com uma abordagem que mistura elementos clássicos e modernos, e um discurso empoderado, a artista marca uma nova era em sua carreira musical após ‘Sai da Frente’.

Desbravar caminhos

‘Sai da Frente’ e ‘Tengo’ fazem parte do primeiro álbum de Juliette, que apresentará um total de 10 músicas com a pro-

posta de que cada faixa reflita a diversidade de estilos e narre histórias de sua trajetória.

“Estou extremamente empolgada, ansiosa e animada com o lançamento de ‘Tengo’. Essa faixa tem um significado muito especial para mim, pois representa a continuidade da minha trajetória como artista, é o ‘desbravar’ de novos caminhos e formas de me expressar através da arte. Trago uma mistura única de elementos regionais com uma sonoridade moderna e poderosa, honrando minhas raízes nordestinas”, explicou a artista. “Inspirada pela obra de Luiz Gonzaga, essa canção é uma celebração

da minha identidade artística e também do meu amor pela poesia. Mal posso esperar para compartilhar essa experiência com o público e ver como eles se conectam com a mensagem. Espero que todos se juntem a mim nessa jornada musical incrível”, expressou Juliette.

A nova era musical da paraibana chega cheia de significado. A turnê *Caminhos* – sua primeira incursão musical, que aconteceu em 2022 – foi vital para a sua evolução artística. A estreia da carreira musical de Juliette veio em setembro de 2021, com o EP homônimo, que até hoje mantém o recorde de maior número de

pré-saves da história do Spotify Brasil e segunda maior estreia de um álbum ou EP brasileiro na plataforma.

Desde então, a cantora vem fazendo parcerias, como suas colaborações com Alok, Luis Fonsi, Lunay e Lenny Tavárez (em ‘Un Ratito’) e Israel & Rodolfo (em ‘Sobre’). A paraibana também se apresentou no Prêmio Multishow de 2021.

Seguiram-se os *singles* ‘Cansar de Dançar’, ‘Solar’ e ‘Xodó’, além de uma participação na décima Papases-sions, *cypher* chamada ‘França’, ao lado de L7nnon, Xamã e Welisson.

Correio das Artes

Concurso Literário: Minicontos

Um conto, seu ponto e várias reticências...

Fruto do diálogo entre A União e o circuito cultural e artístico paraibano, o suplemento Correio das Artes abre-se para receber as contribuições dos escritores paraibanos no Concurso Literário: Minicontos.

Mesmo na economia de palavras, a curtíssima narrativa do miniconto consegue sugerir personagens, cenários, contextos, sendo um ótimo formato para as experimentações na arte da escrita e, também, para descoberta e lapidação de muitos talentos.

Traduza a sua imaginação em palavras e inscreva até cinco minicontos. Seus textos poderão ser publicados em antologia a ser lançada pela Editora A União. Participe!

Inscrições gratuitas
30/06 a 11/08



EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO



RESULTADO DO CENSO

Projeto prevê ajuste no Parlamento

Mudança seria para 2027, e o objetivo é observar os dados divulgados pelo IBGE para definir bancadas legislativas

Juliana Teixeira
julianaaranjoteixeira@gmail.com

Já tramita no Congresso Nacional o Projeto de Lei Complementar (PLC) 149/23 que ajusta o número de integrantes das bancadas estaduais e do Distrito Federal na Câmara dos Deputados para a legislatura que será iniciada em 2027, observando o resultado do Censo Demográfico 2022, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O texto em análise também determina que o tamanho da representação de cada estado e do Distrito Federal deverá ser anunciado no ano anterior às eleições para a Câmara, a partir de atualização demográfica a ser fornecida pelo IBGE.

A iniciativa é do deputado federal Rafael Pezenti, do MDB de Santa Catarina (SC), estado que será um dos beneficiados caso a proposta seja aprovada. É que a recontagem de parlamentares feita com base em um novo índice populacional abri-

ria mais quatro vagas para representantes do estado na Câmara Federal.

“Como se sabe, a Constituição prevê que o número de parlamentares eleitos nos estados e no Distrito Federal varie entre oito e 70, com ajustes periódicos conforme dados do IBGE”, disse o autor da proposta. “Não obstante, tais números não são atualizados desde 1993”, ressaltou o parlamentar.

Ao elaborar a proposta, Pezenti aplicou metodologia que considera o quociente populacional, promovendo cálculos a fim de chegar ao total de 513 deputados federais. Em relação às bancadas, 12 estados e o Distrito Federal, nos termos do PLP 149/23, permaneceriam com o mesmo número de integrantes.

Além de Santa Catarina, o Pará também cresceria, com mais quatro vagas. O Amazonas ganharia mais duas vagas, enquanto Minas Gerais, Ceará, Goiás e Mato Grosso teriam um assento a mais cada. Os demais estados e o Distrito Fede-



Rafael Pezenti é autor do projeto que muda casas legislativas

ral manteriam o mesmo número de vagas.

Enquanto quem tem interesse no andamento da matéria se movimenta, parlamentares do Rio de Janeiro, que lideraria a perda de assentos na Câmara, caindo de 46 para 42 vagas, Bahia, Rio Grande do Sul, Piauí e Paraíba que perderiam duas vagas cada um e Pernambuco e Alagoas teriam menos uma cadeira na Câmara, tentam segurar essa discussão.

O deputado federal Ruy Carneiro (Podemos-PB) diz que esse tema já foi tratado na Câmara outras vezes, com resultados de pesquisas demográficas anteriores. Para o parlamentar, esse não é um tema tão fácil de ser colocado pelo presidente Arthur Lira na pauta. No entanto, Ruy garante que deve trabalhar pela manutenção da representatividade política da Paraíba.

“Não é um processo tão simples assim. Tudo teria que passar por votação para apreciação dos deputados e em seguida no Senado. Indiscutivelmente, seria uma grande perda para a Paraíba ter menos dois parlamentares. Nós vamos trabalhar para que isso não aconteça”, ressalta.

A reportagem buscou também, por meio das assessorias de imprensa, os parlamentares Mersinho Lucena (PP) e Aguiinaldo Ribeiro (PP) para que comentassem a possibilidade de perda de representatividade política para a Paraíba, mas nenhum dos deputados respondeu aos questionamentos. Assim como a senadora Daniella Ribeiro, não comentou o assunto.

Ainda de acordo com esta possibilidade de recontagem de parlamentares, o Rio de Janeiro perderia quatro vagas. Depois a Bahia, Paraíba, Piauí e Rio Grande do Sul, com duas cada; e Alagoas e Pernambuco, com uma cada.

Professor vê fragilidade, apesar da regra constitucional

O projeto ainda será despachado para análise das comissões permanentes da Câmara. Depois, precisa ser colocado em pauta no plenário, pelo presidente da Câmara, deputado federal Arthur Lira, do PP de Alagoas, estado prejudicado durante essa recontagem.

O professor de Direito Eleitoral da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Renato César explica que apesar de estar na Constituição que a representatividade deve atender a proporcionalidade populacional, o tema é muito frágil, pois o mesmo texto constitucional estabelece um teto para a quantidade

de parlamentares a representar cada estado. O que, por exemplo, limita a 70 o número máximo de parlamentares a representar um estado. Assim como determina o mínimo de representatividade em oito parlamentares.

Para o especialista, estados como São Paulo, que já estão no limite constitucional, de 70 parlamentares, poderiam ampliar ainda mais seu poder político na Câmara e assim, dominar processos de decisão em favor da região.

“Essa é uma questão que é imexível porque esse problema de representação existe desde a primeira Constituição republicana de 1991, em

que fez parte Eptácio Pessoa. O problema atormenta quem elabora a Constituição. Ao mesmo tempo que se adota como critério se adota a população do estado para ter a representação, a própria Constituição limita a 70 este número. Na prática São Paulo poderia ter muito mais do que 70 parlamentares, hoje, não estaria sendo o suficiente para o estado. Por outro lado, tem o caso do Acre, que tem uma população que não necessitaria de oito deputados federais”,

Renato ainda explica que a Constituição tentou corrigir desajustes da representatividade política que hou-

ve no passado no Brasil.

“Essa foi uma estratégia adotada à época para evitar que grandes estados dominassem a política nacional, a exemplo do que acontecia durante a política do Café com Leite, antes da Revolução de 30, durante a primeira República, quando os estados de São Paulo e Minas determinavam os encaminhamentos do país, inclusive se dividindo na Presidência do país. Naquela época, eram as maiores bancadas que elegiam os presidentes, ditavam as regras políticas. Esse regramento constitucional tentou corrigir esse problema”, explicou.



Renato César: mudanças podem mexer com equilíbrio de poder

Possibilidade de mudança preocupa classe política

Ainda que seja um tema recorrente, os reflexos dessa possível mudança têm preocupado muitos parlamentares aqui na Paraíba também.

A mudança leva em conta o que está estabelecido na Constituição Federal, no artigo 27, que determina que a composição de forma: que o número de deputados à Assembleia Legislativa corresponderá ao triplo da representação do Estado na Câmara dos Deputados e, atingido o número de 36, será acrescido de tantos quantos forem os deputados federais acima de 12.

O Legislativo estadual tem, por conta da regra, 36 deputados. Com a mudança, esse número sofreria um ‘efeito cascata’ e cairia para 30. Ainda em recesso parlamentar até agosto, o presidente da Assembleia Legislativa da Paraíba, deputado Adriano Galdino (Republicanos) comentou o tema. O parlamentar considerou o tema sobre redução do número de parlamentares nas Casas

Legislativas como matéria requerida e que não tem como prosperar.

“Eu não acredito nisso. Já por diversas vezes esse tema foi debatido, mas eu não acredito que politicamente haja condições de se aprovar isso em nível federal até porque os estados do Sul do Brasil também estariam prejudicados. Então como não há nenhum ganho para os estados que têm grandes bancadas, eu não acredito que esse debate saia vitorioso no Congresso Nacional e deve continuar da maneira que está”, disse.

Galdino também questionou alguns dados do Censo e opina que precisa ser feito um debate porque as pessoas com medo de perderem o auxílio do bolsa família não responderam ao Censo que tinham outras pessoas morando no mesmo teto recebendo o benefício, daí a diminuição de moradores em quase todas as cidades, que foi o caso da Paraíba.

Câmaras Municipais também perderão

Se essa regra for seguida pelos municípios, Barra de Santa Rosa, Coremas, Soledade, Santa Luzia, Teixeira, Taperoá e Uiraúna perdem dois parlamentares cada. Elas têm atualmente onze vereadores e teriam que reduzir para nove para se adequar à Constituição. Para valer para as eleições do próximo ano, no entanto, é necessário que os próprios vereadores aprove a alteração na lei orgânica de cada município até a data final das convenções partidárias, a ser definida pelo TSE no calendário eleitoral.

O presidente da Federação das Associações dos Municípios da Paraíba (Famup), George Coelho questiona os resultados da última pesquisa do Censo, lembrando que muitas pessoas deixaram de responder à pesquisa. Para George existe uma preocupação, tanto no que diz respeito aos municípios como também no que tange à busca e envio de recursos encaminhados por meio de emendas parlamentares da

bancada federal e estadual aos municípios.

“A Famup é contra essa redução, pois isso interfere na representatividade da nossa Paraíba, pois é efeito cascata e vai provocando redução nas demais Casas. Com menos parlamentares, teremos menos localidades representadas e menos recursos também, pois teremos redução de emendas parlamentares. Vamos conversar com a nossa bancada federal e propor uma articulação para impedir que isso ocorra. Também existe uma discussão sobre o Censo, pois apesar de confiarmos no IBGE, muitas pessoas não responderam por alguns motivos socioeconômicos. Essa é uma discussão que ainda estamos fazendo”, esclarece.

Num contraponto a toda essa preocupação, encontramos o deputado federal Cabo Gilberto (PL), que exerce o primeiro mandato na Câmara e tenta lançar uma ideia: reduzir como um todo

o número de políticos eleitos para as duas Casas Legislativas do Congresso Nacional. Para tanto, diz que vai peregrinar na busca de assinaturas necessárias para dar entrada em uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC). O deputado levanta o excesso de despesas e gastos e um comparativo com outros países.

O parlamentar assegura que as vagas destinadas à Paraíba, hoje, são 12, mas reduziria o número de senadores, não só do estado que representa, como dos restantes que compõem a Federação. A ideia é reduzir os custos do Congresso, diminuindo para um terço o número de parlamentares trabalhando no Congresso, sendo eleitos dois senadores e os 342 deputados federais. Atualmente, são três senadores por estado, o que configura uma paridade entre as federações e 513 deputados federais.

“Sou contra a redução apenas da Paraíba e de mais alguns estados. Por con-

ta disso estou buscando assinaturas para dar entrada em uma PEC, para reduzir o Congresso Nacional em 1/3, sendo dois senadores por estado. Isto irá reduzir os custos do Congresso”, explica.

Para 2023, o Congresso Nacional tem um orçamento previsto de mais de R\$ 13 bilhões. Esse valor, aprovado no orçamento da União, corresponde a todas as despesas inerentes ao funcionamento da Câmara dos Deputados e do Senado.

Mas a proposta do deputado resguarda os valores repassados aos estados por meio das emendas parlamentares. Este ano, já foram empenhados R\$ 519.165.410,50 em recursos orientados pelos parlamentares.

“Sobre as emendas individuais, não terá problema para os estados, o mesmo valor será dividido, de igual forma para todos os 342 parlamentares. Então, os estados não terão nenhum prejuízo. Ganham todos com essa proposta”, explica.

Memórias

A União

Humildade e busca pelo “furo” jornalístico marcam carreira de um repórter

Primeiros textos surpreenderam chefia, mas não eram dele, que pedia ajuda a um amigo; jornalista reconheceu as dificuldades, apostou nas leituras, agarrou a chance e se tornou uma referência na produção de informação privilegiada

Luiz Carlos Sousa
lulajpa@gmail.com

Wellington Farias é um repórter por essência. Daqueles que só têm uma preocupação: dar ao leitor informação privilegiada com dados exclusivos. Pautou toda a carreira com essa preocupação e, com essa postura, produziu matérias que entraram para a história do jornalismo na Paraíba. Muitas delas em **A União**, onde começou a carreira no impresso. Trabalhou em várias editorias, mas demorou mais tempo na política, onde confessa ter cometido a primeira “barriga”. Bem humorado, ri dos próprios erros e conta como abandonou o futebol e abraçou duas paixões, uma profissional, o jornalismo, e a outra por diletantismo, a música. Nessa conversa com o Memórias *A União*, Wellington Farias revela como se pautava e como produziu reportagens polêmicas, mas todas com o compromisso da verdade e de dar todos os lados da notícia.

Entrevista

■ *Como foi que você começou em A União?*

Primeiro, eu sou da última leva dos dromedários do jornalismo, a última leva dos não formados.

■ *Sem o curso de Comunicação?*

Exatamente. Para se ter uma ideia, saí da bilheteria do Almeida, onde eu recebia ingresso. Através de uma amiga, Isa Y Yla Pinto, que conhecia Gilvan de Brito. Ela disse: “Gilvan, eu tenho um super jovem ainda no subemprego na Administração dos Estádios da Paraíba (Sudepar). Não tem uma vaga na Rádio Tabajara?” Ele disse: “Tem, manda ele lá”. Eu disse: “Estou lascado”. Para você ter uma ideia, eu sofri muito para escrever a palavra procissão. Mas não sou o cara de o cavalo passar e eu não montar. Gilvan disse: “Vai sair um grande redator que trabalha na Tabajara, Armando Nóbrega. Tu queres ir pro lugar dele?” Mas é claro.

■ *Sem nenhuma experiência?*

Eu gravava o Globo no Ar, noticiário da Rádio Globo, que ia ao ar de hora em hora. Eu digitava bem e resolvia. Passava para Paulo Rosendo ou Antônio Assunção. Fiz um estágio de seis meses não remunerado. “Quer ou larga?”, me perguntaram. Quero. Fiquei e vinha n’**A União** à noite. Fui ser repórter policial com o Livardo Alves à noite.

■ *Quem eram os “feras”?*

Marconi Formiga, Paulo Santos Tião Lucena, Edmilson Lucena, Anacleto Reinaldo, Antônio Davi, Chico Pinto, aquela turma. Paulo Santos tomou uma carraspana e Frutuoso o demitiu, numa boa. Paulo disse: “Caramba, pelo menos deixa eu indicar um camarada para o meu lugar”.

■ *Conheço a história, mas como foram os detalhes?*

Paulo Santos mandou um bilhete - que tenho guardado até hoje. “Frutuoso, joga uma pauta em cima desse mago, para tu ver o resultado”, escreveu. Foi muita generosidade de Paulo, porque eu não sabia de nada, mas fui sempre chegado ao desafio. Cheguei na Rádio Tabajara e disse a Gilvan: “Eu estou lascado, porque há chance n’**A União** e Frutuoso mandou eu fazer uma pauta. Tenho que fazer umas falas, uns negócios e eu não sei”. “Deixa comigo”, disse Gilvan de Brito.

■ *Arranjasse um padrinho?*

Levava cinco matérias, e no primeiro dia Frutuoso perguntou: “Mas você é de onde?” De Serraria. “Um dos melhores textos da Paraíba”. Muito obrigado. Passou uma semana. Gilvan de Brito disse: “Olha, te virá, porque eu

tenho essa dificuldade.

■ *Que sinuca, hein?*

Que sinuca. E tinha aquelas matérias que eu apurava na Rádio Tabajara e fazia de todo jeito, não sabia o que era *lide*, não sabia dar uma ordem na notícia. Paulo Rosendo no microfone, sem gaguejar, deixava tudo em ordem.

■ *Havia colegas que não sabiam escrever bem?*

Eu sou de um tempo em que você tinha jornalista, não era semianalfabeto não, era totalmente analfabeto. O cara tinha um faro de repórter e chegava para o redator e passava. O cabra não sabia escrever.

■ *Você sabe que essa história de Gilvan de Brito, Frutuoso contou aqui e disse: “Olha, eu não vou dizer que não vou contar alguma coisa porque o próprio Wellington conta”...*

Ele veio saber muito recentemente, porque eu escrevi uma coluna no Correio da Paraíba contando, mas ele não sabia não.

■ *E Gilvan também contou aqui...*

Agora Gilvan apostou muito no meu taco. Uma vez, Gilvan queria me botar no microfone. “Vamos fazer um teste com você para ser noticiário de policial da Rádio Tabajara, com Livardo Alves”, disse. Botou ali, vamos fazer o teste: “Foi preso agora há pouco pela polícia, Gilvan Bezerra de Brito”, que era o nome do chefe, só que o preso era Gilvan não sei de quê. Viram que era um engano. Ai depois eu vim para aqui, já conhecendo Agnaldo, que, aliás, sempre me tratou muito bem por sinal.

■ *Agnaldo é uma lenda. Aqui todo mundo que entrevistou faz referência a Agnaldo, quer tenha sido um diretor, quer tenha sido um colegainho.*

A passagem de Agnaldo n’**A União** é um capítulo à parte pela geração que formou, pelos projetos editoriais que fez aqui. A gente chegava na sala de Agnaldo e estava Raimundo Faoro sentado para dar entrevista, Arthur Moreira Lima. Um dia, eu estava lá e entrou um camarada com uma camisa bem simples, com aqueles quatro bolsos. Era o maestro de Conceição, Zé Carlos dos Anjos, Dagoberto, de Campina Grande. Foi uma turma. E eu já fui ligado: tenho que achar um negócio aqui além da cobertura normal. Fomos tomar uma cervejinha, o “almoçozinho”. Quando entramos em São José de Piranhas, eu olhei a Prefeitura e disse: minha matéria está aqui. A cidade lascada, fome, seca... olhando pelo vidro do carro, o chão tremia de calor. E a sede da Prefeitura, um monumento à arquitetura moderna, vidro fotocromático azul, eu disse: “Opa, o oásis na seca”.

■ *Como foi a produção?*

Chamei o prefeito e ele achou que eu ia elogiar. “Ah, meu amigo, isso aqui eu fui a um jogo do Flamengo no Maracanã. Vi esses vidros e procurei saber. Importei, botei aqui circuito interno de televisão japonês. Fiz para **A União** a matéria sobre seca e um “boxezinho”: O oásis no meio da seca. Mais ou menos assim. Está nas páginas de **A União**. No outro dia, Nonato Guedes voltou a **A União** porque o jornal O Estado de São Paulo, através da sucursal de Recife, recebia **A União** e o chefe disse a Nonato: “Eu quero essa matéria aqui”. Nonato foi n’**A União** e fez a matéria em cima desse fato.



Wellington conta que saiu da bilheteria do Almeida para trabalhar na R ádio Tabajara



Wellington Farias revela como descobriu Elizabeth Teixeira e fez a primeira entrevista com ela após a volta ao Brasil

timento cultural que havia n’**A União**. Comecei aí com muita dificuldade, mas eu tinha faro de notícia.

■ *Aliás a frase é sua: “Eu procurava sempre como poderia surpreender”...*

Tem uma frase de Zé Américo, acho que quer dizer: “Enxerga bem aquele que enxerga o que os outros não veem”. Levei isso para o jornalismo. Por exemplo: João Azevêdo vai lançar hoje um projeto de casas. Eu ia para a solenidade, mas eu ia também ligado em outras histórias, porque na solenidade, ali, às vezes surge um documento que entregaram ao governador, uma aliança. Eu tinha que fazer algo mais.

■ *Como foi a história da matéria do interior que você foi cercado dos grandes nomes do jornalismo paraibano, e, quando chegou, olhou para a sede da Prefeitura e viu o que ninguém enxergou?*

Nós fomos com a Comissão da Seca da Assembleia Legislativa. Nonato Guedes, Lena Guimarães, Zé Carlos dos Anjos, Dagoberto, de Campina Grande. Foi uma turma. E eu já fui ligado: tenho que achar um negócio aqui além da cobertura normal. Fomos tomar uma cervejinha, o “almoçozinho”. Quando entramos em São José de Piranhas, eu olhei a Prefeitura e disse: minha matéria está aqui. A cidade lascada, fome, seca... olhando pelo vidro do carro, o chão tremia de calor. E a sede da Prefeitura, um monumento à arquitetura moderna, vidro fotocromático azul, eu disse: “Opa, o oásis na seca”.

■ *Como foi a produção?*

Chamei o prefeito e ele achou que eu ia elogiar. “Ah, meu amigo, isso aqui eu fui a um jogo do Flamengo no Maracanã. Vi esses vidros e procurei saber. Importei, botei aqui circuito interno de televisão japonês. Fiz para **A União** a matéria sobre seca e um “boxezinho”: O oásis no meio da seca. Mais ou menos assim. Está nas páginas de **A União**. No outro dia, Nonato Guedes voltou a **A União** porque o jornal O Estado de São Paulo, através da sucursal de Recife, recebia **A União** e o chefe disse a Nonato: “Eu quero essa matéria aqui”. Nonato foi n’**A União** e fez a matéria em cima desse fato.

■ *Como foi que você conseguiu superar as dificuldades que o impe-*

diam de escrever a palavra procissão?

Só queria saber de futebol, cigarro e tomar uma de vez em quando. Depois passei a tomar todas. Mas aí é outra história. Eu percebi que ia ficar para trás rapidamente. Comecei a ler. Gosto muito de ler, compro muito mais do que leio. Mas se você não faz uma base na escola, velho, você vai ficar desorganizado para aprender.

■ *É preciso sistema, método?*

Até hoje tenho dificuldades. Mas eu tinha muito faro de notícia. Quando eu chegava na redação, perguntavam: “O que é que tem aí?” A galera já esperava. Mas não só era eu, não. Tinha um time bom: Marconi Formiga, Tião Lucena.

■ *A concorrência era grande?*

Só que os outros caras eram escolados. E eu, “foca”. E eu ia entrar naquela leva de jornalistas que não sabiam de nada? Têm um faro bom, mas não escrevem. Não. Quero isso para mim não.

■ *E você também era um repórter destemido?*

É o seguinte: eu tinha uma característica de não gostar da mesmice. Gostava sempre de fazer uma coisa diferente e foi o que compensou a minha deficiência cultural: o faro de repórter. Por exemplo, eu gostava de fazer entrevistas boas e eu me lembro que a primeira entrevista de Elizabeth Teixeira, que ninguém sabia nem quem era, fui eu que fiz por indicação de João Manoel de Carvalho, para quem eu ligava, de vez em quando, pedindo uma sugestão. Ela tinha saído da clandestinidade. Já tinha feito o filme “Cabra marcado para morrer”. Peguei o carro d’**A União**. Quando ia saindo, vem chegando Carlos Tavares, e eu disse que ia fazer uma entrevista boa com a viúva de João Pedro Teixeira. Fomos na casa da filha dela, fizemos uma entrevista demorada. Está nas páginas d’**A União**. Inclusive, nessa entrevista ele se queixou de que os produtores do filme prometeram uma casa e nunca deram. Depois, teve o lançamento do filme “Cabra marcado para morrer”. Fui assistir no Cinema Municipal, e fiquei indignado porque Abraão Teixeira, filho de Elizabeth

caminho de volta, disse a Silvestre: cara, não troquei a fita da entrevista de Dom Helder. Eu gravei por cima. Tem a foto até hoje, mas não tem entrevista.

■ *Há também aquela outra participação sua que foi a história do plágio de Zé Ramalho. Você pode contar os detalhes?*

Bom, primeiro quero dizer o seguinte: eu estava na redação da João Amorim, que foi uma redação maravilhosa. Acho que foi em 85. Zé Ramalho lançou no Fantástico a música “Força Verde”, um arranjo maravilhoso, uma poesia do caramba, e eu me lembro que o disco tinha uma faixa feita num raio verde e amarelo, as cores do Brasil. Ele deu umas explicações lá. Eu era chefe de reportagem d’**A União**, tinha 25 anos. Cheguei um camarada e disse: “Wellington, tem uma coisa interessante: a música de Zé Ramalho no Fantástico é um plágio”. Eu disse: deixa de conversa. E ele: “Olha aqui”, e pegou a revista Incrível Hulk número um. Eu olhei, aí fui na casa de alguém, eu acho que na casa de Sílvio Osias, para você ver a responsabilidade. Me deu a revista e vamos ouvir. Quando botou o disco, só muda duas palavras para fazer a rima. O resto... O editor, eu acho que era Pedro Moreira. Eu disse: rapaz, é plágio mesmo, não tem para onde. Como Zé Ramalho estava se projetando muito, consultaram o governador, que disse: “Pode ser publicado, desde que assinê”.

■ *Sei que você sempre teve preocupação de olhar o que era exclusivo, mas o cara chegar no Porto de Cabedelo e, de repente, saber que estava lá o secretário do Sindicato Solidariedade de Lech Wałęsa, que foi presidente da Polónia e liderou toda aquela revolução de volta à democracia. Foi coincidência, também, foi sorte grande ou obra do acaso?*

É o seguinte: havia uma exibição folclórica na praça de Cabedelo e juntou uma tropa de jornalistas para cobrir. **A União** me mandou. Tinha um navio polonês ancorado no porto. Soube que havia um cara desenrolado falando um portunhol e conheci o cara. Comecei a entrevistar: “Eu sou fulano de tal, sou secretário do Sindicato Solidariedade da Polónia”. A Igreja conservadora na Polónia apoiava o Lech Wałęsa para derrubar o comunismo, e a Igreja Progressista no Brasil apoiava o PT, que era um partido de esquerda. Foi uma entrevista maravilhosa e foi um furo.

■ *Lembro também daquela entrevista com Ariano Suassuna, que tinha dito que não falaria mais com a imprensa da Paraíba e você foi lá e conseguiu.*

Eu cheguei com o fotógrafo Cicero Silvestre, todo molhado. Tenho as fotos e a fita guardadas. “Companheiro, já que você me pegou na tocaia”, me lembro dessa palavra dele, “eu vou dar entrevista”. Sentou e eu tome pergunta... Meceu o cacete no movimento tropicalista. “Olha, esse movimento tropicalista de Caetano e Gil, isso é o Brasil ridículo que os americanos querem ver. Carmem Miranda com aquelas bananas na cabeça, aquilo é uma palhaçada”.

■ *Foi uma entrevista interessante, também, porque você não tinha ido para entrevistar Ariano. Como foi essa história?*

Eu fui entrevistar Dom Helder Câmara, que tinha um projeto para acabar com a fome até o ano 2000. Isso antes do Fome Zero de Lula. Foi em 1992. Dom Helder, muito atencioso, na casa dele em Olinda. Aí, quando saí, disse a Silvestre: eu vou arriscar na rua do Chacon. Quando cheguei, não disse que tinha vindo de João Pessoa. Eu vim da Paraíba. Conhecendo a história toda, estou aqui, e não ia voltar para o jornal sem tentar. Ele não sabia que eu tinha entrevistado Dom Helder. “Companheiro, contrerrâneo, eu vou lhe dar entrevista”, disse. Quando eu entrevistei Ariano Suassuna, em 92, ele já estava escrevendo o livro que seria a continuação de “A Pedra do Reino”, lançado agora, depois da morte dele.

■ *Mas teve um episódio com a fita da entrevista de Dom Helder, qual foi?*

Quando eu cheguei no meio do

do por João Camurça, que estava sentado perto: “O incrível Zé Ramalho”.

■ *Eu gostaria de lembrar dois episódios também importantes, e tenho impressão que todos foram aqui em A União, não sei se como repórter ainda ou se como chefe de reportagem ou como editor...*

Como editor, foi uma experiência amarga. A página mais feia de **A União**, fui eu que fiz.

■ *Eu queria saber de dois episódios importantes para essa conversa de memórias. Uma: a história do pai de Júnior, jogador da Seleção Brasileira. O que você descobriu?*

Ele estava enterrado como indigente no Cemitério do Cristo Redentor. Eu era muito amigo do ex-vereador Francisco Saldanha, que era diretor dos cemitérios. Um dia, fui num restaurante - eu gostava de tomar uma sopa que tinha lá -, eu e ele, com um rum e Coca. Antes da gente beber, ele disse: “Tem uma matéria boa para ti. Sabe Júnior, do Flamengo? O pai dele está enterrado como indigente no Cristo Redentor”. Fui lá, cova rasa, uma cruzinha caindo, escrito Leovegildo Gama. Fiz foto. Uma matéria simples, fácil de fazer, mas impactante. A família depois mandou transferir para um lugar mais decente. Também foi para **A União**.

■ *O outro é a história de Tancredo Neves. Como foi a conversa com ele?*

Também foi para **A União**. Ele criou o PP (Partido Popular), veio para o lançamento e ficou no Hotel Tropicalcana. Comecei a conversar com ele, conversa boa, muito gentil, e ele disse: “Olha, viveremos dias de turbulência no Brasil”.

■ *Você diz que é um cara que nunca estudou, não queria conversa com o raciocínio lógico da Universidade, com as ciências, mas, vejiam, tudo que fez tem uma fitinha guardada...*

Eu tenho um arquivo fabuloso, desde Elizabeth Teixeira, Severino Araújo contando a história das origens da Orquestra Tabajara, no Rio de Janeiro, na Boate Roda Viva. Ele, no intervalo, não jantou. Foi de uma gentileza comigo.

■ *Você foi repórter político por muito tempo?*

Eu acho que eu fui repórter de política mais tempo do que qualquer outra coisa. Eu fiz policial, mas foi por pouco tempo. Depois fiz esporte - tive uma breve passagem, cobrindo os Jogos Universitários Brasileiros, inclusive, ganhei uma medalha com a melhor cobertura.

■ *Mas e a política?*

Depois entrei na política. Foi quando comecei a cobrir a Assembleia. O presidente, eu acho que era Nominando Diniz, o pai. Eu peguei várias gerações. Fiquei por muito tempo na política.

■ *Você se reciclou e, hoje, é um dos jornalistas mais atuantes nas mídias sociais?*

Inclusive, o primeiro site de notícia da internet da Paraíba, fui eu que botei, o Portal de Notícias. Testemunha: Petrônio Souto, que lia todo dia e eu fazia as páginas, não aceitava publicidade. Eu botei e sempre procurei me reciclar. Aí eu tive o problema do câncer agressivo, passei três anos numa luta. Tive o diagnóstico de cura e depois, quando já estava comemorando, surgiu novo sangramento no rim. Como é que se

faz. Ou tira o rim, se for um tumor, ou salva o rim, se for uma coisa que dê para aproveitar, mas eu não paro não, entendeu? Sou um dos últimos da minha geração, que está quase toda em casa, né?

■ *Eu gostaria de lembrar dois episódios também importantes, e tenho impressão que todos foram aqui em A União, não sei se como repórter ainda ou se como chefe de reportagem ou como editor...*

Como editor, foi uma experiência amarga. A página mais feia de **A União**, fui eu que fiz.

■ *Eu queria saber de dois episódios importantes para essa conversa de memórias. Uma: a história do pai de Júnior, jogador da Seleção Brasileira. O que você descobriu?*

Ele estava enterrado como indigente no Cemitério do Cristo Redentor. Eu era muito amigo do ex-vereador Francisco Saldanha, que era diretor dos cemitérios. Um dia, fui num restaurante - eu gostava de tomar uma sopa que tinha lá -, eu e ele, com um rum e Coca. Antes da gente beber, ele disse: “Tem uma matéria boa para ti. Sabe Júnior, do Flamengo? O pai dele está enterrado como indigente no Cristo Redentor”. Fui lá, cova rasa, uma cruzinha caindo, escrito Leovegildo Gama. Fiz foto. Uma matéria simples, fácil de fazer, mas impactante. A família depois mandou transferir para um lugar mais decente. Também foi para **A União**.

■ *O outro é a história de Tancredo Neves. Como foi a conversa com ele?*

Também foi para **A União**. Ele criou o PP (Partido Popular), veio para o lançamento e ficou no Hotel Tropicalcana. Comecei a conversar com ele, conversa boa, muito gentil, e ele disse: “Olha, viveremos dias de turbulência no Brasil”.

■ *Era um político extremamente experiente...*

Raposa velha. Articulou com Deus e o mundo para chegar lá [Presidência da República] e terminou não chegando. Mas eu queria contar outra história do jornalismo muito engraçada que eu passei. Em plena ditadura militar plena, eu fui ao Grupamento de Engenharia entrevistar o general Samuel Correia. Nada mais, nada menos do que o chefe do Estado Maior das Forças Armadas. Simpaticíssimo. Ele disse: “Nós já cumprimos o nosso papel, a gente tem que entregar aos civis. Terminou o ciclo militar”. Eita manchetê! Levei para o jornal. Fui dormir, com insônia, para só ver no dia seguinte, e, quando abri o jornal, nada. Não vou dizer aqui quem é a figura. “Eu não publiquei, porque o Grupamento de Engenharia poderia não gostar”. Eu: é o chefe do Estado Maior das Forças Armadas, o Grupoamento não manda em p* nenhuma. A gente passa por essas né? Medo não combina com jornalismo. Se você é medroso, vá para outro canto.

■ *Voltando à internet: como é que você faz o balanço ou a análise do jornalismo impresso, dromedário e o jornalismo hoje?*

A internet, ela tem uma vantagem: é difícil você censurar. Lembro que sou de uma época que tinha um grupo de velho que gostava de pegar umas meninas. E, de vez em quando, estourava a onda, os mesmos velhos. Chegavam em O Norte, no Correio, os carecas. N’**A União**, nem precisava. Bastava falar com um deputado, com o secretário. Hoje não existe mais essa possibilidade. Se o velho fizer isso, a

internet... Agora, existe também uma coisa sem hierarquia. Tudo superficial demais, ninguém apura nada. Mas há problemas muito sérios hoje: as *fake news* e a desonestidade intelectual.

■ *Mais alguma história que você gostaria de contar?*

Um tema que eu queria falar era o seguinte: a chegada do curso de Comunicação. Havia um confronto: a galera do batente, que era a minha e reagia a essa história do curso de Comunicação. Inclusive, Cleane Costa foi uma das primeiras que chegou da universidade e disse: “Olha eu gosto muito de Wellington, porque nunca olhou para mim atravessado pelo fato de ser uma jornalista vinda do curso de Comunicação”. Eu não tinha restrição. Agora, até hoje é um tema meio polêmico, mas acho que para você ser jornalista, necessariamente, não precisa de um curso de Comunicação.

Porque a chegada do curso melhorou muito o nível do jornalista, melhorou muito o velho, nós trabalhamos com colegas que não sabiam escrever e falavam mal. Tinha uma redação de um nível médio para baixo e tinha os cobras. Os caras que escreviam bem: Gonzaga Rodrigues, Natanael Alves, Antônio Barreto Neto. E tinha os outros, aqueles repórteres de policial, que chegavam suados, não sabiam juntar bem as informações. Não tinha televisão. Vou contar uma história de Barretinho, posso contar? Barreto era uma referência. Fui entrevistar Barreto. Ele contando que morava no interior e via na mercearia uns papéis com o Diário de Pernambuco e lia as crônicas de um camarada lá. Quando terminei a história, no jornal O Norte tinha vindo aquela turma de Brasília. Turma toda cheia de presunção, Deus me perdoe a ausência, até porque ele já morreu. Quando eu mostrei, ele disse: “Quem é esse aqui?” Eu disse: Barreto Neto. Disse quem é Barreto Neto, só isso, uma referência do jornalismo paraibano. “Reduza para cinco linhas. Desse jeito ele não vai para página nenhuma”, determinou. Guardei a fita, que tenho até hoje, e 10 anos depois, o Correio da Paraíba completando 40 anos, começou a resgatar. Eu tenho matéria, foram duas páginas. O Correio da Paraíba fez justiça.

■ *Há algo que você queira acrescentar?*

Para encerrar, uma gracinha: cheguei n’**A União** na 1817 para trabalhar na primeira semana. Aí estava lá Chico Pinto grandão. E Tião Lucena tinha chegado de Princesa Isabel. Matuto como eu, que vinha de Serraria. Chico Pinto, já vivido. Sairam para almoçar. Quando o Tião foi para casa, que subiu no ônibus, lá estava Chico Pinto: “Terminou?” “Terminei sim senhor”, respondeu Tião todo respeitoso a Chico Pinto, que também estava começando.

Muito obrigado pelo convite para participar desse projeto.



Aponte a câmera do celular para o QRCode e veja a entrevista completa no YouTube



EDIÇÃO: Luiz Carlos Sousa
EDITORACÃO: Paulo Sérgio



Editoração:
Ulisses Demétrio



Dadá Gadelha, Marcelo Pinheiro de Lucena, Ássis Almeida, Ana Gouveia, Daniel Rodrigues, Fátima Freire, Maurício Burity, Moisés Marques e Fatima Braga são os aniversariantes da semana

IMOBILIÁRIA

PARAIBA PROPERTY

www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

SÃO BRAZ

ESPRESSO SÃO BRAZ EM CÁPSULAS. EXPERIMENTE.



A mostra “No mundo dos Encantados”, do artista quilombola Sérgio Teófilo (foto), tem feito sucesso no Liv Mall Shopping, desde sua estreia no último dia 13. Visitantes e apaixonados por arte estão encantados com a beleza das peças da nova exposição do Espaço Arte Brasil.



A jornalista Thereza Madalena, um ícone na história da televisão paraibana, vai realizar, em nova edição, o tradicional Arraiá da Tetê, no dia 27 deste mês, na casa de Recepções Sonho Doce, a partir das 19h. Claro que marcarei presença. Quem quiser participar do evento e garantir o seu espaço pode contatá-la pelos telefones 99342-3075 e 98809-0103 ou pagar pelo PIX 058.819.514-68. O convite individual custa R\$ 150,00.



O escritor e procurador da República, acadêmico Eitel Santiago de Brito Pereira, lançou na última quinta-feira (20), o livro “Impressões Esparsas”, uma rica e importante obra que resgata crônicas, discursos e outros textos literários que norteiam o cotidiano familiar, acadêmico e profissional do autor que ocupa a cadeira de número 32, na Academia Paraibana de Letras. O lançamento aconteceu na sede da Casa de Coriolano Medeiros, reunindo familiares e intelectuais de nosso estado. Confira alguns dos melhores momentos deste evento que teve a União Brasileira de Escritores, a Academia de Letras Jurídicas da Paraíba, a Academia Cabedelense e a Academia Paraibana de Letras como parceiros.



Durante o Pôr do Sol Literário, evento cultural que vai acontecer, excepcionalmente, no auditório da Justiça Federal, na próxima quinta-feira (27), serão debatidos os livros História da Paraíba-Lutas e Resistência e A História do jornalismo Impresso, escritos, respectivamente, por José Octávio de Arruda Mello (foto) e Gilson Souto Maior.

A recém-inaugurada Livraria A União, espaço literário idealizado e inaugurado pela presidente da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), jornalista Naná Garcez, deverá ter acrescentado à sua denominação o nome do saudoso editor Juca Pontes. A propositura do deputado Tovar Correia Lima, em razão da atuação do homenageado no universo das letras em nosso Estado, deve ser referendada e aprovada por seus pares.

Como acontece todos os anos, na próxima quarta-feira (26), o governo do Estado deve realizar solenidades alusivas ao aniversário de morte do ex-presidente João Pessoa. Abelardo Jurema, um dos representantes da família Pessoa, já convoca a população para os atos civis que sempre acontecem na praça que leva o nome do homenageado.

O empresário e estrategista digital Marcos Strider desembarcará em João Pessoa para uma palestra inédita. O encontro faz parte do Talk Business Experience, maior evento de negócios da América Latina, que acontecerá, em João Pessoa, nos dias 15 e 16 de setembro. As inscrições para o evento estão abertas.

Na noite da última quarta-feira (19), participei de um “Happy Talk” sobre o OMNI LIFE & HEALTH, na sede da H-Station, em João Pessoa. Na ocasião, os arquitetos Léo Maia, Lana Débora, Patrícia Lago e Fernanda Ventura, profissionais responsáveis pelo projeto do megaempreendimento, num bate-papo informal, detalharam aspectos do medical center e interagiram com os jornalistas convidados para o evento. Andréia Barros, diretora da Vivass Comunicação, Jayme Veríssimo, diretor comercial do OMNI, e o chef Juliano Tramonti, profissionais envolvidos na organização do evento, encantaram-se com a adesão e presença de parte da imprensa paraibana.

Nessa segunda-feira (24), jornalistas à convite da PBTur, órgão que divulga e fomenta o turismo paraibano e que tem Ferdinando Lucena como atual presidente, participam do lançamento desta edição na cidade de Solânea.

O Ministério Público da Paraíba (MPPB) vai realizar eleições, no dia 31 deste mês, para escolher os nomes que comporão a lista tríplice para a indicação do próximo procurador-geral da instituição. Os procuradores Antônio Hortêncio Rocha Neto (o atual procurador chefe do MPPB, Victor Manoel Magalhães Granadeiro Rio e João Geraldo Barbosa se inscreveram e concorrem ao cargo para o biênio 2023/2025.

Selic	Sálário mínimo	Dólar \$ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina	Inflação	Ibovespa
Fixado em 21 de junho de 2023					IPCA do IBGE (em %)	
13,75%	R\$ 1.320	-0,47%	-0,50%	-0,62%	Junho/2023 0,08	120.216 pts
		R\$ 4,781	R\$ 5,319	R\$ 6,148	Maior/2023 0,23	
					Abril/2023 0,62	
					Março/2023 0,71	
					Fevereiro/2023 0,84	+1,81%

NOVO PÚBLICO

Mercado adapta produtos e serviços para incluir *pets*

Empresas criam opções de lazer e fazem cardápio próprio para animais

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

O mercado de produtos e serviços para os humanos está em adaptação para incluir os animais de estimação. Tutor e *pets* podem frequentar os mesmos estabelecimentos de alimentação e comer os produtos preparados para o seu perfil. Enquanto os adultos conversam, os animais podem se divertir em um espaço só deles, assim como ocorre com as crianças. É possível dar uma volta no *shopping* e encontrar itens do interesse para cada público na mesma loja, a exemplo de itens de decoração e mobiliário. A relação é como a de pais e filhos.

A empresa Empadinhas Barnabé criou no ano passado uma linha de alimentos exclusiva para cachorros, a empadinha *pet*, o que atraiu uma maior clientela também para os alimentos já produzidos. A massa do alimento é feita com farinha de arroz, banha de porco e gema de ovo, e não contém sal, açúcar e glúten. O produto conta com quatro sabores: tomate, ricota e orégano; frango com tomate; maçã, banana e canela; e fígado bovino com cenoura, que é o preferido dos clientes.

A sócia-proprietária da empresa, Priscila Barnabé, comenta que sempre teve um público frequentador que chegava às lanchonetes da rede com o cãozinho e que comprava as empadinhas – próprias ao consumo humano – para os animais. Mas o cuidado com esse público potencial surgiu com a abertura de uma loja onde funcionava uma praça na qual as pessoas passeavam com seus animais.

“Abrimos uma unidade em uma praça no Brisamar, mas sentimos que os frequentadores se afastaram, achando que nós não gostaríamos de tê-los por perto. Então, fizemos uma campanha para chamar os clientes. Em seguida, passamos a colocar potinhos de água em todas as lojas para que os animais ficassem mais confortáveis quando acompanhassem os tutores”, explica Priscila Barnabé.

A empresa sempre reposita nas redes sociais os conteú-

dos dos clientes, e muitas dessas postagens eram de alimentação dos animais com as empadinhas. A partir daí, surgiu a ideia de produzir uma linha específica aos *pets*, ao final de 2021. A proprietária conta que o período de testes durou quase um ano, com análise microbiológica em eventos para animais em João Pessoa e em Recife.

Após a degustação, a rede de lanchonetes acompanhou a reação dos animais para verificar possíveis efeitos colaterais. “Os alimentos seguem uma tabela nutricional elaborada por uma veterinária especializada em nutrologia e endocrinologia animal. Desenvolvemos tudo com todo o carinho e cuidado”, enfatiza Priscila Barnabé, destacando que o alimento pode ser consumido por humanos, sendo escolhida por quem é celiaco.

A empresa ainda abriu uma loja em Intermarems com uma área de lazer para os *pets* de 100 metros quadrados, além de quadras esportivas para humanos. “Fizemos um evento de dia das mães de *pets*, com música ao vivo, karaokê e sorteios de brindes. Foi um sucesso! E já recebemos pedidos para fazermos pelo dia dos pais, o que será atendido. No último final de semana, houve duas festas de aniversário de *pets*”, diz a empresária Priscila Barnabé. Ela ressalta que o local recebe frequentadores de outras cidades da Região Metropolitana de João Pessoa, atraídos pela integração familiar que o espaço propicia.

Shoppings *pet friendly*

Muitos estabelecimentos comerciais e de serviços permitem a entrada de animais de estimação, considerados locais *pet friendly*. No Manaira Shopping, a adesão a essa abordagem ocorreu no ano de 2020. Já no Mangabeira Shopping, a sistemática vem desde 2021, conforme regras: os *pets* não podem acessar a praça e os quiosques de alimentação, banheiros e espaço família. Também é vetada a entrada de cães de guarda ou caça, mesmo com focinheiras.

Para a diretora de Marketing dos *shoppings* Manaira e Mangabeira, Roberta Barros, ir



Empadinhas para *pets* conquistaram animais e tutores

ao *shopping* acompanhado dos *pets* é muito benéfico aos tutores. “Eles podem incluir os animais de estimação nos passeios e fazer compras sem atrapalhar a rotina. “Com as nossas diretrizes, garantimos a segurança e o conforto de todos os frequentadores, incluindo animais e clientes. Essas regras estão sinalizadas no próprio *mall*, nas redes sociais e nos *sites* dos *shoppings*”.

Além das lojas específicas para os *pets*, há no comércio uma tendência de ofertar produtos aos dois grupos de consumidores. Na rede de lojas Tok&Stok, por exemplo, que comercializa móveis e acessórios para todos os ambientes, há um departamento com produtos para o conforto e bem-estar dos animais, a exemplo de arranhador, casinha, cama, comedouro, tapete e utensílios de limpeza.

Cadela *influencer*

A cadela Nina Aksan, da raça *golden retriever*, tem sete anos de idade e mais de 22 mil seguidores no Instagram. A rotina dela começa bem cedo, com uma caminhada matinal junto com seus “pais”: Paloma Eduarda e Quintino Augusto. Ao lon-

go do dia, ela se alimenta usando comedouro elevado na sala, que também serve como um elemento de decoração do cômodo.

A tutora da *golden retriever* conta que o casal adotou a cadela após o casamento porque não queria filhos. “Mas ela se tornou a nossa filha”, frisa Paloma. Entre as atividades, estão as fotos e vídeos para preencher suas redes sociais e gravação de materiais publicitários para marcas de roupas, acessórios, brinquedos, planos de saúde e *pet shop*. Nas idas aos locais da saúde e da beleza dos animais, Nina ainda desfruta de um tratamento de *spa*, com direito a banho de banheira, tratamento do pelo e da pele, além de massagem.

Segundo Paloma Eduarda, a conta no Instagram foi criada apenas para mostrar o dia a dia da cachorrinha, desde que ela era um filhote. Mas com a visibilidade, surgiram propostas de propagandas, inclusive para empresas do exterior. E, apesar das habilidades em frente às lentes, a *influencer* não foi adestrada. “Tudo vem do temperamento dela. Nós a educamos do nosso jeito, mas não houve adestramento”.

Por meio das redes sociais, a cadela Nina Aksan, da raça *golden retriever*, ajuda a promover marcas que oferecem produtos e serviços voltados aos *pets*, na Paraíba

Economia em

Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

A independência do Banco Central

Se há uma unanimidade em termos de temas econômicos e que estão na pauta do dia dos noticiários, podemos destacar três que são recorrentes: a Reforma Tributária, a taxa Selic acima dos dois dígitos e a independência do Banco Central.

Todos esses temas são demasiadamente importantes, pois eles recorrem a situações que afetam ou afetarão o bolso da população. Nelas, se entrelaçam assuntos como política fiscal, monetária, consumo e equilíbrio do sistema financeiro.

Por definição do próprio órgão estatal, o Banco Central do Brasil é o principal executor das orientações do Conselho Monetário Nacional e responsável por garantir o poder de compra da moeda nacional, tendo por objetivos: zelar pela adequada liquidez da economia; manter as reservas internacionais em nível adequado; estimular a formação de poupança; zelar pela estabilidade e promover o permanente aperfeiçoamento do sistema financeiro.

Assim, a independência do banco central é um assunto frequentemente debatido na economia e na política. Isso no mundo todo. Em muitos países, os bancos centrais são criados como instituições independentes do governo ou do poder político.

Até bem pouco tempo, ninguém ousava questionar a validade dessa independência. Mas, no Brasil, com o novo governo e nova visão da economia (nova, mas nem por isso uma melhor visão), o assunto vem ganhando força em Brasília.

Logicamente que, para tudo, temos os prós e os contras. E aqui estão alguns argumentos a favor e contra a independência do banco central.

Os que defendem a tese a favor da independência do Banco Central, argumentam essas premissas:

Política monetária mais eficiente - um banco central independente pode tomar decisões objetivas e baseadas em dados econômicos, sem pressões políticas imediatas. Isso pode levar a uma política monetária mais estável e eficiente.

Redução da influência política - a independência ajuda a evitar interferência política no controle da política monetária, o que pode ser essencial para conter a inflação e manter a estabilidade financeira.

Credibilidade e confiança - a independência do Banco Central pode aumentar a credibilidade da instituição e a confiança do mercado e do público em suas ações.

Visão de longo prazo - ao ser independente, o Banco Central pode tomar decisões voltadas para o longo prazo, sem se preocupar tanto com objetivos políticos de curto prazo.

Contra a independência do Banco Central, questionam:

Responsabilidade democrática - alguns argumentam que um Banco Central independente pode não ser diretamente responsável perante o povo e, portanto, não é uma decisão democrática.

Transparência - a independência pode levar a uma menor transparência nas decisões, já que o Banco Central não precisa explicar suas ações ao governo eleito.

Foco único - em alguns casos, a independência pode fazer com que o Banco Central se concentre exclusivamente na estabilidade de preços, negligenciando outras metas econômicas, como o crescimento econômico e o emprego.

A questão da independência do Banco Central é complexa e varia de acordo com o contexto econômico e político de cada país. Além disso, o grau de independência pode variar de acordo com a legislação que regula a instituição e as práticas adotadas. O importante é encontrar um equilíbrio entre a independência do Banco Central e a prestação de contas democrática.



Foto: Arquivo pessoal/ Paloma Eduarda

170 ANOS

BB surgiu privado e financiou guerra

Banco foi criado em 1853 com o propósito de expandir as operações do comércio e da indústria do Brasil na época

Ricardo Westin
Agência Senado

Em maio de 1853, D. Pedro II usou a Fala do Trono (discurso que os imperadores do Brasil proferiam no Parlamento no início e no fim de cada ano legislativo) para pedir aos senadores e deputados que, com urgência, autorizassem o governo a criar um banco nacional. De acordo com documentos históricos guardados no Arquivo do Senado, em Brasília, em seu discurso, D. Pedro II afirmou que a instituição era “um elemento indispensável de nossa organização econômica”. A intenção era que o banco proporcionasse a expansão das operações do comércio e da indústria na época.

O pedido do imperador foi uma ordem. Em questão de semanas, o Senado e a Câmara dos Deputados aprovaram o projeto de lei redigido pelo governo. Em 5 de julho, D. Pedro II assinou a lei bancária. Assim, há 170 anos, nasceu o Banco do Brasil, o banco mais longo do país. A Caixa Econômica, sem o adjetivo “Federal” e com ação limitada ao Rio de Janeiro, seria fundada apenas oito anos depois.

Uma das explicações para o projeto do Banco do Brasil ter virado lei com tanta rapidez está no entendimento unânime de que o Império carecia de uma instituição responsável por organizar e conduzir o sistema bancário nacional. Os papéis do Arquivo do Senado mostram que os

senadores vitalícios do Império, não importando a orientação política, pensavam da mesma forma.

“Senhores, o grande melhoramento material que há a fazer no meu país é, sem dúvida, relativamente ao estabelecimento de um banco”, avaliou o senador Hollanda Cavalcanti (PE). “Devo dizer que voto pelo projeto [de criação do Banco do Brasil] porque, além de outras vantagens, deve produzir duas muito importantes: regularizar a ação dos bancos existentes e contrariar a dos bancos estrangeiros”, argumentou o senador Alves Branco (BA).

Atraso econômico

O sistema financeiro brasileiro era primitivo. Quando D. Pedro II proferiu aquela Fala do Trono, o Império contava com meia dúzia de bancos, todos privados, localizados em certas capitais e com pouco ou nenhum alcance fora de suas províncias. No geral, quem precisava de dinheiro emprestado recorria a agiotas. Naquele Brasil já inserido no capitalismo, isso era um atraso clamoroso que atravancava os negócios. O governo, por sua vez, buscava crédito em bancos britânicos.

A primeira experiência bancária do Brasil remonta a 1808. Depois de fugir de Lisboa e instalar-se no Rio de Janeiro, o príncipe regente D. João criou o primeiro Banco do Brasil, que teve como missão financiar o império luso-brasileiro. Forçado a voltar

Foto: Arquivo Histórico/Banco do Brasil



Escritório do presidente do Banco do Brasil, em 1926, onde ocorriam as negociações no RJ

para Lisboa em 1821, o rei D. João VI levou consigo boa parte dos recursos do banco. As dificuldades financeiras viraram uma bola de neve, e o Banco do Brasil foi liquidado oito anos mais tarde, no reinado de D. Pedro I.

Em 1833, a Regência chegou a aprovar uma lei prevenindo a criação de um novo banco nacional, mas ele não saiu do papel. Os possíveis investidores, traumatizados pelo fracasso da primeira experiência, recusaram-se a apostar no projeto. Depois da ruína do primeiro Banco do Brasil, passaria quase uma década até que outras instituições bancárias surgissem. Uma das pio-

neiras foi o Banco Comercial do Rio de Janeiro, organizado em 1838 por negociantes e emprestadores particulares.

Em 1851, o empresário Irineu Evangelista de Sousa (futuro Barão de Mauá) criou no Rio de Janeiro uma instituição privada chamada Banco do Brasil (a segunda com esse nome), que imediatamente se transformou na maior empresa do ramo no Império. Por essa razão, a missão número um do Banco do Brasil — criado pela lei de 1853 (o terceiro banco com esse nome) — foi recolher do mercado os vales dos bancos privados e substituí-los por cédulas oficiais. Ele ganhou o

monopólio das emissões.

Por meio do Banco do Brasil, o governo imperial passaria a ter controle sobre o papel-moeda, elevando ou reduzindo sua disponibilidade na praça conforme as necessidades econômicas do momento. Apesar de estar ligado ao Estado, esse Banco do Brasil era privado. Ele resultou da fusão do Banco Comercial de 1838 com o Banco do Brasil de 1851 e herdou o nome desse último. Os proprietários das duas instituições extintas passaram automaticamente a ser acionistas do novo banco.

Não foi por acaso que se optou pela fusão. Primeiro, porque o caixa dos dois ban-

cos garantiria o capital necessário ao funcionamento do novo Banco do Brasil. O governo imperial não dispunha de recursos suficientes para criar um banco estatal. Depois, porque a fusão seria a forma mais fácil de se livrar dos dois bancos que mais emitiam vales no Império.

A lei de 1853 determinou que caberia ao governo imperial a escolha do presidente e do vice-presidente do Banco do Brasil. Os escolhidos, contudo, precisavam ser acionistas da instituição. Foi graças a esse expediente que o Estado pôde utilizar um banco privado para direcionar a política monetária do país.

Necessidade de mudança no sistema

Um dos problemas crônicos daquele sistema bancário rudimentar era a falta de cédulas e moedas em circulação no Império. Para suprir essa deficiência do Tesouro, os bancos privados emitiam vales, que eram cédulas paralelas tão aceitas no mercado quanto as cédulas oficiais do Tesouro. Esses vales provocaram um efeito colateral sério. Os bancos se sentiam estimulados a produzi-los desenfreadamente porque, quanto mais emissões faziam, mais eles lucravam e mais dividendos os seus acionistas recebiam.

Para o governo, a economia e a população em geral, isso era péssimo. O excesso de dinheiro em circulação alimentava a inflação e desvalorizava a moeda brasileira no mercado internacional, afetando as importações e as exportações do Império.

O economista Thiago Gambi, estudioso do Banco do Brasil do Império e professor de História Econômica na Universidade Federal

de Alfenas (Unifal), entende que aquele banco dos tempos de D. Pedro II tem semelhanças com a Petrobras de hoje. “O Banco do Brasil era uma instituição privada com interesse público. Enquanto os acionistas almejavam o lucro, o governo utilizava o banco buscando manter a economia saudável. Os embates entre os dois lados eram constantes. A Petrobras, que é uma empresa de capital misto, repartida entre a União e os acionistas, vive uma situação parecida. Os acionistas pressionam por mais lucro. O governo, por sua vez, age para segurar o preço e manter a inflação mais baixa”.

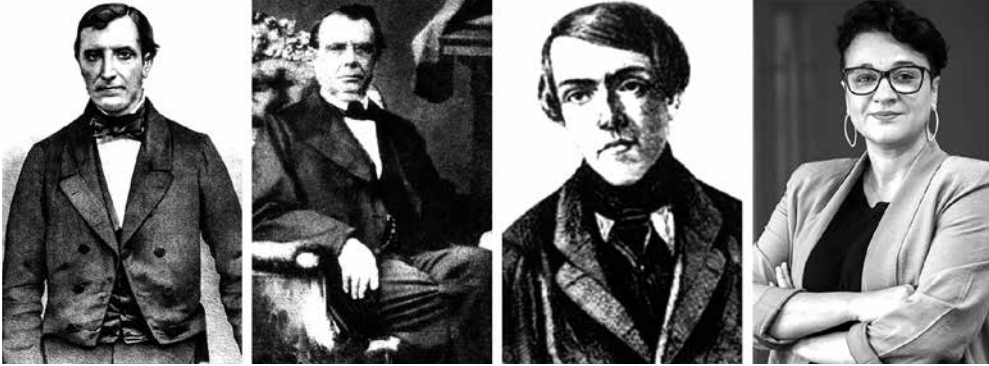
Surgiram outras críticas ao Banco do Brasil. Na discussão do projeto de lei, o senador D. Manoel avaliou que seria um erro se o futuro banco não oferecesse linhas de crédito à agricultura. A economia do Império dependia dos cafezais e da mão de obra escrava. O principal idealizador do Banco do Brasil foi o sena-

dor Rodrigues Torres (RJ), que em 1853 também era o ministro da Fazenda e o primeiro-ministro do governo imperial e disse na época que “seria uma utopia exigir essa proteção (da agricultura) de um banco”.

Impressão do dinheiro

Deixando claro que a principal missão do Banco do Brasil seria sanear a disponibilidade de papel-moeda no Império, Rodrigues Torres avisou que a nova instituição se dedicaria apenas lateralmente a ampliar o crédito disponível aos empresários: “A simples criação do banco não terá a virtude de espalhar capitais por todas as províncias, nem os bancos podem ter a vara de condão de fazerem aparecer o crédito onde o crédito já não existe, nem capitais, indústria e comércio onde os não há. Podem dar impulsos, atividade e energia às operações do comércio e indústria, mas não podem por certo fazer aquele milagre”.

Foto: Sebastien Auguste Sisson, Joaquim Insley Pacheco, Reprodução e BB



Na ordem: Barão de Mauá, Rodrigues Torres, João Duarte Lisboa Serra e Tarciana Medeiros

Missão muda por conflito no Paraguai

O Banco do Brasil se desviou da missão original quando explodiu a Guerra do Paraguai, em 1864. O governo imperial precisou recorrer a ele para fazer frente aos elevados gastos militares que inesperadamente surgiram. Para dar conta da nova demanda, o banco se viu obrigado a fazer grandes emissões de papel-moeda.

Em 1866, com a Guerra do Paraguai em curso, o governo imperial decidiu tirar do Banco do Brasil a incumbência de fazer emissões, transferindo-a para o Tesouro. Dessa forma, buscou baixar os juros dos empréstimos governamentais decorrentes da guerra. Tal mudança se fez por meio de um projeto de lei aprovado no Senado e na Câmara. O autor foi o senador Silveira da Motta (GO), para quem o banco deveria ter a missão de servir mais à lavoura.

Embora continuasse grande, o Banco do Brasil perdeu a importância política e, na prática, tornou-se um banco comercial como qualquer outro. Nos empréstimos aos latifundiários, de acordo com historiadores, aceitava pessoas escravi-

zadas como garantia — prática bancária comum no Império. Em 1893, já na República, fundiu-se com outro banco e perdeu o nome original. Tornou-se o Banco da República do Brasil. Na década seguinte, ficou à beira da falência. Para evitar que o maior banco do país quebrasse e deflagrasse uma crise bancária, com clientes sacando todo o seu dinheiro, o governo viu-se obrigado a resgatá-lo em 1905. Acabou tornando-se o acionista majoritário.

Sem que isso estivesse nos planos do presidente Rodrigues Alves, o banco que havia sido criado em 1853 se transformou numa instituição pública. O nome original foi recuperado. O crescimento se deu de forma significativa na República. Logo o Banco do Brasil se transformou no financiador oficial da agricultura, *status* que até hoje conserva. Ele voltou a ser, tal qual no Império, o principal instrumento do governo para as políticas monetárias — o Banco Central, atual autoridade monetária, só seria criado em 1964. Hoje uma empresa de economia mista, é a se-

gunda maior instituição bancária do país em ativos, atrás apenas do Bradesco.

Existem divergências sobre o ano de fundação. Há aqueles que apontam 1808, por causa do banco criado por D. João, ou 1851, considerando o empreendimento do Barão de Mauá. O primeiro, contudo, foi fechado e não tem ligação direta com o atual. O segundo, por sua vez, foi puramente comercial e não esteve sob a tutela do Estado. Há, ainda, aqueles que entendem que o atual Banco do Brasil foi criado em 1905, quando o governo assumiu o controle acionário, desconsiderando que a instituição funcionou ininterruptamente desde 1853. O primeiro presidente também foi um conservador, o ex-deputado João Duarte Lisboa Serra (MA). Em janeiro deste ano, a presidência do Banco do Brasil foi ocupada por Tarciana Medeiros, funcionária de carreira da instituição e primeira mulher a dirigir o banco nestes 170 anos de história. Tarciana é negra, nordestina de Campina Grande, de origem pobre e militante das causas LGBT.



Cédula de 50 mil reis emitida pelo Banco do Brasil em 1857, ainda no Império

SECTIES E UEPB

Cursos alcançam 1.400 pessoas na PB

Programa de Formação de Profissionais da Educação oferece graduação na forma EaD com apoio presencial

Márcia Dementshuk
Assessoria Secties

Expandindo a abrangência para a oferta de formação de professores e técnicos da Rede Estadual de Ensino, o Programa de Formação de Profissionais da Educação, da Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), em parceria com a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), alcança mais de 1.400 pessoas estudando em cursos de graduação em licenciaturas. Os cursos de Pedagogia, Letras (Português e Espanhol), História e Filosofia têm duração de 4 anos, são ministrados à distância, com apoio presencial em 11 cidades do Litoral ao Sertão, cobrindo grande parte da Paraíba. As primeiras turmas encerraram o semestre inaugural nesta semana, e apontam para o sucesso no uso das tecnologias da Educação a Distância (EaD) para a qualificação profissional.

O Governo do Estado investirá R\$ 2.374.800,00 no primeiro ano na execução do programa. A estrutura pedagógica se constitui em coordenação, professores, tutores e coordenadores de polo. São 11 Polos de Apoio Presencial: João Pessoa, Guarabira, Campina Grande, Livramento, Picuí, Monteiro, Pombal, Itaporanga, Piancó, São Bento e Itabaiana, evidenciando a abrangência do projeto.

“Essa é uma meta do nosso governador João Azevêdo, que sempre faz investimento na formação de professores. Isso é muito importante porque aten-

“Essa é uma meta do nosso governador João Azevêdo, que sempre faz investimento na formação de professores

Claudio Furtado

de todos os profissionais, professores da rede pública estadual e municipal, assim como técnicos-administrativos que queiram cursar uma dessas licenciaturas de modo em EaD. Vai impactar positivamente o nosso estado”, declarou o secretário da Secties Claudio Furtado, durante a aula inaugural, em abril.

O convênio entre a Secties e a UEPB teve início em 2022 e as aulas começaram em 15 de abril de 2023. São ministradas aos sábados, de forma síncrona (em tempo real pela internet), com atividades assíncronas (disponíveis pela internet). O curso de Letras iniciou com 210 estudantes; o de História com 120 e o de Filosofia com 87, distribuídos nos Polos de Picuí e Piancó. Já o curso de Pedagogia consiste no maior desafio para a UEPB, uma vez que o quantitativo de alunos é significativamente grande, cerca

de 990 estudantes distribuídos em torno das 11 cidades onde foram estruturados os polos de apoio.

“O projeto atende, assim, profissionais que querem se qualificar, mas, por causa do trabalho e da distância dos centros onde estão as universidades, não podem fazer uma graduação presencial. A oferta de Pedagogia tem sido o nosso maior desafio enquanto instituição de ensino superior com uma longa história de formação de professores, devido a preocupação com a qualidade do ensino, por isso a necessidade de dois coordenadores de curso, o apoio dos tutores e coordenadores de polos”, afirma a pró-reitora de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância (Proead) da UEPB, Vaneide Lima Silva.

“Além disso, contamos com a atuação de profissionais mestres e doutores que vêm se desdobrando para atender aos anseios dos formandos e oferecer um ensino de qualidade. Não podemos deixar de mencionar a equipe técnica da Secties e reconhecer sua contribuição na agilidade do convênio junto à Fapesq, órgão que viabiliza o pagamento das bolsas”, acrescenta a pró-reitora.

O presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa (Fapesq), Rangel Junior, aposta no crescimento do ensino a distância: “Eu venho defendendo há bastante tempo que na atual estágio de desenvolvimento do país e do estado da Paraíba, com a expansão cada dia maior do acesso a essas tecnologias da informação e da comunicação, a melhor maneira

de expansão do ensino de graduação e do ensino de modo geral, sem dúvidas, deve se dar prioritariamente por intermédio da modalidade EAD, ou mesmo do ensino híbrido, que com o passar do tempo, em minha opinião, tendencialmente vai se tornar regular, e talvez majoritário”.

É comum a variação na disponibilidade de tempo de pessoas que trabalham, têm responsabilidades com a família e afazeres domésticos. É a condição de Rossana Henriques Bezerra, técnica administrativa na EECIT Professor Lordão, em Picuí. Ela é formada no curso técnico de Agroecologia pelo IFPB, e adiaava o sonho de fazer graduação ano após ano:

“Até que surgiu essa oportunidade pela UEPB, estou fazendo Pedagogia e simplesmente amando o curso. Facilita muito a minha vida porque eu posso fazer o meu horário de estudo. Estou me adaptando a essa nova rotina e seguir em frente, em busca dessa minha tão sonhada graduação”, confessa Rossana Henriques!

Ela é concursada pelo Estado, trabalha oito horas por dia, e junto com o marido cuidam de quatro filhos (dois são gêmeos!). “Creio que com o curso de Pedagogia eu terei novas oportunidades”, afirma.

Conclusiva, Vaneide Lima (UEPB) salienta: “Enfim, trata-se de um grande projeto que se destaca pelo trabalho colaborativo entre o Estado, através da Secties, a UEPB e a Fapesq, objetivando, reitero, a qualidade da educação em nosso estado”.

EVENTO NA CAPITAL

Inovação marcará presença no Imagineland

Renato Félix
Assessoria Secties

Evento de cultura pop nos moldes das grandes convenções destinadas sobretudo à celebração e divulgação de quadrinhos, cinema e videogames, o Imagineland também terá um espaço dedicado à inovação. “Imagine the Future” é o título dessa seção do evento, que terá palestras de empreendedores e também a realização de uma *hackathon* com a participação de cem estudantes de instituições públicas de ensino superior da Paraíba. O Imagineland começa na sexta-feira, no Centro de Convenções, em João Pessoa, e segue até domingo, com a parceria do Governo do Estado.

A *hackathon* é um evento que reúne profissionais ou estudantes ligados à inovação para uma maratona de busca por soluções de desafios propostos. No Imagineland, ela terá como objetivo o desenvolvimento de soluções inovadoras para cidades inteligentes. Participarão estudantes da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e do Institu-

to Federal de Educação (IFPB). Os alunos da UEPB são participantes do projeto Limite do Visível, da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties).

A secretaria também estará presente com um estande onde o público do evento poderá conhecer melhor projetos incubados no Programa Parque Tecnológico Horizontes de Inovação, financiados pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq-PB) e o projeto do radiotelescópio Binho, que está em instalação no município de Aguiar, e terá palestra do professor João Rafael, na sexta-feira, às 12h.

“O Governo do Estado está nessa parceria para que o evento possa se fixar e acontecer mais vezes aqui em João Pessoa. É um evento de grande porte, que vai atrair turistas e a intenção é colocá-lo no calendário de eventos e sempre também com uma pegada de inovação e de ciência e tecnologia”, contou o secretário Claudio Furtado.

“O evento é uma vitrine para as ações da secretaria”, complementa Elis Regina, secretária executiva de Inovação. “Uma grande oportunidade para atingir um público

jovem que vai ver o que a gente já está fazendo, uma atuação que já é antiga e que a sociedade precisa sempre saber”.

“Nosso evento quer envolver toda a parte de cultura pop, de cultura *geek*, cinema e música com a inovação, com a tecnologia, com ciência e com empreendedorismo”, afirma Steven Phil, sócio do Imagine-land, empreendedor e sociólogo da ciência, que fará palestra no sábado, às 14h. “Estamos também construindo pontes entre empreendedores importantes do Brasil e o braço científico das universidades. Uma ponte entre o mercado e a ciência: o objetivo é esse. E não seria possível que isso aconteces-

se sem a parceria da secretaria. Para nós é uma honra muito grande estarmos juntos nessa aventura”.

Nesse sentido, além da presença de artistas como atores de seriados e quadrinhistas como Maurício de Sousa, o Imagineland terá palestras de nomes como: Rodrigo Assad, da inovação da Claro, sexta-feira, às 15h; Silenn Thomas, produtora de cinema e CEO da Frank Miller Company, sexta-feira, às 16h; e Guga Stocco, criador de negócios digitais, que vão falar sobre inteligência artificial e o futuro dos negócios, no sábado, às 19h; entre mais de 20 palestrantes e mais de 100 expositores.



Silenn Thomas, produtora americana, fará palestra na sexta

Fotos: Divulgação



A cerimônia de abertura da EaD aconteceu no mês de abril

EDITAL DE 1º E 2º LEILÕES PÚBLICOS DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA DE IMÓVEIS E DE INTIMAÇÕES

COOPERATIVA DE CRÉDITO, POUPANÇA E INVESTIMENTO SICREDI EVOLUÇÃO - SICREDI EVOLUÇÃO, sociedade cooperativa, CNPJ nº 35.571.249/0001-31, com na Av. Marechal Deodoro da Fonseca, nº 410, no bairro da Torre, na cidade de João Pessoa-PB, torna pública que realizará LEILÕES PÚBLICOS para a venda do(s) imóvel(is) abaixo discriminado(s), a serem conduzidos pelo LEILOEIRO OFICIAL MIGUEL ALEXANDRINO MONTEIRO NETO, inscrito na Junta Comercial do Estado da Paraíba, sob a portaria de nº 012/2015, leiloeiro 012, o fazendo sob o amparo do art. 27, da Lei nº 9.514/97, que institui a alienação fiduciária de coisas imóveis, esclarecendo que o 1º Leilão ocorrerá no 1º Leilão o maior lance oferecido for inferior ao valor do imóvel, conforme abaixo indicado. No 2º Leilão será aceito o maior lance oferecido, desde que igual ou superior ao valor da dívida, das despesas, dos prêmios de seguro, dos encargos legais, inclusive tributos e comissão do leiloeiro, conforme previsto nos parágrafos 2º e 3º do dispositivo legal acima citado.

O leilão será realizado na modalidade ELETRÔNICA.

LOCAL: pelo portal www.leiloesmonteiro.com.br

O 1º Leilão será realizado em 27 de julho de 2023 às 09h:00min, pelo lance mínimo de R\$ 692.532,60 (seiscentos e noventa e dois mil e quinhentos e trinta e dois reais e sessenta centavos), com o encerramento previsto para as 10h:00min.

O 2º Leilão será realizado em 28 de julho de 2023 às 09h:00min, pelo lance mínimo de R\$ 593.454,83 (quinhentos e noventa e três mil e quatrocentos e cinquenta e quatro reais e oitenta e três centavos), com o encerramento previsto para as 10h:00min.

ADVERTÊNCIAS ESPECIAIS: Quem pretender arrematar ditos(s) bens(ns) deverá ofertar lances pela Internet através do site www.leiloesmonteiro.com.br, devendo, para tanto, os interessados efetuar cadastramento prévio, no prazo máximo de até 48 horas de antecedência do leilão, confirmar os lances participar das disputas e em sendo vencedor, recolher a quantia respectiva, para fins de lavratura do termo próprio, ficando cientes de que os arrematantes, após o depósito e valor total da arrematação, à vista e em uma única parcela, em moeda nacional e/ou comprovação de efetivação da Transfêrencia Eletrônica de Documentos (TED), no momento da arrematação, a partir do encerramento do leilão.

Referente à **INSTRUMENTO PARTICULAR DE CONTRATO DE LIMITE DE CRÉDITO COM ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA GUARDA-CHUVA, firmado em 23/11/2021, registrado sob o nº R-3, na matrícula nº 11.443, às fls. 160/160, do livro 2 CR em 02/12/2021, o qual consta atrelado às operações derivadas nº C11334018-0, C21331590-0 e C21331589-7, contraídas pelo DEVEDOR O Sr. AMARO JORGE PINTO NETO, inscrito no CPF nº 930.029.124-68.**

IMÓVEL(ES): “SÍTIO BARRENTA”, COMARCA DE ITAPORANGA, MUNICÍPIO DE BOA VENTURA, ESTADADO DA PARAÍBA, ÁREA COM 23,5300 HA (VINTE E TRÊS HECTARES E CINQUENTA E TRÊS ARES) – PERÍMETRO: 2.740,10 M. INICIA-SE A DESCRIÇÃO DESTES PERÍMETRO NO VERTICE DVRA-P-10306, DE COORDENADAS LON: 38°13'42,368" W, LAT: 72°52'1,882" S E ALTITUDE: 290,97M; DESTE SEGUE CONFRONTANDO COM RIO PIANCÓ, PROPRIEDADE DE UNIÃO, COM OS SEGUINTES AZIMUTES E DISTÂNCIAS: 92°53' E DE 135,41M ATÉ O VERTICE DVRA-M-10301, DE COORDENADAS LON: 38°13'42,247" W, LAT: 72°52'2,104" S E ALTITUDE: 292,32M; DESTE SEGUE CONFRONTANDO COM SÍTIO BARRENTA, MATRÍCULA 2053, PROPRIEDADE DE ESPOLIO DE CÍCERO PAULINO DO NASCIMENTO; COM OS SEGUINTES AZIMUTES E DISTÂNCIAS: 180°15' E DE 88,08M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10302, DE COORDENADAS LON: 38°13'42,368" W, LAT: 72°52'24,971" S E ALTITUDE: 293,03M; 180°15' E DE 49,16M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10303, DE COORDENADAS LON: 38°13'42,269" W, LAT: 72°52'26,571" S E ALTITUDE: 292,75M; 179°52' E DE 90,14M ATÉ O VERTICE DVRA-P10304, DE COORDENADAS LON: 38°13'42,263" W, LAT: 72°52'29,505" S E ALTITUDE: 294,73M; 179°42' E DE 72,20M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10305, DE COORDENADAS LON: 38°13'42,250" W, LAT: 72°52'32,018" S E ALTITUDE: 293,21M; 179°06' E DE 184,54M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10306, DE COORDENADAS LON: 38°13'42,157" W, LAT: 72°52'38,024" S E ALTITUDE: 298,65M; 177°07' E DE 7,09M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10307, DE COORDENADAS LON: 38°13'42,144" W, LAT: 72°52'38,283" S E ALTITUDE: 297,60M; 178°27' E DE 106,67M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10308, DE COORDENADAS LON: 38°13'42,050" W, LAT: 72°52'41,754" S E ALTITUDE: 305,63 M; 173°22' E DE 131,91M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10309, DE COORDENADAS LON: 38°13'41,554" W, LAT: 72°52'46,019" S E ALTITUDE: 312,78M; 166°26' E DE 49,55M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10310, DE COORDENADAS LON: 38°13'41,175" W, LAT: 72°52'47,587" S E ALTITUDE: 312,81M; 155°08' E DE 107,97M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10311, DE COORDENADAS LON: 38°13'39,695" W, LAT: 72°52'50,776" S E ALTITUDE: 310,93M; 154°10' E DE 28,02M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10312, DE COORDENADAS LON: 38°13'39,297" W, LAT: 72°52'51,597" S E ALTITUDE: 309,67M; 139°09' E DE 25,14M ATÉ O VERTICE DVRA-M-10313, DE COORDENADAS LON: 38°13'38,761" W, LAT: 72°52'52,216" S E ALTITUDE: 315,68M; DESTE SEGUE CONFRONTANDO COM SÍTIO CHARNECA, MATRÍCULA 8791, PROPRIEDADE DE ANTÔNIO DE FIGUEIRDEO CAUBI; COM OS SEGUINTES AZIMUTES E DISTÂNCIAS: 268°16' E DE 24,60M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10314, DE COORDENADAS LON: 38°13'39,563" W, LAT: 72°52'52,240" S E ALTITUDE: 315,30M; 267°59' E DE 32,46M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10324, DE COORDENADAS LON: 38°13'40,621" W, LAT: 72°52'53,735" S E ALTITUDE: 315,30M; 258°45' E DE 15,76M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10316, DE COORDENADAS LON: 38°13'41,125" W, LAT: 72°52'37,77" S E ALTITUDE 315,73M; 268°15' E DE 44,66M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10317, DE COORDENADAS LON: 38°13'42,574" W, LAT: 72°52'52,421" S E ALTITUDE: 316,58M; 254°25' E DE 3,66 ATÉ O VERTICE DVRA-P10318, DE COORDENADAS LON: 38°13'42,689" W, LAT: 72°52'52,453" S E ALTITUDE: 316,41M; 227°39' E DE 17,01M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10319, DE COORDENADAS LON: 38°13'43,099" W, LAT: 72°52'52,826" S E ALTITUDE: 315,30M; 213°54' E DE 22,32M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10320, DE COORDENADAS LON: 38°13'43,505" W, LAT: 72°52'53,429" S E ALTITUDE 314,70M; 203°54' E DE 9,91M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10321, DE COORDENADAS LON: 38°13'43,636" W, LAT: 72°52'53,724" S E ALTITUDE: 315,65M; 180°20' E DE 31,61 ATÉ O VERTICE DVRA-P-10322, DE COORDENADAS LON: 38°13'43,642" W, LAT: 72°52'54,753" S E ALTITUDE: 318,21M; 175°53' E DE 19,65M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10323, DE COORDENADAS LON: 38°13'43,596" W, LAT: 72°52'55,391" S E ALTITUDE: 319,77M; 202°49' E DE 11,47M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10324, DE COORDENADAS LON: 38°13'43,741" W, LAT: 72°52'55,735" S E ALTITUDE: 319,78M; 220°54' E DE 44,72M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10325, DE COORDENADAS LON: 38°13'44,696" W, LAT: 72°52'56,835" S E ALTITUDE: 321,65M; 229°17' E DE 83,57 ATÉ O VERTICE DVRA-M-10326, DE COORDENADAS LON: 38°13'46,762" W, LAT: 72°52'58,609" S E ALTITUDE: 325,32M; DESTE SEGUE CONFRONTANDO COM SÍTIO BOA VISTA, MATRÍCULA 5516, PROPRIEDADE DE DR. PAULO SANDRO GOMES DE LACERDA; COM OS SEGUINTES AZIMUTES E DISTÂNCIAS: 357°10' E DE 25,47M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10327, DE COORDENADAS LON: 38°13'46,807" W, LAT: 72°52'57,781" S E ALTITUDE: 322,61M; 356°58' E DE 50,08M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10328, DE COORDENADAS LON: 38°13'46,889" W, LAT: 72°52'56,153" S E ALTITUDE: 319,13M; 357°34' E DE 73,80M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10329, DE COORDENADAS LON: 38°13'46,991" W, LAT: 72°52'53,753" S E ALTITUDE: 315,87M; 357°19' E DE 67,85M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10330, DE COORDENADAS LON: 38°13'47,094" W, LAT: 72°52'51,547" S E ALTITUDE: 316,26M; 355°17' E DE 105,33M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10331, DE COORDENADAS LON: 38°13'47,376" W, LAT: 72°52'48,130" S E ALTITUDE: 311,43M; 351°22' E DE 67,24M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10332, DE COORDENADAS LON: 38°13'47,705" W, LAT: 72°52'45,966" S E ALTITUDE: 314,95M; 350°44' E DE 110,81M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10333, DE COORDENADAS LON: 38°13'48,286" W, LAT: 72°52'42,406" S E ALTITUDE: 309,15M; 343°39' E DE 117,69M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10334, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,366" W, LAT: 72°52'38,730" S E ALTITUDE: 306,10M; 342°12' E DE 53,82M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10335, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10336, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10337, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10338, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10339, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10340, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10341, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10342, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10343, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10344, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10345, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10346, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10347, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10348, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10349, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10350, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10351, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10352, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10353, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10354, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10355, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10356, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10357, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10358, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10359, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10360, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10361, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10362, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10363, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10364, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10365, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10366, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10367, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10368, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10369, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10370, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10371, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10372, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10373, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10374, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10375, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10376, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10377, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10378, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10379, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10380, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10381, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10382, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10383, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10384, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10385, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'37,062" S E ALTITUDE: 307,58M; 359°53' E DE 106,70M ATÉ O VERTICE DVRA-P-10386, DE COORDENADAS LON: 38°13'49,902" W, LAT: 72°52'3

MEIO AMBIENTE

Coleta seletiva protege a natureza

Embora exista a política nacional de resíduos, o aproveitamento depende da ação das gestões e adesão das pessoas

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

A coleta seletiva nos municípios brasileiros é um dos instrumentos previstos na Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) com a finalidade de reduzir a geração e o impacto do lixo no planeta. Em João Pessoa, o serviço existe, e segundo o superintendente da Empresa Municipal de Limpeza Urbana (Emlur), Ricardo Veloso, “está disponível em toda a cidade, mediante adesão da população”.

Quem deseja adotar essa prática sustentável basta separar o lixo molhado (orgânico) dos resíduos secos, aqueles que podem ser reaproveitados (papel, metal, plástico e vidro). O próximo passo é entrar em contato com os canais de comunicação da Prefeitura de João Pessoa para que o material seja recolhido, pois a forma de coleta varia conforme o tipo de moradia e o bairro.

Vale ressaltar que a coleta mecanizada municipal é voltada apenas para os moradores de condomínios que têm mais de três pavimentos. Outra forma de atendimento à população é por meio de associação de catadores. Há 13 bairros da capital em que as moradias recebem o serviço de coleta seletiva por meio de associações de catadores que trabalham em parceria com o poder público municipal.

O projeto é realizado nos bairros: Mangabeira, Jardim Cidade Universitária, Jardim São Paulo, Colíbris, Bancários, Jardim Oceania, Bessa, Aeroclube, Cabo Branco, Tambaú, Bairro dos Estados, Pedro Gondim e Treze de Maio. Quem não é assistido por essas entidades, nem mora em condomínio com mais de três pavimentos, deve fazer a seleção dos resíduos em casa e levar o material para a sede da Emlur, que fica no Bairro dos Estados.

De acordo com Ricardo Veloso, é importante a população ter consciência sobre o descarte correto e o reaproveitamento dos resíduos sólidos. “Esta é uma responsabilidade compartilhada com a sociedade. Temos um compromisso com as gerações futuras e, por isso, trabalhamos para a preservação do

meio ambiente, considerando o bem-estar da população. Só conseguiremos uma mudança de paradigmas com o engajamento da população nesta causa”, declarou Veloso.

O geógrafo, mestre em Gestão Ambiental e doutor em Geociências, Rogério dos Santos Ferreira, frisou que a coleta seletiva, por separar na fonte o descarte, facilita o reaproveitamento de vários materiais. Essa reutilização traz benefícios ao planeta, uma vez que diminui a retirada de matéria-prima da natureza, evitando ainda o descarte de muitos resíduos não decompostos que causam sérios danos aos ecossistemas terrestres e aquáticos.

De acordo com Rogério, a cadeia produtiva da reciclagem é complexa e rentável, trazendo emprego e renda para muitos trabalhadores, portanto, tem ainda seu viés social. “Todo produto descartado teve um custo de produção e um valor quando reintroduzido. Neste caso, quanto mais se recicla, reaproveita ou reusa, mais se economiza no valor da produção, pelo barateamento da matéria-prima ou do consumo naquilo que deixou de ser descartado e substituído por um novo”, disse.

De acordo com ele, esse ciclo está ligado à coleta seletiva feita, em larga escala, por pessoas que vivem da catação e da venda destes materiais. A prática alimenta um “novo e próspero mercado de trabalho e renda”, mas muitos ainda atuam “sem estrutura adequada e na clandestinidade”.

Rogério Santos afirmou também que a cultura do desperdício, infelizmente, é algo comum no dia a dia de vários governos, empresas e da sociedade em geral. No entanto, o cidadão consciente pode ser multiplicador do pensamento ecologicamente correto. “Ele deve, às vezes, fazer papel de educador ambiental, descartando seu material de forma seletiva, recolhendo o lixo dos ambientes públicos (praias, rios, prédios, shows) como forma de chamar a atenção de outras pessoas, além de cobrar do poder público o seu papel socioambiental”, acrescentou o geógrafo.

Formas de aderir ao serviço em JP

A coleta seletiva em João Pessoa, segundo a Emlur, é operada de duas maneiras: por meio do recolhimento realizado pelas associações de catadores em 13 bairros da capital e aquele feito pela equipe da autarquia nos condomínios residenciais, que têm mais de três pavimentos. A adesão deve ser feita pelo síndico e o recomendado é reunir o resíduo de várias moradias. Quem não está incluído nessas duas situações, deve levar o material até a sede da Emlur, que fica situada na Avenida Minas Gerais, 177, Bairro dos Estados.

Toda demanda recolhida pelas associações de catadores nas residências é levada para os núcleos de coleta seletiva. Nesse local, o material é prensado e, depois, comerciali-



Foto: Roberto Guedes

Emlur mantém a coleta domiciliar e a de condomínios

zado pelos catadores nas indústrias. As entidades apoiadas pela Emlur são: a Associação dos Trabalhadores de Material Reciclável (Astramare), Tribo de Judá, Associação dos Catadores de Recicláveis de João Pessoa (Ascare-JP) e a Acordo Verde. Ao todo, são aproximadamente 250 catadores em atuação.

Com relação aos condomínios, a coleta seleti-

va teve avanço esse ano. No final de maio, a Emlur lançou o Programa Municipal de Coleta Seletiva, ampliando o serviço e alterando a forma de operacionalização da reciclagem na capital. Inicialmente, foram entregues 50 pontos de coleta, com previsão de liberar mais 50, posteriormente. Segundo a Emlur, há planos para ampliar o servi-

ço para outras residências.

O síndico de condomínios, com mais de três pavimentos, que deseja aderir ao serviço deve acessar o site da Prefeitura de João Pessoa (www.joaopessoa.pb.gov.br), clicar em “Prefeitura Conectada”, escolher a opção “Atendimento ao Cidadão” e, em seguida “Zeladoria”.

Outro serviço público municipal de coleta que pode ser solicitado por qualquer pessoa por meio desses canais, independentemente do tipo de moradia, é o projeto “Cata-Treco”, voltado ao recolhimento de móveis e eletrodomésticos velhos. A população também pode agendar esse serviço, de segunda a sexta-feira, em horário comercial, por meio dos números de telefone da Emlur: 3213. 4237 e 3213.4238.

Ensino sustentável desde a infância

Independentemente da iniciativa do poder público, a população pode fazer a sua parte no trabalho da coleta seletiva. A arquiteta Maria Helena de Andrade Azevedo, que mora em um apartamento no bairro dos Expedicionários, aprendeu a ter uma postura ecologicamente correta desde criança, devido ao exemplo da família. Ela relembrou que o pai usava caixas de papelão para transportar as compras de supermercados para casa. “Depois, ele usava essas mesmas caixas para acondicionar o lixo que seria recolhido pelo caminhão da coleta tradicional”, disse.

Outros exemplos de sustentabilidade deram suporte para que a arquiteta fizesse a coleta seletiva dentro de própria casa. Maria Helena afirmou que a mãe costumava comprar produtos, como desinfetante e cera líquida em uma loja onde o consumidor levava os próprios vasilhames. Além disso, a matriarca da fa-



Foto: Roberto Guedes

Maria Helena de Andrade faz questão de separar os recicláveis

mília separava tudo o que poderia ser reciclado. Com esses modelos de sustentabilidade, Maria Helena aprendeu desde cedo a se preocupar com o meio ambiente. Ela seleciona latas, garrafas plásticas, papelão para dar uma finalidade sustentável. “Eu tenho um coletor na área de serviço e tudo que é de plástico e pode ser reciclado é higienizado e fica armazenado nele. Quando o coletor enche, recolho tudo e deixo com o zelador do edifício onde moro. Ele entrega esse material às famílias que trabalham com coleta

de recicláveis aqui na rua. As embalagens de medicamentos, deixo nos coletores nas farmácias”. Ela ainda compra roupas que de empresas que tenham vínculos com a sustentabilidade, como as da marca Refazenda. Uma das peças que a arquiteta tem no guarda-roupa é feita de algodão, com forro de material de reuso, e botão feito com a quenga do coco.

Maria Helena também une a sustentabilidade a uma causa social, ajudando os animais de rua por meio da reciclagem de tampinhas plásticas,

de qualquer cor ou produto. Maria Helena já divulgou a ideia dentro do condomínio e nos locais que têm acesso como padaria, lanchonete e escola. O objetivo é reunir o máximo possível de tampinhas plásticas. O material recolhido é repassado para instituições de proteção aos animais de rua, que separam o material, vendem e, com o dinheiro, compram ração ou medicamento para os cães e gatos que vivem na rua.

Para ela, se o consumo e as atitudes não ecológicas continuarem no ritmo que estão, o planeta não vai resistir. “É preciso agir, mesmo que num trabalho de formiguinha. É fundamental ter responsabilidade ambiental, e ela pode começar nas nossas ações cotidianas. Quando vou ao supermercado, tenho as minhas próprias cestinhas, e as compras não são embaladas em sacolas plásticas. Eu sou aquela cliente que leva as cestinhas de casa”, ressaltou.

Sudema criou programa para fomentar a reciclagem

Além do poder público municipal, órgãos estaduais também contribuem com a reciclagem de produtos. No final de 2022, a Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema) lançou o EduColetar, programa permanente que visa estimular a coleta seletiva em alguns municípios da Paraíba. A técnica em Controle Ambiental do ór-

gão, Nathália Flôres, afirmou que o objetivo geral do projeto é realizar capacitações voltadas para professores e agentes de saúde e endemias, promovendo educação socioambiental voltada aos resíduos sólidos.

Até o momento, foram feitas capacitações no município de Ingá, mas outros municípios já demonstraram o interesse



Foto: Carlos Nunes

Nathália Flôres, da Sudema

pelo programa. Segundo Nathália, a Sudema já está planejando a implantação do EduColetar em cidades como São Mamede, Picuí, Caaporã e Pitimbu.

“O projeto EduColetar espera que, com um entendimento correto sobre a coleta seletiva, as pessoas capacitadas possam trabalhar tais questões de forma a sensibilizar outros cidadãos a adotarem

medidas corretas em relação à geração e destinação de resíduos sólidos”, frisou Nathália.

A capacitação da Sudema ocorre por meio de cursos, oficinas, palestras e outras atividades educativas. “Ao capacitar essas pessoas, construímos uma rede de multiplicadores da temática ambiental, que conseguem, a partir do seu trabalho e contato

diário e pessoal com a sociedade, estimular a prática da coleta seletiva e gerenciamento correto dos resíduos. Dessa forma, o projeto EduColetar chega para somar às prefeituras e ao meio ambiente, criando uma nova linha de atuação com a sociedade, e trazendo uma nova perspectiva de mudança do atual cenário ambiental.”, disse a técnica.

COPA DO MUNDO

Brasil faz estreia contra o Panamá

Seleção comandada por Pia Sundhage inicia, amanhã, a caminhada em busca de um título inédito no futebol feminino

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

A Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2023, que acontece na Austrália e Nova Zelândia, desde a última quinta-feira (20), é um dos grandes destaques do calendário esportivo da temporada, e a Seleção Brasileira está pronta para encarar as equipes e atletas mais competitivas do esporte.

O campeonato conta com a presença de 32 seleções e o regulamento do Mundial é o tradicional, com oito grupos de quatro equipes, com duas equipes classificadas por grupo e logo depois o mata-mata. O Brasil integra o Grupo F, ao lado de França, Jamaica e Panamá. A estreia da Seleção Brasileira está agendada para amanhã contra o Panamá, às 8h pelo horário de Brasília, no Hindmarsh Stadium, em Adelaide, na Austrália, confronto que vai marcar o primeiro duelo oficial entre as duas seleções.

Já no dia 29, o confronto será contra a França, responsável por eliminar o Brasil no último Mundial. As brasileiras encerram a participação na fase de grupos enfrentando a Jamaica, em 2 de agosto.

O time do Brasil tem 23 selecionadas, sendo que 11 são estreantes em Mundiais. Entre as convocadas está a meiacampista Duda Sampaio, integrante do Corinthians, e a atacante Débora Cristiane de Oliveira, mais conhecida como Debinha, que defende a camisa amarela há 12 anos. Além disso, a Seleção também conta com a atacante Geyse, de Alagoas, assim como a chamada ‘rainha do futebol’, Marta, que disputa a sua última Copa do Mundo.

Marta é considerada a grande referência do futebol feminino brasileiro na história e tinha apenas 17 anos quando estreou em Copas do Mundo, em 2003. A rainha já disputou 20 partidas com 17 gols, o que coloca a alagoana no topo do ranking de artilheiras da competição.

Histórico

Apesar da Seleção Brasileira de Futebol Masculino ser a equipe com mais Copas, no feminino o Brasil nunca foi campeão. A nossa Seleção participou de todas as oito edições da Copa do Mundo Feminina, no entanto, só conseguiu disputar sua única final na edição de 2007, disputado na China. Após se classificar para as quartas com facilidade, passando invicta pelo grupo com China, Dinamarca e Nova Zelândia, a Seleção bateu a Austrália nas quartas (3x2) e os Estados Unidos nas semifinal (4x0).

Na grande decisão contra a Alemanha, o Brasil de Marta, Cristiane e Formiga foi superado por 2x0, com gols de Prinz e Laudehr, e terminou com o vice-campeonato. Essa foi a melhor colocação da Seleção, que ainda foi terceira colocada na Copa de 1999, com a geração comandada por Sissi.

Disputada desde 1991, na China, o Mundial tem as norte-americanas como principais campeãs. No total, os Estados Unidos venceram quatro das oito taças disputadas até hoje, com a Alemanha em segundo lugar com dois troféus.

Atual 8ª colocada no ranking mundial da Fifa, a Seleção Brasileira aposta suas fichas na edição de 2023, com a equipe, comandada pela sueca Pia Sundhage, para buscar a sua primeira conquista na Copa do Mundo. A sueca assumiu o comando da seleção verde-amarela pouco tempo depois da Copa do Mundo de 2019, substituindo Vadão. Tornou-se, assim, a segunda mulher e a primeira estrangeira a ocupar o cargo.

O primeiro grande objetivo dado à sueca foi a conquista do ouro olímpico, em Tóquio, nos Jogos que, por conta da pandemia do novo coronavírus, foram adiados para 2021. Na campanha, o Brasil terminou em segundo lugar no Grupo F e encarou a Seleção do Canadá na fase de quartas de final. No fim, a Seleção acabou dando adeus à competição perdendo nas penalidades.

Agora, ao lado de Marta e companhia, a sueca tem a missão de tentar o título inédito para alavancar o patamar da Seleção Brasileira no cenário do futebol mundial feminino, naquela que vai fi-

nalizar o ciclo da jogadora, considerada o maior nome da história do futebol feminino.

Expectativa na Paraíba

“De fato, a nossa Seleção não está entre as favoritas a conquistar o título, mas tem condições de fazer uma boa campanha na disputa, já que se trata de uma competição curta que vai retratar qual equipe vive o melhor mo-

mento capaz de levantar a taça. Nesse momento a gente faz o papel de torcedora. A treinadora Pia tem feito um trabalho de transição tentando transformar o Brasil numa potência também no futebol feminino. Desejo sorte às meninas, que elas possam representar bem o futebol brasileiro na competição”, disse Gleide Costa, treinadora do Botafogo.

“Apesar de nunca ter conquistado um título na categoria, o futebol da Seleção Brasileira está em ascensão. Nos últimos anos, a Confederação Brasileira de Futebol investiu no fortalecimento da base do futebol nacional e na inclusão de competições no calendário esportivo. A consequência foi o surgimento de novos talentos que des-

pontam na Seleção Brasileira e é preciso dar continuidade a novos investimentos e, sobretudo, o reconhecimento do trabalho das atletas. A Seleção tem, sim, condições de fazer uma boa campanha e quem sabe, ficar entre as quatro melhores ou até conquistar o seu primeiro título”, observou Marcos Lima, presidente do Kashima.

Foto: Thais Magalhães/CBF



Jogadoras da Seleção Brasileira treinando para o primeiro jogo da equipe na Copa do Mundo, diante do Panamá, na cidade de Adelaide

Copa do Mundo Feminina -Tabela de jogos

GRUPO A 20/07 - 4h NZL 1 X 0 NOR 21/07 - 2h FIL X SUI GRUPO B 20/07 - 7h AUS 1 X 0 IRL 20/07 - 22h30 NIG X CAN GRUPO C 21/07 - 4h30 ESP X CRC 22/07 - 4h ZAM X JAP GRUPO D 22/07 - 6h30 ING X HAI 22/07 - 9h DIN X CHN GRUPO E 21/07 - 22h EUA X VIE 23/07 - 4h30 HOL X POR GRUPO F 23/07 - 7h FRA X JAM 24/07 - 9h BRA X PAN GRUPO G 23/07 - 2h SUE X AFS 24/07 - 3h ITA X ARG GRUPO H 24/07 - 5h30 ALE X MAR 24/07 - 23h COL X COR	GRUPO A 25/07 - 2h30 NZL X FIL 25/07 - 5h SUI X NOR GRUPO B 26/07 - 9h CAN X IRL 27/07 - 7h NIG X AUS GRUPO C 26/07 - 2h JAP X CRC 26/07 - 4h30 ESP X ZAM GRUPO D 28/07 - 5h30 ING X DIN 28/07 - 8h CHN X HAI GRUPO E 26/07 - 22h EUA X HOL 27/07 - 4h30 POR X VIE GRUPO F 29/07 - 7h FRA X BRA 29/07 - 9h30 PAN X JAM GRUPO G 27/07 - 21h ARG X AFS 29/07 - 4h30 SUE X ITA GRUPO H 30/07 - 1h30 COR X MAR 30/07 - 6h30 ALE X COL	GRUPO A 30/07 - 4h NOR X FIL 30/07 - 4h SUI X NZL GRUPO B 31/07 - 7h CAN X AUS 31/07 - 7h IRL X NIG GRUPO C 31/07 - 4h JAP X ESP 31/07 - 4h CRC X ZAM GRUPO D 01/08 - 6h HAI X DIN 01/08 - 8h CHN X ING GRUPO E 01/08 - 4h POR X EUA 01/08 - 4h VIE X HOL GRUPO F 02/08 - 7h PAN X FRA 02/08 - 7h JAM X BRA GRUPO G 02/08 - 4h AFS X ITA 02/08 - 4h ARG X SUE GRUPO H 03/08 - 7h COR X ALE 03/08 - 7h MAR X COL
Oitavas de final JOGO 1 05/08 - 2h 1º Grupo A X 2º Grupo C JOGO 2 05/08 - 5h 1º Grupo C X 2º Grupo A JOGO 3 06/08 - 23h 1º Grupo E X 2º Grupo B JOGO 4 06/08 - 19h 1º Grupo B X 2º Grupo E JOGO 5 07/08 - 7h30 1º Grupo B X 2º Grupo D JOGO 6 07/08 - 4h30 1º Grupo D X 2º Grupo B JOGO 7 08/08 - 8h 1º Grupo F X 2º Grupo H JOGO 8 08/08 - 5h 1º Grupo H X 2º Grupo F	Quartas de final JOGO A 10/08 - 22h Vencedor Jogo 1 X Vencedor Jogo 5 JOGO B 11/08 - 4h30 Vencedor Jogo 2 X Vencedor Jogo 6 JOGO C 12/08 - 4h Vencedor Jogo 3 X Vencedor Jogo 7 JOGO D 12/08 - 7h30 Vencedor Jogo 4 X Vencedor Jogo 8 Semifinal JOGO 1 15/08 - 5h Vencedor Jogo A X Vencedor Jogo B JOGO 2 16/08 - 7h Vencedor Jogo C X Vencedor Jogo D 3º Lugar 19/08 - 5h Perdedor Jogo 1 X Perdedor Jogo 2 Final 20/08 - 7h Vencedor Jogo 1 X Vencedor Jogo 2	SELEÇÃO CAMPEÃ COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO 2023 20 de julho a 20 de agosto Tabela AUNIÃO REC GOVERNO DA PARAIBA

MUNDIAL FEMININO

Copa tem adeus de Marta e Rapinoe

Destaques das seleções do Brasil e dos Estados Unidos, as duas jogadoras disputam os últimos jogos defendendo seus países

Rodrigo Sampaio
Agência Estado

A Copa do Mundo Feminina, que está sendo disputada na Austrália e na Nova Zelândia desde a madrugada da última a quinta-feira (horário brasileiro), promete ser até o final de sua edição com o maior número de espectadores na história. Além do aumento na exposição da marca, o Mundial está marcado pela transição de gerações. Lendas, como Marta e a americana Megan Rapinoe, vão fazer a sua última “dança”, enquanto o torneio será uma oportunidade de afirmação para novas estrelas, como a espanhola Alexia Putellas. Este é o primeiro Mundial feminino disputado por 32 seleções - a edição anterior contou com 24 equipes. Ao todo, são 64 jogos, com a final marcada para o dia 20 de agosto, no Estádio Olímpico de Sydney. O valor total do prêmio a ser pago pela Fifa também aumentou. A entidade vai distribuir cerca de US\$ 150 milhões (R\$ 527 milhões) aos times participantes, o que representa um aumento de 300% em relação à edição anterior, na França, em 2019. Todas as atletas convocadas receberão, no mínimo, US\$ 30 mil (cerca de R\$ 147 mil).

O montante ainda está abaixo do que é pago no masculino. Na Copa do Catar, vencida pela Argentina, o valor distribuído entre as seleções foi de US\$ 440 milhões (aproximadamente R\$ 2,11 bilhões). Segundo a Fifa, o investimento total na Copa feminina está orçado em mais de US\$ 500 milhões (R\$ 2,4 milhões) e a expectativa é de que a Mundial da Austrália e Nova Zelândia receba o maior público da história da competição. Mais de 1,2 milhão de ingressos já foram vendidos. O recorde atual é da Copa de 2015, no Canadá, com o público superior a 1,35 milhão de torcedores.

Adeus às lendas

Esperança de título inédito para o Brasil, Marta vai para a sua sexta Copa do Mundo. Aos 37 anos e sofrendo com lesões, a jogadora admitiu que o Mundial da Austrália e da Nova Zelândia será a última de sua carreira. Apesar de ter sido eleita a melhor jogadora do mundo por seis vezes, ela ainda não subiu ao lugar mais alto do pódio com o Brasil. Seu maior feito foi a prata na Olimpíada de Pequim-2008. Um ano antes, ajudou o país a conseguir sua melhor posição em Mundiais, com o vice-campeonato na China. Com 17 gols em 20 jogos de Mundiais, a Rainha do Futebol é a maior artilheira da história das Copas, à frente inclusive no masculino, cujo detentor é o alemão Miroslav Klose com 16 gols.

Quem também anunciou que fará sua despedida no Mundial deste ano é a estrela americana Megan Rapinoe, de 38 anos, que já estreou na última sexta-feira. Bicampeã das Copas do Mundo no Canadá-2015 e França-2019, e conhecida por seu ativismo nos Estados Unidos, a atacante quer se despedir ajudando o país a conquistar o pentacampeonato e ampliar a sua hegemonia no torneio. Os EUA já venceram a competição quatro vezes, sendo o maior ganhador até hoje. A Alemanha já venceu duas vezes, enquanto Noruega e Japão têm um troféu cada.

Favoritas

Além dos Estados Unidos, a Espanha chega para o Mundial como uma das favoritas ao título em razão de ter em sua seleção a maior estrela do futebol feminino na atualidade. A atacante Alexia Putellas, de 29 anos, faturou os prêmios Bola de Ouro, da revista France Football, e The Best da Fifa, nos últimos dois anos. Ela terá a missão de fazer com que a seleção alce voos maiores e repita os feitos da base, que em 2022, foi bicampeã mundial sub-17 e levou o inédito título no sub-20. A jogadora recuperou-se de uma grave lesão recentemente. Ela rompeu o ligamento cruzado do joelho esquerdo durante treino de preparação para a Eurocopa-2022, na Inglaterra, e voltou aos gramados este ano no final de abril.

Atual campeã da Eurocopa, a Inglaterra dispõe de jogadoras importantes que podem fazer a diferença. Entre elas a goleira Mary Earps, de 30 anos, e a zagueira Lucy Bronze, de 31. Vice na Euro, a Alemanha chega para o Mundial com uma de suas melhores gerações desde o bicampeonato Copas de 2003 e 2007. As meias Lena Oberdorf e Lina Magull e a atacante Alexandra Popp são os principais destaques.

Brasil

O Brasil estreia no Mundial, amanhã, diante do Panamá, às 7h (horário de Brasília), em Adelaide, na Austrália. Na sequência, enfrenta a França, no dia 29, em Melbourne, e fecha a participação na fase de grupo contra a Jamaica, no dia 2 de agosto. Os canais Globo e Sportv vão transmitir o Mundial, enquanto no streaming a CazéTV exibirá as 64 partidas ao vivo.



Marta chega à sua sexta e última Copa, tendo sido eleita a melhor jogadora do mundo em seis oportunidades



A norte-americana Megan Rapinoe, de 38 anos, também chega à sua última Copa, mas, diferente de Marta, já ganhou dois Mundiais

Foto: Reprodução/Twitter

DO BRASIL PARA A EUROPA

Vitor é destaque nas transferências

Jogador do Athletico-PR, vendido ao Barcelona, aparece como a quarta maior transação do futebol brasileiro

Samafoot

Entre as diversas transfe-
rências acontecendo no
momento, Vitor Roque está
pronto para deixar o ter-
ritório nacional e se jun-
tar à equipe do Barcelona.
Após negociações entre o
Athletico Paranaense e o
Barcelona, os clubes con-
cordaram em um valor de
R\$ 216 milhões pelo brasi-
leiro, podendo subir para
R\$ 399,6 milhões caso o jo-
gador cumpra as metas es-
tabelecidas.
O portal Sambafoot fez
uma análise da movimen-
tação nesta temporada, que
concedeu a Vitor Roque a

posição de 4ª transferência
mais cara de um time bra-
sileiro para um europeu. Se
Roque conseguir atingir as
metas acordadas, ele sobe
para o 2º lugar no ranking,
superando as transferên-
cias de Rodrygo e Vinicius
Jr. para a Europa.
Caso a transferência de
Roque para o Barcelona che-
gue a R\$ 399,6 milhões, o jo-
gador entra também no ran-
king de transferências mais
caras envolvendo brasilei-
ros no mundo todo, ficando
em 6º lugar (atual posição
de Casemiro) e ultrapassan-
do vendas como a de Kaká,
Alisson e Oscar. Confira a
seguir o ranking atual:

Foto: Gustavo Oliveira / atletico.com.br



Se cumprir metas, o jogador, que ainda defende o Athletico-PR, pode se tornar a segunda maior transação da história

Transações na Europa

- **NEYMAR**
(Barcelona para PSG)
R\$ 1,19 bilhão
- **PHILIPPE COUTINHO**
(Liverpool para Barcelona)
R\$ 729 milhões
- **ANTONY**
(Ajax para Manchester United)
R\$ 513 milhões
- **ARTHUR MELO**
(Barcelona para Juventus)
R\$ 435 milhões
- **CASEMIRO**
(Real Madrid para Manchester United)
R\$ 381,24 milhões
- **KAKÁ**
(AC Milan para Real Madrid)
R\$ 361,8 milhões
- **ALISSON**
(AS Roma para Liverpool)
R\$ 337,5 milhões
- **OSCAR**
(Chelsea para SH SIPG)
R\$ 324 milhões
- **FRED**
(Shakhtar Donetsk para Manchester United)
R\$ 318,6 milhões

Vitor Roque está empatado com Lucas Moura nas transações

Ranking	Jogador	Valor da transação	Transferência
1º	Neymar	R\$ 475,2 milhões	Santos para Barcelona
2º	Vinicius Jr.	R\$ 243 milhões	Flamengo para Real Madrid
3º	Rodrygo	R\$ 243 milhões	Santos para Real Madrid
4º	Lucas Moura	R\$ 216 milhões	São Paulo para PSC
5º	Vitor Roque	R\$ 216 milhões	Athletico Paranaense para Barcelona
6º	Lucas Paqueta	R\$ 207,36 milhões	Flamengo para Mlan
7º	Endrick	R\$ 202,5 milhões	Palmeiras para Real Madrid
8º	Gabriel Jesus	R\$ 172,8 milhões	Palmelras para Manchester City
9º	Arthur	R\$ 167,4 milhões	Grêmio para Barcelona
10º	Reinier	R\$ 162 milhões	Flamengo para Real Madrid

Hulk, o artilheiro mais caro do Brasileirão 2023

O Sambafoot também
analisou os 7 principais
artilheiros do Brasilei-
rão até a 15ª rodada (con-
siderando quem marcou
no mínimo seis vezes até
o momento), comparan-
do seus salários anuais
em relação a quantidade
de gols marcados no cam-
peonato.
Assim, além da trans-
ferência para o Barcelona,
marcada para 2024, Vitor

Roque também se destaa
em sua atuação no Bra-
sileirão, sendo o artilheiro
com melhor custo x bene-
fício até então, com cada
um de seus oito gols cus-
tando R\$ 300 mil ao Athle-
tico Paranaense.
Hulk, por sua vez, é
o artilheiro com até seis
gols mais caro do Brasi-
leirão no momento, com
cada gol saindo por mais
de R\$ 2,6 milhões.

Foto: Pedro Souza / Atlético



Cada gol de Hulk, na temporada, tem custado R\$ 2,6 milhões ao Atlético Mineiro um custo x benefício muito alto

Tiquinho tem mais gols e um melhor custo x benefício

Rank	Jogador	Time	Gols	Transferência	Custo por gol
1º	Vitor Roque	Athetico Paranaense	8	R\$ 2.400.000	R\$ 300.000
2º	Tiquinho Soares	Botafogo	10	R\$ 6.000.000	R\$ 600.000
3º	Deyverson	Cuiabá	6	R\$ 3.600.000	R\$ 600.000
4º	Eduardo Sasha	Red Bull Bragantino	6	R\$ 4.300.000	R\$ 716.666
5º	Jonathan Calleri	São Paulo	6	R\$ 8.400.000	R\$ 1.400.000
6º	Roger Guedes	Corinthians	7	R\$ 12.000.000	R\$ 1.714.285
7º	Hulk	Atlético Mineiro	6	R\$ 16.000.000	R\$ 2.666.666

BRASILEIRO DA SÉRIE C

Botafogo enfrenta o Altos, em Teresina

Pela Série D, Nacional e Sousa, já classificados, têm jogos importantes para definir posições na tabela de classificação

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

O Botafogo retoma, hoje, a disputa do Campeonato Brasileiro da Série C para defender a sua permanência no G8 desde o início da competição, jogando contra o Altos-PI, a partir das 16h, no Estádio Lindolfo Monteiro, em Teresina-PI, em confronto válido pela 14ª rodada. O Belo chega na 6ª colocação com 21 pontos, enquanto o Jacaré está amargando a lanterna da 3ª divisão há três rodadas com apenas 12 pontos somados.

Apesar de enfrentar o lanterna, o meia Renatinho acredita que o time precisa entrar atento para não deixar escapar a chance de somar pontos jogando na casa do adversário. “Temos de ter cuidado e respeitar a colocação da equipe adversária. Não podemos relaxar em nenhuma partida, pois a Série C é uma competição difícil que apresenta situações diferentes a cada partida disputada. Ainda trabalho para conseguir meu primeiro gol, mas independentemente de quem marque o importante é a gente sair com a vitória para garantir mais três pontos”, comentou.

Série D

Depois de terem alcançado as suas respectivas classificações para a fase seguinte na disputa do Campeonato

Brasileiro da Série D de forma antecipada, Sousa e Nacional entram em campo, hoje, pela última rodada da fase classificatória para definirem as suas posições e conhecerem os próximos adversários na fase de mata-mata do torneio nacional.

Passadas 13 rodadas desta primeira fase, as equipes chegam para a última rodada empatadas no número de pontos, 23 cada, mas o Canário levando a melhor no critério de desempate sobre o Dinossauro para ficar com a primeira colocação. A equipe de Patos vai defender a liderança contra o Potiguar-RN, a partir das 18h, jogando no Estádio Frasqueirão, em Natal-RN, após a definição do local da partida por parte da Confederação Brasileira de Futebol.

Para ficar com a primeira colocação do Grupo 3, o Nacional terá de repetir o retrospecto de vitória da primeira e única partida disputada entre os clubes na história da competição nacional, quando conseguiu vencer logo na estreia da Série D, em Patos. Apesar de jogar como visitante, o treinador do alviverde acredita que seu grupo tem condições de buscar um resultado positivo.

Por sua vez, o Sousa recebe o Globo-RN no Estádio Marizão, em Sousa, também às 18h, querendo garantir o 1º lugar da chave. No entanto, além de precisar vencer o

lanterna do grupo, o Dinossauro torce também para que o Nacional não vença o Potiguar, no duelo em Natal-RN. Renatinho Potiguar não deve poupar e pode levar a campo o que tem de melhor, a exceção do atacante Rodrigo Poty e do lateral-direito Guilherme Lucena que ainda seguem entregues ao departamento médico.

Já pensando na próxima fase da competição, o comandante alviverde tem articulado junto a diretoria a contratação de reforços, mas admite esbarrar nas dificuldades por nomes no mercado. As investidas do clube parecem ter surtido efeito e, até antes do início da primeira fase, a diretoria deve anunciar de forma oficial a chegada do atacante

Vitor Alagoano, atleta de 25 anos, ex-São Gabriel-RS. Pela equipe gaúcha, o atacante marcou cinco gols em 13 partidas disputadas pela 2ª divisão estadual. Sem chances de seguir na disputa da Série D, o Campinense cumpre apenas tabela. O rubro-negro recebe o Pacajus-CE, a partir das 18h, no Estádio Amigão, em Campina Grande, pela 14ª e última

rodada da fase classificatória.

Futebol americano

O João Pessoa Espectros faz a sua estreia, hoje, a partir das 13h, contra o Fortaleza Tritões, no campo da Universidade de Fortaleza, válido pela Conferência Nordeste. A delegação já está em Fortaleza desde ontem, confiante num resultado positivo na estreia.



Foto: Cristiano Santos/Botafogo

Jogadores do Botafogo estão ainda mais motivados após a vitória sobre a Aparecidense e próximos da classificação na Série C

MARKETING EPC

A PRIMEIRA NO ESPORTE É PIONEIRA NO FUTEBOL AMERICANO

PRIMEIRO LUGAR EM ESPORTE, NO RÁDIO E NO YOUTUBE, A TABAJARA SERÁ A PRIMEIRA EMISSORA A TRANSMITIR FUTEBOL AMERICANO NO ESTADO. É PIONEIRISMO MAS É, TAMBÉM, A VALORIZAÇÃO DA PARAÍBA ATRAVÉS DA PARCERIA COM O ESPECTROS JOÃO PESSOA, TIME SENSAÇÃO NA CENA LOCAL, EM DISPUTA PELO TRICAMPEONATO NA LIGA BFA, O CAMPEONATO BRASILEIRO DA MODALIDADE. VAMOS TORCER, LIGADOS NA TABAJARA!

AO VIVO NO YOUTUBE

RADIOTABAJARAFM

Tabajara
FM 105.5

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO



Editado pelo fotógrafo e poeta Euclides Villar, que também contribuiu com elaborações textuais, principalmente os sonetos, o primeiro almanaque campinense começou a ser produzido em 1932

Campina Grande e o seu Almanach

No início da década de 1930, os campinenses eram contemplados com uma publicação que acabou por impactar os leitores da cidade, pela qualidade e linguagem simples, marcando a história no mercado editorial paraibano da época

Giovannia Brito
gibritosilva@hotmail.com

No início da década de 1930, Campina Grande foi contemplada com uma publicação que acabou por impactar os seus leitores pela qualidade editorial e linguagem simples, mas que dava ênfase aos fatos da cidade e aspectos de sua trajetória histórica. O ‘Almanach de Campina Grande’, editado pelo fotógrafo e poeta Euclides Villar, que também contribuiu com produções textuais, principalmente os sonetos. O primeiro ‘Almanach’ começou a ser produzido em 1932 e sua edição e finalização somente ocorreu no ano seguinte, quando chegou às mãos dos leitores com conteúdo diversificado ao longo de suas 264 páginas, com publicações sobre comércio, profissão, indústria, repartições públicas, escolas, sociedade, entre outros temas. “Entregamos hoje ao mundo litterario, charadistico e commercial, o primeiro exemplar do Almanach de Campina Grande para o anno de 1933, publicação que se não apresenta um trabalho completo no genero pelo menos demonstra uma grande força de vontade da parte dos seus diretores”, cita a obra em saudação aos leitores.

A publicação era de tamanho 19x13 centímetros. “Os almanques já existiam como produção editorial de grande aceitação no Brasil desde 1903, quando foi lançado o 'Almanaque Brasileiro Garnier', e eram, na verdade, publicações anuais com linha editorial dirigida a comerciantes, estudantes e políticos, contando também com a participação de escritores, poetas, contistas e romancistas, pois, além de servir como retrospectiva do calendário do ano, e informações estatísticas, incluía também curiosidades e informações culturais”, informa o presidente do Instituto Histórico de Campina Grande (IHCG), Vanderley de Brito.

Em suas páginas iniciais a publicação traz o nome de Euclides Villar, como diretor, e informa que a edição contou com a colaboração de diversos escritores e poetas do país. Em alguns trechos da publicação percebem-se erros de ortografia e uso de palavras na sua forma mais antiga de escrita. "Adornado de gravuras, enriquecido com muita materia de utilidade publica, ampliado com diversas anedotas, pensamentos, receitas, charadas, etc., com o retrato e a biographia do fallecido campinense Dr. Affonso Campos e uma serie de annuncios das principaes casas commerciaes", cita um trecho da obra. “Em Campina Grande, o primeiro almanaque foi editado quando nossa cidade afluava para o apogeu



O historiador Vanderley de Brito é o presidente do Instituto Histórico de Campina Grande e ressalta que os almanques, de uma forma em geral, serviam de retrospectiva do calendário do ano, com informações estatísticas, curiosidades e assuntos culturais

“**Em Campina Grande, o primeiro almanaque foi editado quando nossa cidade afluava para o apogeu do comércio de algodão (...) E tinha o mesmo espírito dos demais**

Vanderley de Brito

do comércio do algodão, e foi iniciativa do idealista e comerciante Euclides Vilar. Na verdade, o 'Almanaque de Campina Grande' tinha o mesmo espírito dos demais existentes no país, sendo local, e cuidava do comércio, profissão, indústria, repartições públicas, colégios, cartórios e sociedades, além de entretenimentos, como charadas, crônicas, literatura e artigos vindo dos colaboradores, informa Vanderley. A segunda edição ocorreu em 1933, com publicação para o ano

de 1934, seguindo o mesmo modelo do anterior, mas com um número de páginas a mais, 288 ao todo. "Um livro pode ser agradável mesmo tendo muitas imperfeições e pode ser fastidioso mesmo que não tenha um só defeito", trecho das primeiras páginas. Além dos textos nos moldes do seu antecessor, ele trouxe em suas páginas a história do Campinense Clube e do Grêmio Renascença. “Não sei que efeitos surtiram na época, mas caiu no gosto ufano da cidade, uma vez que almanques eram um privilégio de capitais”, lembra o historiador. As duas publicações, em sua maioria, utilizaram folhas de papel jornal. Para os que desejavam anunciar seus comércios e produtos, o ‘Almanach’ tinha um vasto espaço e apelo. "A direcção do Almanach de Campina Grande aceita annuncios garantindo resultado ao annunciante, tal a circulação do Almanach em todos os estados do Brasil e em todas as cidades e villas deste estado". "Em se tratando de registro histórico, os 'Almanques de Campina Grande' são de grande alcance para os atuais historiadores, pois se tratam de documentos que refletem uma contemporaneidade sociocultural campinense dos tempos da Era Vargas, assim como o atual Jornal do Instituto Histórico de Campina Grande, de espírito bem semelhante, que lega para as gerações futuras a compreensão em dia da segunda década do século XXI”, frisa.

Charadas e poemas

• Em parte do periódico, as charadas e poemas eram encontrados para deleite dos leitores, a exemplo dos seguintes:

"Foi na figueira da Foz
No casino, à tarde entre,
E, com sorte, uma hora, após,
Tranquilamente explorei-2
Ao jogo da carambola-2
Em cinco serie seguida,
Um procurador, patóla,
Chinez de causas perdidas".

“Ao Bandeirante
Fiz mal em procurar o teu olhar ...
Eu, um rapaz feio, e tú a formosura;
Pois muito sei que vives a sonhar
Uma vida feliz e de ternura.

Fiz mal em ter batido ao teu olhar
E bem conheço de minha loucura;
No entanto, não me curvo em teu altar
porque tenho pejo desta ventura.

O teu vulto que surge majestoso
Era outrora meu ideal formoso
Cheio de graça e riso encantador.

Sou livre, sim, não quero teus olhares ...
Já não sinto em mim soluçar de mares
Quiz espantar do peito a triste dôr.

Joliver (A.C.L.B.)"

Esforço, dedicação e apenas duas edições

A iniciativa de publicar o que acontecia anualmente na Rainha da Borborema só teve suas duas edições concretizadas, em função do esforço e dedicação de Euclides Villar. Homem simples e de poucas palavras, assim descreviam o integrante da família Villar, que nasceu em Tapeoróá, Cariri do estado, no ano de 1893. Respeitado por seus poemas, o paraibano também fez um expressivo trabalho como charadista e chegou a ser considerado "o maior decifrador de toda região Nordeste". Porém, a sua atuação mais expressiva foi como fotógrafo, onde teve seu trabalho reconhecido em toda região da Borborema. Para receber os clientes, ele montou um ponto comercial na área central de Campina Grande, mais precisamente na

Rua Cardoso Vieira. A Fotografia Villar funcionava todos os dias e o próprio Euclides era o responsável por receber e dirigir seus clientes para uma pose correta que resultasse em um trabalho de excelência após a revelação das chapas.

O caririzeiro ainda chegou a escrever um livro de versos intitulado 'Meus Enigmas'. Euclides Villar morreu em 22 de maio de 1953.

■ Paraibano também fez um trabalho como charadista e chegou a ser considerado o maior "decifrador do Nordeste"

José Simeão Leal

Jornalista marcou história na administração cultural e no mundo editorial

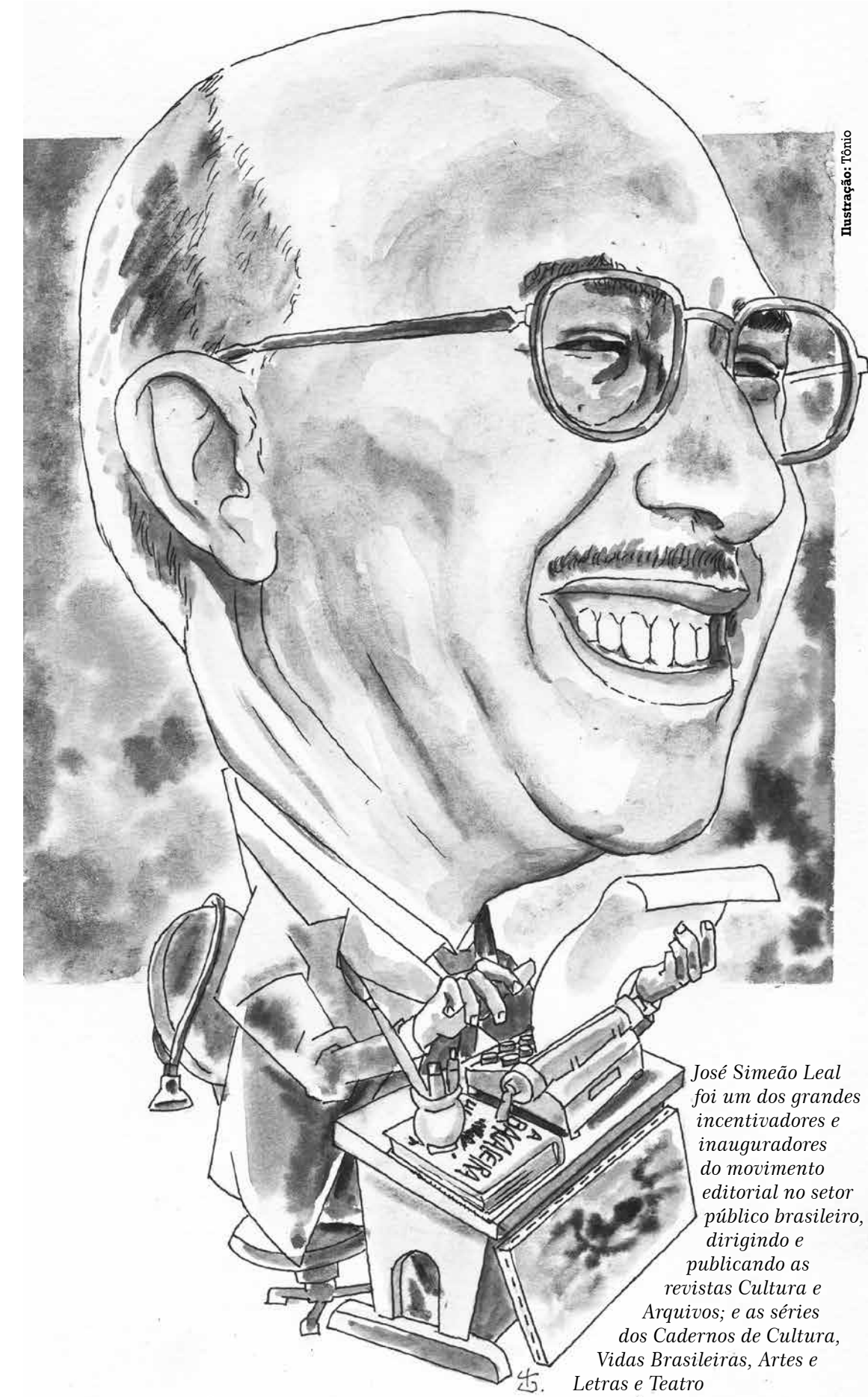


Ilustração: Tônio

José Simeão Leal foi um dos grandes incentivadores e inauguradores do movimento editorial no setor público brasileiro, dirigindo e publicando as revistas Cultura e Arquivos; e as séries dos Cadernos de Cultura, Vidas Brasileiras, Artes e Letras e Teatro

Angélica Lúcio

A 5ª série que habita em mim não saúda a 5ª série que habita as manchetes

Nascida na época analógica, eu sou da era do papel, dos bilhetinhos, do jornal impresso, da 5ª série que hoje se chama 6ª (devido à implantação do Ensino Fundamental de nove anos). Hora ou outra, trago em mim a “Síndrome da 5ª série” — povoada de dúvidas, constrangimentos e risinhos — e me divirto trocando mensagens típicas dessa fase com colegas antigos. Infelizmente, tal síndrome também habita as manchetes. Sim, pela busca desmedida por cliques, leia-se mais audiência, muitos veículos de comunicação têm deixado a turma da 5ª série muito à vontade nas redações.

No dia 16 de junho deste ano, por exemplo, o portal Metrôpoles estampou em um de seus títulos: “Pika, de 20 cm, é ameaçado de extinção”. Em jornalismo, “pica” (pronuncia-se paica) é a medida tipográfica que corresponde a 12 pontos do sistema anglo-americano (aproximadamente 4,218 mm ou 0,166 polegadas); popularizou-se no Brasil nos anos de 1970. Em português de Portugal, “pica” significa cheio de vigor, de vontade, de pique. E é comum que nossos irmãos lusitanos falem a expressão: “Cheio



Foto: Reprodução

de pica”, ou seja, cheio de entusiasmo; ou “Assim não dá pica”, assim não dá vontade. No linguajar brasileiro, “pica” é o nome chulo dado ao pênis. E foi isso o que fez emergir a manchete publicada no Metrôpoles, para falar sobre um mamífero de apenas 20 centímetros que corre o risco de desaparecer. Ao ser postada no perfil do Instagram, tal manchete rendeu curtidas e milhares de comentários.

Da Redação

Administrador cultural, diplomata, crítico de arte, jornalista, médico, colecionador e artista plástico. Esse é o perfil eclético do paraibano José Simeão Leal, nascido em Areia, a 13 de novembro de 1908, e que morreu aos 87 anos, no Rio de Janeiro (RJ), em 6 de julho de 1996. Seu gosto pela literatura teve influência da mãe, do seu tio e do padrinho José Américo de Almeida.

Em 1919, José Simeão mudou-se para João Pessoa com sua família, ingressando no Liceu Paraibano. Iniciou seu Curso de Medicina, em Recife, no ano de 1926, transferindo-se no ano seguinte para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi estudante interno no Hospital Escola de São Francisco de Assis da Universidade do Rio de Janeiro, onde concluiu sua graduação em 1936, tornando-se médico adjunto na mesma unidade hospitalar.

Casou-se no ano de 1938 com Eloah Drummond, natural de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Retornou a João Pessoa posteriormente, onde firmou residência e exerceu a Medicina trabalhando em diversos hospitais da cidade. Foi eleito como sócio efetivo da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba, foi professor de História Natural no Liceu Paraibano e diretor da Divisão de Organização do Orçamento, entre outros cargos que exerceu no serviço público da Paraíba.

Em 1946, retornou ao Rio de Janeiro, onde assumiu o cargo de diretor do Serviço de Documentação, no então Ministério de Educação e Saúde, até o ano de 1955. Como diretor, foi responsável pela divulgação de vários talentos, como a escritora Clarice Lispector, o poeta Tiago de Mello e o cenógrafo Tomás Santa Rosa.

José Simeão Leal destacou-se na cena literária, cultural e artística no universo intelectual brasileiro, tendo sido um dos grandes incentivadores e inauguradores do movimento editorial no setor público brasileiro, vindo a dirigir e publicar as revistas Cultura e Arquivos; e as publicações seriadas Cadernos de Cultura, Vidas Brasileiras, Artes e Letras e Teatro.

Em 1961, Simeão Leal, enquanto membro da Associação Internacional de Críticos de Artes (Aica) ficou encarregado de organi-

zar o mesmo tipo de organização no Brasil, a Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), sendo essa instituição a mais antiga associação brasileira de profissionais da área das artes visuais.

Tornou-se presidente da ABCA em 1976 para promover o intercâmbio entre os profissionais que atuavam na área da crítica de artes visuais, estendendo-se também aos pesquisadores, historiadores, teóricos, ensaístas, jornalistas e professores de História da Arte e de Estética, incluindo, além de brasileiros, estrangeiros domiciliados no Brasil.

Além de incentivador e divulgador da cultura brasileira, José Simeão Leal foi por diversas vezes curador de exposições, fundador de cursos, representante do Brasil no exterior entre outras muitas contribuições para o Brasil. Foi curador da Exposição Retrospectiva Eli-seu Visconti, na II Bienal de São Paulo, em 1953; delegado do Congresso de História comemorativo do tricentenário da Restauração Pernambucana, em Recife, em 1954; delegado do Brasil nas Conferências da Unesco, na França e na Índia, entre 1951 e 1960; e diretor da Comissão de Instalação da Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi).

O paraibano também foi adido cultural da Embaixada do Brasil no Chile, entre 1967 e 1968; membro do Comitê Executivo da Fundação Internacional de Planejamento Familiar (Bemfam); membro do Conselho Deliberativo da Fundação Centro Brasileiro TV Educativa, em 1972; diretor do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 1979; e fundador e diretor da Escola de Comunicação do Rio de Janeiro, entre 1981 e 1982.

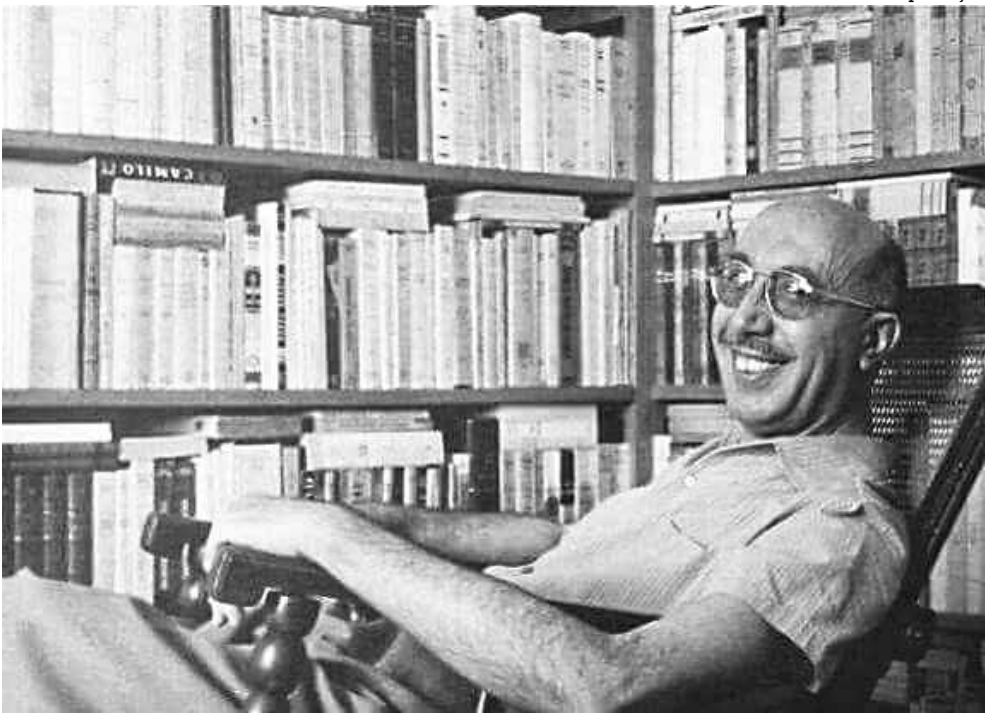
Como artista plástico, Simeão Leal realizou exposição com Tunga e Sérgio Camargo, na Galeria Sagitário em Veneto, na Itália, em 1981; e a exposição individual na Fesp, no Rio de Janeiro em 1984. Recebeu muitas homenagens, como a Medalha Rui Barbosa, conferida pelo então Ministério de Educação e Saúde; o Título de Cavaleiro da Ordem do Mérito da República Italiana; Medalha Rorette Pinto, conferida pelo Governo do Estado da Guanabara, 1973; o Título de Comendador da Ordem do Rio Branco, conferido pelo presidente da República, em 1991; e o prêmio Personalidade do Ano de 1991, conferido pela Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA).

na seção Ecoa do UOL, com o título “Pikachu? Timido e com apenas 20 cm, animal está ameaçado de extinção”. A matéria explica que o pika de Ili é um dos animais mais raros do mundo, informa como se deu sua descoberta e que ele pode desaparecer. O texto também aborda o boato espalhado nas redes sociais de que o bichinho teria sido inspiração para o mais famoso dos pokémons, o Pikachu (daí a referência no título). Não foi.

A disputa entre veículos por audiência é grande, eu sei. Mas é importante que alguém na redação tenha discernimento (e coragem) para lembrar a função social do jornalismo, que vai além da busca por cliques e engajamento. Jornalistas têm a missão de informar, denunciar, fiscalizar, interpretar dados e fatos, traduzir informações, ajudar o leitor/internauta/telespectador a refletir e a saber por que também é importante tirar a casquinha e apertar o dedo bem fundo na ferida! Jornalismo não é entretenimento, entretenimento não é jornalismo. Levou o leitor a trocar um pelo outro é desonestidade. Não tem graça alguma.



O paraibano José Simeão Leal foi casado com a gaúcha Eloah Drummond (foto à esquerda) e seu gosto pela literatura teve influência da mãe, do seu tio e do padrinho José Américo de Almeida



Fotos: Reprodução

Colecionador de livros e obras de arte

Ao longo do tempo, Simeão Leal adquiriu muitos livros, periódicos e obras de arte, devido ao seu forte hábito de leitura e também em decorrência da vida profissional. Os itens eram adquiridos com recursos próprios e por doações, vindo a formar uma biblioteca de importante acervo bibliográfico bastante abrangente, englobando diversas áreas de conhecimento, mas principal-

mente no campo das artes e da literatura.

Esse rico acervo foi doado após sua morte, tendo sido transferido por desejo do próprio Simeão para a Paraíba, sua terra natal, onde foi devidamente tratado, inventariado e disponibilizado aos estudantes, professores e pesquisadores, como a professora doutora Bernardina Freire, especialista em sua obra.

Filho de Alfredo Simeão dos Santos Leal e Maria de Almeida Leal, José Simeão revelou logo cedo o gosto pelos livros e pela leitura. Ele “escreveu uma trajetória de vida saboreada de cultura, cores, artes e ousadia”. Com um temperamento inquieto, indagador e intempestivo, o intelectual firmou raízes na observância da cultura popular, das artes plás-

ticas, da crítica literária, da edição de livros.

Ele era apontado como um “semeador das letras”, transformando-se no mais significativo editor público brasileiro. Se ousar era parte integrante de sua personalidade, ele parecia conhecer na prática os limites e as possibilidades da ação de um agente de transformação social e cultural.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Roberto Carlos – temas musicais – o núcleo familiar

Usamos afirmar que foi, a partir de 1967, quando gravou pela primeira vez o sucesso de Raul Sampaio, ‘Meu Pequeno Cachoeiro’, após aquela viagem que Roberto Carlos fez à cidade natal para receber o Título de Cachoeirense Ausente, que lhe fora outorgado pelas autoridades municipais, que ele teve um olhar – digamos – mais telúrico e saudoso às coisas e fatos de sua infância ali vividos.

Tais recordações viriam à tona com ‘Traumas’ (de 1971) e ‘O Diva’ (de 1972), que seriam o caminho rememorativo em busca da celebração dos encantamentos que lhe foram proporcionados pelo que chamamos de núcleo familiar. E, embora sigamos, em nossas observações, um caminho cronologicamente inverso, assim o fazemos para proporcionar ao leitor uma visão mais adequada dos sentimentos de Roberto Carlos, com relação às suas afeições familiares. Em ‘Aquele Casa Simples’ (de 1986), reaparece o sentimento familiar com relação “as coisas do mundo” que adviriam quando ele deixaria o interior para adentrar à cidade grande. É o momento em que o pai dele, caminhando ao seu lado, o leva à estação, com uma mala e um violão, para apanhar o trem em que ele deixaria o interior para adentrar a “cidade grande”. E ele recorda: “Naquela casa simples, você falou pra mim/ que eu tivesse cuidado/ e não sofresse com as coisas desse mundo./ Que eu fosse um bom menino/ que eu trabalhasse muito/ que o nome do meu pai soubesse honrar...”. E, mais adiante: “E andando pela rua/ meu pai bem junto a mim/ olhava com ternura/ a lágrima molhar meu paletó de brim (...)/ Toda a minha bagagem num banco da estação/ era de amor, coragem/ as bênçãos do meu pai...”. E finalmente: “Mas sempre que me lembro/ a emoção me dá vontade de chorar./ Vida minha, minha vida.../ Recordações”.



Lady Laura e Robertino Braga



Fotos: Reprodução

As recordações vêm de uma certa manhã do mês de março de 1956, quando o ainda Zunga estaria próximo de completar quinze anos. Inicia-se, assim, um longo caminho – e já se vão mais de cinco décadas –, e as recordações vão se transformando em sons e letras que se universalizam nos sentimentos de quem também cultiva as doces lembranças do núcleo familiar.

Já na cidade grande, o Rio de Janeiro, vem a homenagem prestada à tia dele, a Amélia Moreira, uma das irmãs de sua mãe, em ‘Minha Tia’ (de 1976), em cuja casa, localizada na Tijuca, ele pernoitava quando, depois de percorrer várias emissoras em busca de oportunidade, optava por dormir no Rio, ao invés de ir para a casa de uma outra tia, a Jovina, em cuja casa, localizada em Niterói, ele residia naquela época. Nessa música ele recor-

da: “Eu me lembro sempre muito de você/ Eu não esqueço aquele tempo,/ e a saudade me machuca/ quando eu ficava em sua casa/ numa Vila da Tijuca...”.

Musicalmente, tudo seria um prenúncio do que poderíamos chamar de “a cereja do bolo”, que viria com ‘Lady Laura’ (de 1978) e com ‘Meu querido, meu velho, meu amigo’ (de 1979).

A homenagem à mãe, certamente, foi o atestado de amor filial por aquela que, embora desejasse ver o filho como médico, não reprimiu os desejos dele em ser um “cantor de rádio”. Tanto é assim que, de bom grado, permitia ao filho Zunga, já aos nove anos, em 1950, não só participar do radiofônico Programa Infantil, da Rádio Cachoeiro de Itapemirim, como lhe ensinou os primeiros acordes ao violão, instrumento que ela, como amado-

ra, já manuseava. (A título de curiosidade: o pai, relojoeiro Robertino Braga, também já tocava um pouco de violão, e o irmão de Roberto, o Lauro Roberto, oito anos mais idoso, já estava bastante avançado na prática do instrumento). A composição de ‘Lady Laura’ foi iniciada quando ele estava em Nova Iorque e concluída, já com a participação do amigo Erasmo Carlos, em São Paulo. Uma coincidência: o tape final da canção foi gravado no dia 12 de outubro de 1977, portanto no dia da Padroeira do Brasil. (Ainda, uma outra curiosidade para os afeiçoados ao universo pop: embora seja uma mera coincidência, já havia uma música, com o título homônimo, gravada, em 1974, pelo cantor pop irlandês Joe Dolan, porém com uma temática bem diversa – tratava de uma decepção amorosa). O fato é que a mãe se dizia orgulhosa e vaidosa com a homenagem do filho, considerando aquele o presente maior que este lhe proporcionara, inclusive fazendo com que a mídia da época passasse a chamá-la de lady. Hoje, no universo musical tupiniquim, não há como não reverenciar a própria mãe, como se ela fosse a própria Lady Laura. Difícil registrar quantas gravações não teriam sido feitas desse hit, porém, talvez a mais cultivada, ao lado da do autor, tenha sido a do band-leader norte-americano Ray Conniff, no álbum ‘Do Ray para o Rei’ (lançado entre nós somente no ano 2000). Um ano depois de haver homenageado a mãe, Roberto Carlos dedicaria ao pai, Robertino Braga, o megassucesso ‘Meu querido, meu velho, meu amigo’, que somente ouviu a homenagem do filho um pouco antes de sua passagem. De qualquer forma, torna-se desnecessária qualquer referência ou alusão a ambas as composições cujas letras dizem bem do amor e da devoção filial do filho famoso aos pais estimados.

NOS ESTADOS UNIDOS

Um museu da limpeza reúne milhares de itens para faxina

Com mostras interativas e artefatos históricos, há peças que datam dois mil anos

Da Redação

Localizado em Idaho, nos Estados Unidos, o Museu da Faxina de Don Aslett nasceu em 2011 com a proposta de trazer à tona o valor da limpeza – seja ela de casas, mentes, linguagem, comunidades... no mundo. Com objetos relacionados ao universo da organização, o fundador Don Aslett investiu em exposições que apresentam uma experiência histórica, com artefatos relacionados à faxina, e interativa, com a introdução de diferentes técnicas e dicas de limpeza.

Através de tours de 45 a 60 minutos, segundo registra Isabella Gemignani, na Revista Casa e Jardim, o museu permite que seus visitantes conheçam a limpeza a partir de nove escopos. A Orquestra de Limpeza e Galeria de Art revelam o lado mais criativo da organização, com obras construídas a partir de utensílios como vassouras, privadas e outros itens dispostos de modo criativo. A galeria conta com cópias de pinturas antigas, esculturas e impressões de todos os cantos do mundo, datando dois mil anos atrás e relacionados à esfera da faxina.

O Museu da Faxina tem a exibição do ‘Old English City’, que reproduz uma cidade inglesa dos séculos 18 e 19. Uma imersão nos perigos sanitários causados pela falta de saneamento e planejamento urbano, essa mostra resgata a experiência histórica dos países europeus no início da forma-



Museu da Faxina de Don Aslett nasceu em 2011, com o objetivo de valorizar a limpeza

ção das cidades. Ela inclui um forno de carvão originalmente usado no edifício que abriga o museu.

A ideia de sustentabilidade de Aslett também é atrelada à limpeza com a exposição ‘Garden of Clean’ – ou ‘Jardim da Limpeza’, em tradução literal –, que introduz aproximadamente vinte espécies de plantas que purificam o ar de toxinas comuns, como formaldeídos (um produto químico encontrado em quase todos os ambientes internos), xilenos e benzenos. A coleção de aspiradores de pó antigos, porém, é o grande destaque do Museu da Faxina. Um dos maiores conjuntos do dispositivo do mundo, ele inclui o Daniel Hess Carpet Sweeper, o primeiro dispositivo existente, criado em 1860. O equipamento é

o único e está disposto entre outros 500 equipamentos, incluindo o primeiro aspirador de pó motorizado, criado em 1902 e usado na Grã-Bretanha.

A livraria inclusa no museu, por sua vez, complementa a experiência com livros e vídeos que mostram a história da faxina no decorrer da história. Muitas das obras contempladas fo-

ram escritas pelo próprio fundador da instituição, especialista no tema. Nas atividades direcionadas à interação, o museu engaja o que seria “uma das maiores ameaças à limpeza”: crianças. A exibição de três andares Kids Clean World usa um playground como meio de ensinar sobre reciclagem e, claro, faxina.



Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: livra (3) = liberta + sofrimentos (2) = dores – **Solução:** campeonato sul-americano de futebol (5) = libertadores. **Charada de hoje:** o metal nobre (2) foi ofertado (2) ao esperto (4) rapaz.

Eita!!!

Símbolo global de beleza

O panda-gigante (Ailuropoda melanoleuca), o animal nacional da China, é um símbolo global de beleza, que se desloca com dificuldade pelas impenetráveis e íngremes florestas temperadas das províncias chinesas de Gansu, Shaanxi e Sichuan. Cerca de 80% dos pandas-gigantes selvagens vivem em Sichuan, província de 80 milhões de pessoas é uma das mais densamente povoadas do país. Na sua capital, Chengdu, localiza-se a Base de Investigação de Reprodução do Panda-Gigante, um centro de referência que coordena a criação em cativeiro dessa espécie emblemática.



Foto: Pixabay

São ursos, mas não hibernam

A dieta do panda baseia-se 99% em bambu, uma singularidade alimentar que restringe muito a sua capacidade de distribuição. Embora pertença à ordem dos carnívoros e tenha um sistema digestivo típico desses animais, a evolução levou esse ursídeo, que não hiberna, por caminhos vegetarianos. Graças à rica fauna microbiana existente nos seus intestinos, o panda-gigante é um animal especializado em processar a celulose dessa gramínea.

Quarenta cocôs por dia

O panda precisa de investir cerca de dez horas diárias para ingerir de nove a 18 quilogramas de talos de bambu, dos quais só aproveita 30% e, devido a essa dieta rica em celulose, um panda pode defecar quarenta vezes por dia. As fêmeas, que pesam cerca de cem quilogramas, face aos 135 que um macho pode atingir, geram crias minúsculas, de peso por vezes inferior a 150 gramas. Suportar uma gravidez mais longa para conseguir crias mais desenvolvidas seria um gasto energético excessivo para uma fêmea de panda.

Gravidez rara e pênis pequeno

Aparentemente, os pandas que vivem nos jardins zoológicos perdem o desejo sexual e só 10% das fêmeas em cativeiro conseguem engravidar através da cópula. É frequente o período de cio anual da fêmea não coincidir com o dos machos, que além da fraca disposição sexual, têm um pênis muito pequeno. Ainda que se tenha conseguido melhorar a cópula graças ao uso de Viagra e à projeção de filmes eróticos protagonizados por pandas cujos sons parecem estimular o macho (não é uma piada!), é mais habitual que as fêmeas sejam inseminadas artificialmente, uma técnica mais cara, mas também mais segura.

Filhotes são quase cegos

Quando nascem, as crias de panda gigante são cegas e pesam entre 85 e 142 gramas. Cuidar de um bebê tão pequeno e indefeso requer muito esforço e atenção, e é por isso que as mães-panda embalam as suas crias quase constantemente. Embora os pandas-gigantes sejam atualmente um negócio milionário para a China, durante muitos anos os líderes políticos chineses ofereceram os bichinhos a vários chefes de Estado para melhorar as suas relações internacionais. Em 2020, a China declarou que os pandas já não são uma espécie ameaçada, mas persistem algumas ameaças.

9 erros

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 – botões; 2 – cabelo; 3 – livrela; 4 – letra; 5 – chapéu; 6 – sapato; 7 – bigode; 8 – gola; e 9 – brinco

Cálculo do prazer

Em busca do fundamento da vida moral e da finalidade da vida humana

Nalim Tavares
Especial para A União

Existem perguntas que são feitas há séculos e, no entanto, continuam sem uma resposta definitiva. O que é o fundamento da vida moral? E qual é a finalidade da vida humana? Para os hedonistas, a resposta é o *hedonê*, palavra grega para prazer, que se apresenta nessa doutrina como o bem absoluto para a vida e felicidade dos humanos.

Enquanto doutrina, o hedonismo foi pensado pelo filósofo grego Aristipo de Cirene durante a Antiguidade Clássica – período que se inicia, historicamente, por volta do século 8 a.C., junto aos registros das poesias escritas por Homero, e termina no século 5 d.C. O filósofo foi o fundador de uma corrente conhecida como cirenaica, segundo a qual o prazer e a dor são dois estados de espírito distintos e, enquanto o prazer é bom e suave, a dor é brusca e se opõe ao que é prazeroso.

Ao longo da história, muitos autores conhecidos pelo mundo se propuseram a pensar o hedonismo e contribuir para o debate acerca da importância do prazer para a felicidade humana. Entre eles estão Platão e Aristóteles, Epicuro, Nietzsche e um dos últimos filósofos iluministas a propor a construção de um sistema de filosofia moral, Jeremy Bentham. Em um de seus escritos, nomeado ‘Uma Introdução aos Princípios da Moral e da Legislação’, Bentham disse que “a natureza colocou a humanidade sob o governo de dois senhores soberanos, a dor e o prazer. Cabe apenas a eles apontar o que devemos fazer, bem como determinar o que faremos”.

Em relação às primeiras ideias acerca do hedonismo, muitos dos textos originais de Aristipo se perderam. Entretanto, existem registros que remetem aos pensamentos do filósofo cirenaico e, segundo o livro ‘Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres’ – considerado uma das principais obras da Antiguidade acerca da história da filosofia e dos filósofos gregos, escrita por Diôgenes Laércio –, Aristipo teria dito que “o prazer particular é desejável por si mesmo, enquanto a felicidade é desejável não por si mesma, mas por causa de prazeres particulares. Que o prazer é o fim e é provado pelo fato de que, desde a nossa juventude, somos instintivamente atraídos por ele e, quando o obtemos, não buscamos mais nada e não evitamos nada tanto quanto seu oposto, a dor”.

Nesse sentido, o prazer seria considerado bom, ainda que procedesse de condutas irregulares e indevidas. Por isso, diversos pensadores contrários ao hedonismo, ou que discordam dele em uma certa medida, se dedicaram a discorrer acerca da temática, buscando compreender, de fato, o que o prazer significa para o espírito humano.

Para Sócrates, por exemplo, nada pode ser bom e ruim ao mesmo tempo. O filósofo argumenta que certas dores podem ser benéficas para o ser humano, assim como alguns prazeres podem ser prejudiciais. Sócrates defende a existência de outras coisas boas para além do prazer, e tendo em vista que não há nenhuma característica unificadora entre todos os prazeres, o filósofo considera que não está claro como os hedonistas poderiam afirmar que o prazer, e o prazer apenas, representa o bom.

Já para Aristóteles, é irrefutável que, de alguma forma, todas as espécies animais, humanas ou não, buscam por prazer. Assim, portanto, esse deveria ser bom. Entretanto, o filósofo também discorda do hedonismo, ao defender que existem prazeres que não devem ser buscados. Para Aristóteles, os prazeres seriam dignos de escolha e, se fossem obtidos a partir de ações vergonhosas ou mo-

ralmente incorretas, como traição, não deveriam ser procurados.

Epicuro, por outro lado, é considerado pela filosofia como um hedonista apelidado de “negativo.” Ele defende que evitar a dor é mais importante do que alcançar o prazer e, nesse sentido, na ausência da dor, o prazer estaria assegurado. As ideias de Epicuro tiveram uma forte influência sobre as ideias de outros filósofos, como Lucrécio, Cícero e Virgílio – esse último foi um epicurista na juventude, mas teria abandonado o hedonismo antes de escrever seu famoso poema épico, ‘Eneida’.

Quando as ideias advindas do Cristianismo se tornaram o pensamento dominante do Império Romano, as críticas ao hedonismo mudaram. Pensava-se em Adão, privado do Éden por se deixar enganar e ceder aos seus desejos e prazeres. Os pensamentos acerca do hedonismo, portanto, foram contidos em sua maioria, até o fim da Idade Média, quando o papel do prazer nos interesses humanos volta a ser discutido com mais frequência.



Foto: Arquivo Pessoal

Na linguagem cotidiana, um hedonista é alguém que busca o prazer a todo custo, sem considerar seu bem-estar futuro e muito menos o bem-estar do próximo

Danilo Dantas

Sempre querer mais e sofrer quando não se consegue

Para Danilo Dantas, doutor em Filosofia e professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), os filósofos não costumam ser hedonistas. “Na linguagem cotidiana, um hedonista é alguém que busca o prazer a todo custo, sem considerar seu bem-estar futuro e muito menos o bem-estar do próximo”, explica ele.

“O hedonista estereotipado busca uma vida de ‘sexo, drogas e rock and roll’, mesmo que seus prazeres imediatos resultem em problemas de saúde, arrependimentos ou tristezas futuras. Esse é o ‘paradoxo do hedonismo’: ações motivadas pelo prazer imediato podem proporcionar (e muitas vezes proporcionam) menos prazer a longo prazo do que ações motivadas de outras maneiras”, completa.

Segundo Danilo, quando se fala de hedonismo em Filosofia, é preciso diferenciá-lo entre suas variedades psicológica e normativa. “O hedonismo psicológico é a tese de que todas nossas ações são motivadas pelo prazer ou a dor. Já o hedonismo normativo é a tese de que somente o prazer torna nossas ações corretas ou nossas vidas valiosas. Essa é uma tese sobre como nossas ações devem ser

motivadas e como nossas vidas devem ser vividas”.

De acordo com o professor, “hedonistas de ambos os tipos definem prazer e dor de uma maneira ampla, incluindo tanto fenômenos físicos quanto mentais. ‘Prazer’ inclui todas as sensações ou experiências agradáveis, como uma massagem no pé ou uma lembrança agradável. O mesmo vale para ‘dor’, que inclui a saudade de um ente querido, o medo e a dor propriamente dita de bater o dedinho na quina do móvel da sala”.

O doutor em Filosofia conta que, por mais que alguns filósofos possam ser considerados hedonistas, há sempre um porém. No caso de Epicuro, por exemplo, “o prazer máximo consistia na completa ausência das dores corporais e, especialmente, dores mentais, incluindo o medo dos deuses e os desejos por qualquer coisa que vá além das necessidades básicas da vida humana. Uma vez que experimentamos prazeres desnecessários, como aqueles de uma vida luxuosa ou luxuriosa, passamos a sofrer com desejos dolorosos e difíceis de satisfazer, de ter mais, mais e mais”.

Assim, eventualmente, os desejos ultrapassariam as condições de satisfazê-los, e passariam a interferir na capacidade de viver uma vida tranquila – e prazerosa. “Penso aqui no prazer causado pela liberação de endorfina por ‘likes’ nas redes sociais”, fala Danilo. “Sempre queremos mais e sofremos quando não conseguimos”.



Imagem: Pixabay

MOTIVAÇÃO

Ações e as recompensas psicológicas

Escolhas são motivadas pelo desejo de se tornar cada vez melhor e pela vontade de ser uma pessoa íntegra

Nalim Tavares
Especial para A União

Quando se pensa no hedonismo psicológico – também conhecido como motivacional –, entende-se que “nossas escolhas são motivadas pelo desejo de nos tornarmos pessoas melhores, pelo cuidado com nossos entes queridos ou pelo desejo de sermos pessoas íntegras”, diz o professor Danilo Dantas, doutor em Filosofia, do Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Segundo ele, “só estaríamos motivados a buscar tais coisas porque elas, em última instância, nos trariam prazer. Por exemplo, buscaríamos ser pessoas íntegras apenas pelo prazer de ser reconhecidos como tal em nossa comunidade”.

Para a psicanalista Lara Brandão, recompensas psicológicas são capazes de ditar as ações, tendo em vista que, comumente, “somos recompensados com coisas que despertam em nós algum nível e algum tipo de prazer”. Ela destaca: “Pensamos muito, inclusive, que um determinado sacrifício vale a pena se o final, a nossa conquista, a nossa recompensa, for aquilo que a gente espera”.

Lara explica que essas recompensas não precisam ser grandiosas ou duradouras, precisam apenas ser, no momento, um objeto de desejo. Ela acrescenta ainda que o ato de se recompensar pode motivar uma pessoa a cumprir com suas obrigações. “É aquela ideia de merecer um mimo. Eu trabalhei duro, me esforcei, então por que não me mimar um pouco? Por que não garantir que, no fim, por mais simples que seja, eu não vou me recompensar com algo que quero, e que desejei por muito tempo? É como estabelecer metas. Se eu conseguir fazer essas coisas ao longo da semana, no sábado posso descansar, sair, comprar algo, buscar o meu próprio lazer”.

Danilo Dantas conta que uma das menções mais notáveis ao hedonismo psicológico na Filosofia é o exemplo do Anel de Giges, mencionado por Platão em ‘A República’. O doutor em Filosofia explica que, na obra, Sócrates, que é o personagem principal dos diálogos de Platão, está discutindo com Glauco sobre como os homens reagiriam se possuísem um anel que conferisse ao usuário poderes imensos, incluindo a invisibilidade. “Muito provavelmente”, dissera o professor, “tanto Tolkien (autor de ‘O Hobbit’ e ‘Senhor dos Anéis’) quanto H.G Wells (escritor de ‘O Homem Invisível’ e ‘A Guerra dos Mundos’) leram esse diálogo”.

Em ‘A República’, Glauco afirma que, fortalecidos pelo poder do anel, todos sucumbiriam ao desejo de buscar o próprio prazer, ainda que às custas de outras pessoas. Sócrates, por outro lado, argumenta que as pessoas boas seriam capazes de superar esse desejo, tendo em vista o seu amor pela justiça, alimentado através da Filosofia.

“Não sou tão otimista quanto Sócrates, mas o hedonismo psicológico me parece ser uma visão muito simplista do ser humano. Nós direcionamos nossas vidas, que muitas vezes são ricas de experiências diversas e diferentes umas das outras, para uma infinidade de itens”, diz Danilo. “Nossas motivações, também, têm objetos que são massivamente plurais e diversos. É, no mínimo, muito simplista afirmar que toda motivação humana (toda motivação) tem apenas o prazer como objeto”.



Prazer não é a única coisa valiosa na vida das pessoas

O professor Danilo rememora o experimento mental da “máquina de experiências”, proposto pelo filósofo norte-americano Robert Nozick. “Ele nos pede para imaginar que temos a escolha de nos conectar a uma máquina fantástica que nos oferece a experiência de uma vida de prazeres sem fim e sem dor. A máquina pode nos proporcionar essas experiências de tal forma que, uma vez conectados a ela, não podemos saber que elas não são reais”, disserta o professor. A pergunta é a seguinte: “Você se conectaria à máquina pelo resto de sua vida? A grande maioria de nós rejeita essa escolha, porque, argumenta Nozick, damos valor ao fato de nossas ações terem consequências reais, nossos amigos serem reais e nossas experiências serem reais. E esse valor independe de considerações sobre o prazer e a dor. A ideia não é que o prazer não tem valor ou que sua busca não possa ser um dos objetivos de nossas vidas, mas que o prazer não é a única coisa valiosa e que nossas vidas podem ter outros objetivos”.

Nesse sentido, os relacionamentos, conquistas, conhecimento, caráter e tudo o mais que compõe uma pessoa não seriam, somente, valiosos na medida que despertam prazer. “Encontraríamos neles – e na convicção de que são concretos, reais – outros valores que seriam vantajosos”. Segundo Lara Brandão, nem todo prazer seria fácil, obtido de maneira suave. “Alguns de nós valorizam mais uma conquista que exigiu esforço. Quando trabalhamos muito por algo e somos recompensados com aquilo que desejamos, o prazer, de alguma forma, é maior. Temos a sensação de conquista, de merecimento. Assim nós nem sempre negamos a dor. Apesar de não gostarmos da sensação, do sofrimento, podemos encontrar forças, em algum lugar, para passar através dele, em busca daquilo que, no fim, vai nos dar a sensação de que

Desejos

As pessoas podem ser motivadas pelo prazer para sentirem-se bem e que para isso devam se afastar daquilo que desperta a sensação de desprazer

tudo valeu a pena”. No entanto, Lara diz que existem algumas considerações a serem feitas acerca do hedonismo motivacional. Segundo ela, as pessoas podem, sim, ser motivadas pelo prazer, tendo em vista que, para se sentir bem, seria necessário se afastar daquilo que desperta a sensação de desprazer. Entretanto, é preciso pensar, também, em quais seriam as motivações, os desejos e nos limites que, para a convivência comum, precisam ser estabelecidos entre a busca pelo prazer pessoal e a predominância do egoísmo.

“Buscar o próprio prazer, claro, é até saudável. Mas acredito que tudo precisa de prudência, especialmente quando vivemos em coletivo. Buscar apenas o próprio prazer, como se isso fosse o bem para o mundo, pode acabar se convertendo em egoísmo e egocentrismo”, fala a psicanalista. Para Lara, esse é o desafio do hedonismo motivacional ou psicológico: “Direcionar as nossas vidas, crenças, intenções, pensamentos, aspirações e tudo o mais pensando em nós e no nosso bem-estar, mas também no coletivo, no diverso. Essa diversidade, inclusive, remete a nós mesmos e aos nossos interesses. Nossas motivações possuem objetivos plurais”, finaliza.

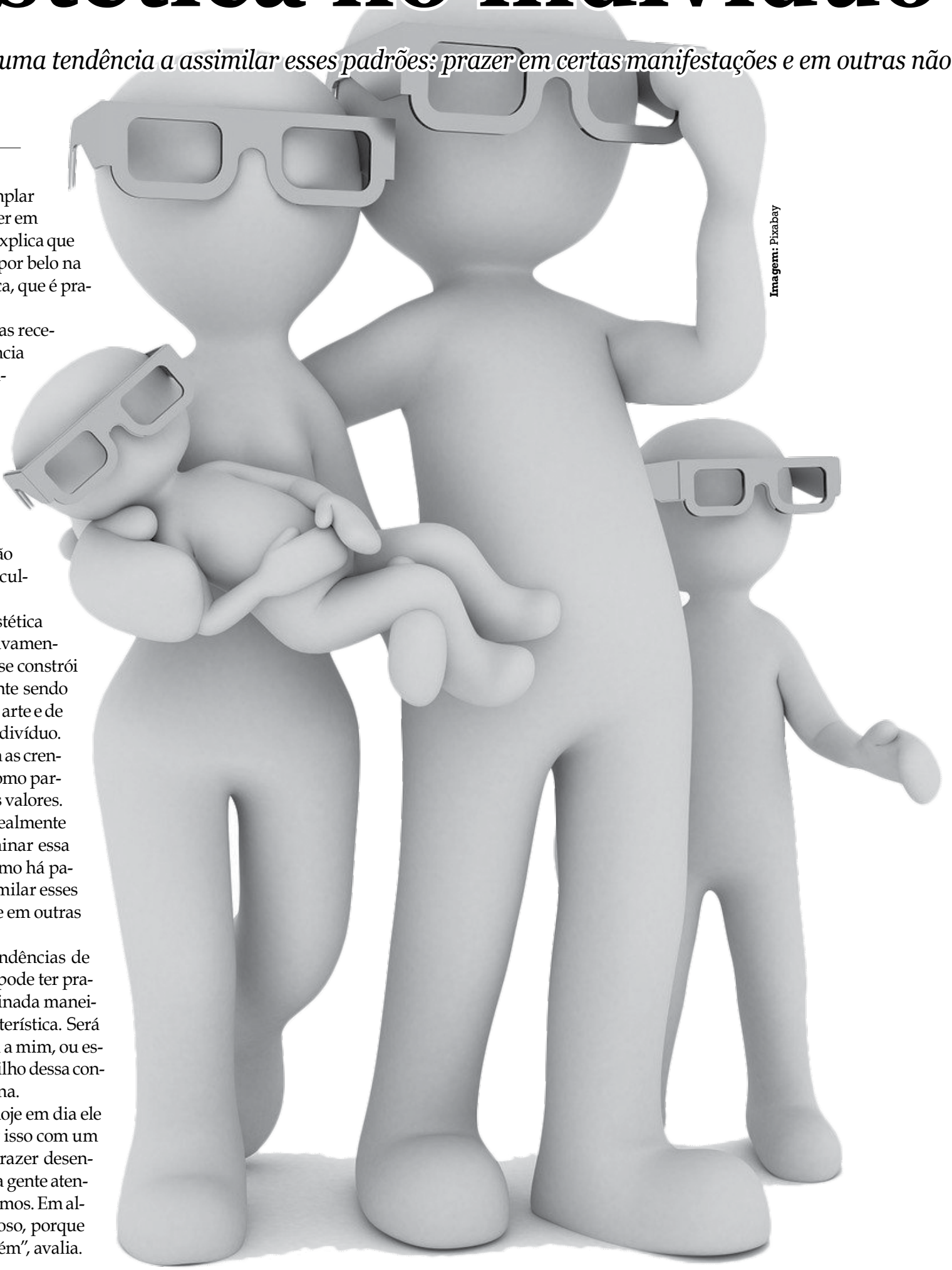


ESTÍMULOS CULTURAIS

Fluição estética no indivíduo

Há padrões culturais compartilhados e há uma tendência a assimilar esses padrões: prazer em certas manifestações e em outras não

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com



Ir ao teatro, assistir a um filme ou simplesmente contemplar o mar são atividades simples do dia a dia que causam prazer em quem as pratica. O doutor em Filosofia Francisco de Assis explica que o hedonismo estético está relacionado ao que “se entende por belo na nossa cultura atual” e como isso se reflete na fluição estética, que é prazer do indivíduo.

Ele destaca a gama de estímulos culturais que as pessoas recebem diariamente e como lidam com eles. “Há uma tendência natural a tipos de fenômenos. É mais economicamente viável alguns estímulos do que outros. Essa é a ideia do hedonismo como valor. O hedonismo como estética é também culturalmente determinado. Se alguém vive mais essa vida de receptionar esses estímulos estéticos e tomá-los como seus, vai viver a vida da maioria, vai receptionar todos esses valores. O valor como bem, a estética como prazerosa, mas alguém que vive de forma mais artística, que tende a constituir esses valores para si, não vai achar tão prazeroso participar de shows de massa ou tipo de eventos culturais que geralmente está em evidência”, diz.

No hedonismo estético existe a constituição de uma estética prazerosa, podendo ser prazeroso para quem recebe passivamente isso e pode ser esteticamente prazeroso na medida que se constrói maneiras de ver a vida artisticamente, não necessariamente sendo um artista, mas, por exemplo, escolhendo manifestações de arte e de cultura que convêm ao seu caráter e personalidade como indivíduo.

“O problema do hedonismo é como se relaciona isso com as crenças coletivas, as opiniões e como alguém receptiona isso como parte de suas crenças e passa a justificar isso com vistas a esses valores. Ele sabe justificar porque está escolhendo isso? Ele está realmente escolhendo? Os excessos, quaisquer que sejam, podem minar essa busca pelo prazer e leva-nos a repensar. A ideia de que como há padrões culturais compartilhados e há uma tendência a assimilar esses padrões, a gente pode ter prazer em certas manifestações e em outras não”, pontua Francisco de Assis.

Também estão inseridos no hedonismo estético as tendências de moda e padrões de beleza adotados atualmente. “A gente pode ter prazer ao olhar para alguém que está vestido de uma determinada maneira, que está com o cabelo, barba de uma determina característica. Será que estou obtendo prazer por aquilo que se mostra e chega a mim, ou estou obtendo prazer porquê de alguma maneira eu compartilho dessa contemporaneidade e a novidade é que é prazerosa?”, questiona.

O hedonismo surge na antiguidade como problema e hoje em dia ele é apontado como saída. “Voltaria a importância de pensar isso com um pouco mais de calma. É interessantíssimo a busca pelo prazer desenfreado porque nos leva ao consumo, nos leva a consumir e a gente atende às expectativas daqueles que esperam que nós consumamos. Em algum momento consumir em demasia se torna desprazeroso, porque não somente faz mal à saúde financeira, mas a física também”, avalia.

Hedonismo axiológico: o valor é o próprio prazer

No hedonismo axiológico há uma tendência a acreditar que o valor é o próprio prazer, e que esse prazer coincide com o bem, o bem supremo, a maior forma que os homens podem desfrutar. Há uma correção de alguns por outro lado de que não é indiscriminadamente todo e qualquer prazer, mas apenas aqueles prazeres dignos.

“Existe um diálogo entre Sócrates e Protágoras em que Sócrates conduz o sofista Protágoras a essa questão do hedonismo e ele então pergunta: então Protágoras, essa vida boa é a busca tão somente pelo prazer e fuga da dor? Protágoras vai se resguardar, ele vai dizer: não qualquer forma de prazer, não qualquer maneira de obtê-lo, mas um prazer que seja coincidente com aquilo que nós estimamos como digno, como coisa bela”, explica o doutor em Filosofia.

Francisco de Assis reforça que há um hedonismo onde o prazer é simplesmente o bem, o valor, sem outras considerações, além das quais sejam mais prazer ou menos prazer e existe uma dimensão qualitativa, nem todo e qualquer prazer é justificá-

vel. Muitos veem o hedonismo como saída, fuga, solução. Mas a tese traz à tona novamente uma questão levantada na Antiguidade: todo e qualquer prazer em vistas de qualquer circunstância válido ou é necessário pensar em um prazer, como diz Aristóteles, proporcional e na medida da nossa constituição e dos nossos projetos?

“Uma busca pelo prazer sem qualificações outras que não o próprio prazer ou uma busca pelo prazer que envolva outros aspectos normativos axiológicos. Não o prazer em si, como causa, justificativa e fim da ação, mas um prazer que seja concomitantemente compatível com os valores que nós constituímos ou julgamos ser dignos de uma vida feliz”, diz o professor.

A vivência de experiências dolorosas faz a pessoa buscar o prazer para anular uma vida dolorosa, sofrida e isso seria considerado como um valor positivo. O professor de Filosofia ressalta que é importante buscar uma vida que contemple prazer, que seja maximamente prazerosa. “É impossível que uma vida boa seja prioritariamente dolorosa”, arremata.



A gente pode ter prazer ao olhar para alguém que está vestido de uma determinada maneira, que está com o cabelo, barba de uma determina característica

Francisco de Assis

Abrir mão do prazer imediato por um outro prazer futuro

Às vezes o indivíduo se vê diante de um cenário em que precisa abrir mão de um prazer imediato em vistas de um prazer futuro. Para o professor Francisco de Assis essa é uma conduta difícil de adotar. Isso mostra o hedonismo de um ponto de vista ético, por ser o tipo de conduta pensada racionalmente ao contrário de uma grande parte de condutas que são tomadas pelos indivíduos e não são pensadas.

No hedonismo ético ou normativo, a ação do indivíduo busca proporcionar prazer ao maior número possível de pessoas. Por vezes, o bem-estar de alguém implica no sacrifício pessoal de outro. “Se formos pensar em pais e mães, obviamente que eles estão sacrificando o seu prazer enquanto indivíduos pelo bem-estar de alguém e se eles obtêm algum tipo de satisfação nisso talvez não seja imediatamente o prazer momentâneo, mas talvez um outro tipo de prazer que é ver o bem-estar do seu filho”, pontua Francisco de Assis.

O prazer normalmente está relacionado a ter dinheiro, posses, prestígio. O professor relaciona tal fato com a justiça social, o que mostra que a busca pelo prazer caminha paralelamente à ideia de justiça social. “Se todos estão em busca do prazer, mas não pensam nisso de forma refletida, acaba que o consumo, o desperdício, o gozo em excesso de uns em detrimento da muita falta que todos sentem. Falta para todos, por mais que a gente se iluda que a posse material, riquezas sejam suficientemente capazes de nos proporcionar uma vida feliz, as pessoas ricas ainda estão buscando se tornarem mais ricas, então elas têm uma sede que não se sacia”, avalia.

Ele ressalta que prazeres obtidos com o sucesso de uma carreira, no interior de uma família quando estão todos harmonizados, bem consigo e com os outros, além de realizações intelectuais pessoais, muitas vezes culturalmente não são tidas como valiosas e não são estimuladas.

“A maioria acredita que o prazer é a riqueza, o poder, o prestígio, embora não possa participar disso de forma equitativa, parece que estamos sempre em busca de situações que envolvam isso. Uma pequena parcela pensa diferente, que talvez haja que incluir nessa busca pela felicidade a sabedoria, o poder e uma outra forma de pensar menos imediato que vise valores menos perenes”, afirma o professor.

O problema não é propriamente o prazer. O problema são os motivos, os fatores e como alguém justifica suas ações voltadas para o prazer. Se inclui nisso uma medida, se pensa uma relação com o outro, com os seus limites. Não é possível uma vida exclusivamente de prazer. O hedonismo, segundo Francisco de Assis, se torna um problema se essa crença está no indivíduo de forma isolada de outras relações com os outros e com outros valores.

HEDONISMO

Eterna procura pelo prazer

Alguns acreditam que buscar o bem e evitar o mal consiste em maximizar fatos onde se desfrute situações prazerosas

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com

A busca pelo prazer é algo inerente ao ser humano e consiste até mesmo na realização de atividades corriqueiras. O doutor em Filosofia Francisco de Assis explica que o hedonismo está caracterizado como uma conduta orientada para o prazer, considerado que o bem é o prazer e, portanto, a via para a felicidade.

Alguns acreditam que buscar o bem e evitar o mal, ou o desprazer, consiste em maximizar situações na vida onde se desfrute de prazer, de situações prazerosas. O trabalho, por exemplo, não é visto como algo prazeroso. “Há os prazeres da bebida, da comida, os sensuais e alguns poucos filósofos acreditam que há prazer na atividade do pensamento, da descoberta, de dialogar com os amigos”, explica o professor.

Porém, entre os filósofos existem os que defendem que o bem é o prazer e que uma vida feliz é uma vida onde se goza maximamente do prazer e se evita ao máximo o desprazer. “Alguns vão simplesmente dizer que é buscar a maior parcela de prazer possível, e aí entra um cálculo, que a gente chama de cálculo hedonístico, caracterizado por Platão no ‘Diálogo Fédon’, como uma espécie de conduta que

é justificada por um cálculo: eu agora deixo de fazer algo, aparentemente prazeroso, em vistas de um prazer maior que eu obterei futuramente”, conta Francisco de Assis.

Nessa forma de cálculo se pensa no quantitativo de prazer que o indivíduo pode obter. Outro tipo de cálculo consiste em considerar as coisas como meios para obtenção do prazer. Como, por exemplo, um político que se envolve com a política não para atingir a finalidade própria da função que é o bem comum, mas por aquilo que pode obter a partir da ocupação desse espaço, como dinheiro, fama, honra, prestígio, ser chamado para lugares de destaque a exemplo de festas, casas de pessoas influentes.

“Ele acredita, inclusive, que estar na política, que é de certa forma desocupar-se das suas coisas pessoais para ocupar-se das coisas públicas, o que não é imediatamente prazeroso. Vale a pena por quê? Depois desse exercício eu estarei livre para receber outras coisas, prestígio, honra e com isso obter prazer. Ser recebido com boa comida, boa bebida. Platão cita isso com um cálculo, onde a racionalidade está sendo usada de alguma maneira não em vista daquilo que é o melhor para ele”, pontua.

Quando a busca pelo júbilo é prejudicial



Foto: Pixabay

“O ser humano, de uma forma geral, vai buscar o prazer e não só pelo simples fato de sentir o prazer, mas de amenizar o sofrimento. Quando falamos sobre a busca pelo prazer eu só consigo entender o que é prazeroso se eu sei o que me faz sofrer. Os estímulos, os objetos são neutros a gente que vai atribuir os valores. Isso vai desde o prazer sexual até uma comida”, explica o psicólogo Neemias Oliveira.

O excesso na busca pelo prazer mostra um sujeito com tendências a um pensamento histriônico, intenso e com “gotas de narcisismo”. Entre os malefícios apontados por Neemias está a falta de empatia pelas outras pessoas. “Enquanto eu busco satisfazer o meu prazer, eu

preciso entender que o outro também busca e precisamos desse outro pra sobreviver. Não é só um prazer próprio, é um prazer também do outro. Essa busca pelo prazer tem total relação com a felicidade”, garante.

Ele cita como uma preocupação contemporânea o uso das redes sociais e os padrões estabelecidos a partir delas. “Ativa no ser humano algo que ele já carrega que é a não satisfação do desejo. A gente chega muito perto da sensação de prazer quando desejamos. Isso causa problema nos relacionamentos. Se a pessoa é a mesma, ela já não atende aos meus desejos então na busca pelo prazer eu vou atrás de um caso extracnjugal, isso acontece com casais

que não dialogam. Eu deixo de desejar aquilo que eu tenho. Essa busca pelo prazer, pela novidade, por aquilo que eu não tenho ainda”, afirma Neemias.

Alguns sinais podem “acender o alerta” de quando a busca pelo prazer se torna prejudicial, a exemplo de interferência nos relacionamentos interpessoais e atitudes egoístas. Merecem atenção também comportamentos que excluem o prazer.

“A pessoa que é extremamente hedonista e ela só se atenta aos seus desejos e acha que o prazer é a única coisa que ela deve buscar e não entende que o desprazer faz parte. Existe também o outro lado, que são as pessoas que não buscam o prazer de forma alguma, preferem satisfazer ao prazer do outro, não buscam aquilo que realmente quer e desejam. Existem pessoas que estão há décadas sem fazer algo que goste. Que não sabem dizer do que gostam”, arremata Neemias.

Estoicos e epicuristas

Uma grande polêmica surge no helenismo entre os estoicos e os epicuristas. Se

por um lado os estoicos tendem a considerar que a vida feliz é a prazerosa, Epicuro diz que não é a busca indiscriminada pelo prazer, algo momentâneo, porque existem os prazeres que em seguida são dolorosos.

Segundo o chefe do Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Francisco de Assis, o prazer também serve como uma espécie de medida das ações que são equilibradas e harmoniosas com a constituição física e psíquica do indivíduo. “Se estamos sentindo prazer em determinada atividade, isso é sinal de que aquilo está em acordo com as nossas capacidades e a nossa condição física e psicológica e a dor seria o sinal de que algo está errado” explica o professor.

Nem sempre a busca pelo mais significa o caminho para uma vida feliz e pode ser, inclusive, a ruína de um indivíduo e até de uma nação. O professor Francisco de Assis lembra que os estoicos tendem a polemizar com os epicuristas a respeito do prazer ser simplesmente fim, objetivo para vida feliz. Eles acreditam que a vida feliz passa por outros tipos de valoração para que assim seja eficazmente obtida a felicidade.

“Se torna novamente polêmico no período contemporâneo. A Filosofia não é levada em consideração em momento nenhum nesse debate, mas há uma questão hoje em dia novamente do hedonismo. As nossas formas de vida ou estão muito orientadas para o trabalho, e a gente entende o trabalho como uma forma de obter meios para o recreio, o lazer, para obter algum prazer, porque o trabalho em si, na maioria dos casos não é prazeroso”, pondera Francisco de Assis.

Ele acrescenta que atualmente as pessoas tendem a extravasar aos finais de semana, quando se desprendem de todas as atividades que não são prazerosas. “E o prazer se tornou novamente um valor, para se obter. É mesmo uma competição: quem curte mais, quem se diverte mais, quem esbanja mais, consome mais”, avalia o professor.



Foto: Marcos Russo

Imagem: Pixabay

“

O ser humano, de uma forma geral, vai buscar o prazer não só pelo simples fato de sentir o prazer, mas de amenizar o sofrimento

Neemias Oliveira